

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Isabela Reynaldo Dias Fernandes

REVERBERAÇÕES DO TELEVISIVO NA AMBIÊNCIA DIGITAL:

interações e resposta social no *Twitter* em um caso de racismo na TV

Belo Horizonte

2023

Isabela Reynaldo Dias Fernandes

**REVERBERAÇÕES DO TELEVISIVO NA AMBIÊNCIA DIGITAL:
interações e resposta social no *Twitter* em um caso de racismo na TV**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Projetos Mdiatizados de Interação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ercio do Carmo Sena Cardoso.

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F363r Fernandes, Isabela Reynaldo Dias
Reverberações do televisivo na ambiência digital: interações e resposta social no *Twitter* em um caso de racismo na TV / Isabela Reynaldo Dias Fernandes. Belo Horizonte, 2023.

141 f.

Orientador: Ercio do Carmo Sena Cardoso
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

1. Racismo. 2. Telejornalismo. 3. Comunicação de massa. 4. Liberdade de opinião. 5. Redes sociais - Aspectos sociais. 6. Antirracismo - Análise do discurso. 7. Twitter (Rede social on-line). 8. Interação social. 9. Usuários da Internet - Comportamento. I. Cardoso, Ercio do Carmo Sena. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 659.3

Isabela Reynaldo Dias Fernandes

**REVERBERAÇÕES DO TELEVISIVO NA AMBIÊNCIA DIGITAL:
interações e resposta social no *Twitter* em um caso de racismo na TV**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Prof. Dr. Ercio Sena – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Márcio de Vasconcellos Serelle - PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Pedro Vaz Perez - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 27 de junho de 2023

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, por Ele me amar e cuidar de mim e me permitir concluir o mestrado.

Meu orientador Ercio por tamanha dedicação e entrega.

Aos professores da banca Serelle e Pedro que fizeram apontamentos essenciais.

À Andrezza, minha filha amada, companheira, que entendeu as noites em que não a coloquei na cama pra dormir e as manhãs em que não a levei para escola para que eu pudesse ficar estudando. Obrigada minha filha por ser do jeitinho que você é e por ser tanto pra mim. Você é o meu coração que bate fora do peito. Você é parte disso tudo. Eu te amo.

Ao Daniel, meu marido, amigo, homem zeloso, pai maravilhoso. Cuida de mim, da nossa filha, da nossa família, cuida da nossa casa. Honesto, fiel, companheiro, parceiro. É a minha maior inspiração e meu incentivador de vida. Obrigada por caminhar sempre de mãos dadas comigo. Daniel é o cabeça da nossa casa, da nossa história e eu te amo, meu dono.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar e compreender as reverberações antirracistas no *Twitter*, tomadas como respostas sociais sobre a mídia em um programa televisivo. A atitude racista de um apresentador de TV e seus desdobramentos serão estudados por meio de embasamentos teóricos, refletindo comentários que propõem uma atitude crítica, a partir das lutas por reconhecimento no contexto de um sistema de resposta social. A midiatização que atravessa a sociedade em seus processos interativos será tomada como conceito importante para entender as dinâmicas comunicacionais contemporâneas. Pretende-se com isso valorizar e perceber a dinâmica e a formação desses espaços de agregação e interesses diversos, principalmente nas redes sociais, em particular o *Twitter*, na repercussão de um programa de televisão.

Palavras-chave: sistema de resposta social; crítica e reconhecimento; programa de televisão; *Twitter*

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to investigate and understand the anti-racist reverberations on Twitter, taken as social responses about the media in a television program. The racist attitude of a TV presenter and its consequences will be studied from theoretical bases, reflecting comments that propose a critical attitude, from the struggles for recognition in the context of a social response system. The mediatization that crosses society in its interactive processes will be taken as an important concept to understand contemporary communicational dynamics. It is intended to value and perceive the dynamics and formation of those spaces of aggregation and diverse interests, especially in social networks, in particular Twitter, in the repercussion of a television program.

Keywords: social response system; criticism and recognition; television program; Twitter

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVERBERAÇÕES DE UM DISCURSO RACISTA NO SISTEMA DE RESPOSTA SOCIAL, CRÍTICA E RECONHECIMENTO.....	15
2.1 O racismo na TV e o sistema de resposta social na sociedade midiaticizada.....	15
2.2 Como a crítica é percebida?	22
2.3 Liberdade de expressão e o crime de racismo.....	36
2.4 Reconhecimento e reação ao racismo	39
3 ALTEROSA ALERTA: JORNALISMO OU ENTRETENIMENTO?	47
3.1 Jornalismo na TV	47
3.2 Entretenimento	52
3.3 Os limites entre jornalismo e entretenimento aplicados no Alterosa Alerta.....	58
4 A REPERCUSSÃO TRANSMIDIÁTICA	68
4.1 O <i>Twitter</i>, as redes sociais e as reverberações	68
4.2 A rede <i>Twitter</i> como ferramenta de comunicação transmidiática	74
5 REVERBERAÇÕES NO <i>TWITTER</i> SOBRE UM CASO DE RACISMO NA TV.....	82
5.1 Procedimentos para análise	82
5.2 O método aplicado na análise da repercussão midiática	85
5.2.1 <i>Reação ao ato racista.....</i>	85
5.2.2 <i>Relação do fato com o contexto político brasileiro.....</i>	93
5.2.3 <i>Relação com o posicionamento do repórter ao vivo frente ao ato racista cometido pelo apresentador.....</i>	96
5.2.4 <i>Defesa do apresentador frente ao crime de racismo.....</i>	99
5.2.5 <i>Reações com palavrões e agressões.....</i>	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110

REFERÊNCIAS..... 117

APÊNDICE A – TWEETS TRANSCRITOS..... 121

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda as reverberações, ou seja, a forma como se deu no *Twitter* a interação com um ato racista em um programa de TV aberta. O objetivo é refletir sobre as interações promovidas na referida rede social em decorrência de um comentário racista feito pelo apresentador Stanley Gusman, da TV Alterosa, no dia 9 de julho de 2019, durante um programa ao vivo: o Alterosa Alerta. Por meio de uma revisão bibliográfica e análise de dados e discurso, foi investigado de que maneira se deram as interações com esse acontecimento no *Twitter*.

Stanley Ramos Gusman era um advogado (faleceu em 10/01/2021, vítima de Covid-19) que, ao fazer pequenas participações respondendo perguntas de telespectadores sobre direitos dos cidadãos, acabou ganhando mais espaço até se tornar apresentador e comprar um espaço na TV Alterosa, produzindo um programa próprio: o Alterosa Alerta.

Esse programa era diário, com uma hora de duração ao vivo, entre 12h30 e 13h30. Era um dos principais programas da TV Alterosa, afiliada do SBT em Minas, com público de perfil econômico, classes C, D e E e com alcance em pelo menos 813 municípios mineiros. Na linha editorial, deveria seguir as diretrizes do Sistema Brasileiro de Televisão, SBT e TV Alterosa. Entretanto, Stanley se denominava independente.

No dia 9 de julho de 2019, o apresentador de televisão, Stanley Gusman, seguia com o programa, quando, ao questionar uma situação, ultrapassou o limite do papel de apresentador e adotou o tom de um âncora que fazia apologia ao crime. Ao questionar a confiabilidade do instituto de pesquisa Ibope, Stanley disse que os resultados fornecidos pelo instituto não eram sérios. Eram resultados manipulados para favorecer quem tivesse um contrato que pagasse um valor mais alto em termos financeiros. Ele continuou dizendo que o Ibope passava por dificuldades financeiras e que os gestores certamente não conseguiriam mantê-lo funcionando. E foi na fala seguinte que tudo mudou para o apresentador, para a equipe e para os telespectadores, com grandes reverberações nas redes sociais.

Stanley disse que sabia quem era o dono Ibope e que se chamava “Montenegro”. E que se ele fosse uma pessoa do bem, se chamaria “Montebranco”. No mesmo momento, Stanley foi advertido pela direção do programa por meio do ponto que ele tinha no ouvido. Gusman foi informado de que a fala dele era equivocada e o que ele havia dito era crime de racismo e que ele deveria, naquele exato momento, se corrigir e se explicar. Foi informado de que as pessoas que estavam ali na coordenação do programa, que trabalhavam com ele diariamente, estavam chocadas com o que ele havia dito e que ele deveria se retratar

imediatamente. Tudo isso aconteceu em fração de segundos, com o programa no ar.

Gusman já havia terminado de falar sobre o assunto “Montenegro” e se dirigia para outra câmera no estúdio para fazer o que é chamado de testemunhal, um comercial feito dentro do programa pelo próprio apresentador. Ele faria a propaganda de um colchão, quando parou o deslocamento e, antes mesmo de começar a ler o texto do comercial, voltou para o assunto, momento em que ele se complicou ainda mais.

O apresentador tentou se explicar, dizendo que se referia à clareza, transparência e clareza na divulgação das informações e não à cor da pele ou raça. Ele disse que se referia à palavra “Montenegro” como sendo algo escuro, com pouca clareza, sem transparência, mas não adiantou. Ao tentar consertar o que ele achava que não estava errado, ele acabou reafirmando a posição racista.

Uma opinião geral começou a ser formada. Políticos entraram no assunto pelas redes sociais. O repórter do programa que estava ao vivo com o apresentador no momento da apresentação, pediu demissão. Rafael Martins, no exercício do cargo de deputado estadual, disse ter ficado “sem graça” no momento do comentário e que não se sentia mais à vontade para fazer parte da equipe do programa. Fez uma carta para publicação nas redes sociais, execrando ainda mais a atitude e o próprio apresentador. A seguir, na íntegra, a transcrição da nota oficial divulgada no dia 10 de abril de 2019, na página do *Facebook* do deputado estadual Rafael Martins.

Venho a público me manifestar na condição de jornalista e deputado estadual eleito por Minas Gerais. Em dezoito anos de carreira na televisão, nunca me senti tão constrangido e desconfortável como na edição desta terça-feira, 09, do Alterosa Alerta, exibido na TV Alterosa afiliada do SBT. Afirmacões racistas, ainda que em um tom jocoso, devem ser repudiadas com veemência por todos aqueles que defendem uma sociedade inclusiva, na qual os direitos alcancem indistintamente os cidadãos. E eu me encontro entre esses. Em função das declarações do APRESENTADOR, Stanley Gusman, DECIDI DEIXAR O PROGRAMA ALTEROSA ALERTA, no qual atuava como repórter há quase quatro anos, essa decisão irrevogável é uma clara manifestação de solidariedade a todos os que se sentiram ofendidos pela declaração, entre os quais eu me incluo. (MARTINS, 2019).

O programa terminou no horário costumeiro e todos seguiram suas vidas. Entretanto, na tarde do mesmo dia, a situação se agravou. O assunto ganhou força nas redes sociais e ficou fora de controle. Várias pessoas *tweetando*, reverberando, comentando, reagindo e, claro, condenando a atitude racista do apresentador. Para Stanley, era a desconstrução de uma história, da própria carreira. E ele ainda acreditava que não havia cometido nenhum crime, mesmo com tamanha repercussão. Por telefone, ele falou com os colegas, com a diretora do programa e ainda com diretores da emissora. Ele insistiu dizendo que não havia

feito nada de errado. Ele afirmou que não havia cometido nenhum crime e que não tinha sido e nem era racista. No dia seguinte, a direção, não mais do programa, mas da emissora, escreveu um editorial, determinando que o apresentador começasse o novo episódio lendo um pedido de desculpas.

Stanley ficou inconformado ao ter que ler alguma coisa que ele não acreditava, até porque insistia não ter cometido nenhum ato racista. Ele alegou que havia sido mal interpretado. E mesmo após o pedido de desculpas, no dia seguinte, a situação não foi revertida. O dissenso em torno do acontecimento já havia causado um enorme estrago.

A seguir a transcrição na íntegra do trecho de abertura do programa *Alterosa Alerta* do dia 10 de julho de 2019.

Antes de começar o *Alterosa Alerta* de hoje eu tenho que me manifestar pelo erro que cometi ao comentar resultados da audiência no início do programa de ontem. Eu peço, humildemente, desculpas a quem possa ter ofendido. Eu estou, absolutamente, constrangido por isso. Eu peço desculpas a você telespectador da TV Alterosa que sempre me dedicou confiança e carinho. Eu peço desculpas ao meu colega de programa, Rafael, que de alguma forma eu expus durante o meu comentário. Peço desculpas também a TV Alterosa por este meu erro. Por fim, eu quero dizer que esse episódio, está me permitindo refletir muito. Me desculpem.

O editorial lido foi escrito por um dos editores da TV Alterosa. Stanley chegou a questionar e dizer que não concordava com o que lhe estava sendo imposto. Ele afirmava não estar errado, que não era racista e que estava sendo mal interpretado. Não houve flexibilização. Foi dada uma ordem e Stanley a cumpriu de forma seca e objetiva. Assim que terminou a leitura do editorial, veio o intervalo comercial e, no retorno, Stanley voltou a conduzir o programa como se nada tivesse acontecido. Em segundos, a apropriação da fala racista havia ganhado proporções que ele não imaginaria, despertando uma forte reação nas redes sociais com a qual não contava.

A proximidade com o objeto se deve ao fato de que eu era diretora do programa *Alterosa Alerta* no dia do ato racista. Atuando como editora executiva na TV Alterosa, era eu quem estava na direção do programa e fui a pessoa que deu o aviso para Gusman, alertando-o sobre o que ele havia dito. Eu disse a ele que era crime, que precisaria se retratar e se desculpar pelo que tinha dito. E ainda, tentar, pelo menos, explicar o que queria dizer. Ainda, no meio da tarde, recebi o telefonema do repórter Rafael Martins que foi quem me informou sobre a repercussão no *Twitter*. Assim, por ter vivenciado todo o momento, tive bastante clareza para expor sobre o objeto empírico. Esse fato tornou a pesquisa mais fácil e ao mesmo tempo foi o dificultador. Tamanha era a proximidade com o objeto que muitas vezes foi conflitante trazer para a pesquisa algo sem julgamento, imparcial. Precisei ter ainda mais cuidado para não contaminar o trabalho. Quando o pesquisador está muito próximo do objeto

de pesquisa, pode haver uma tendência a se envolver emocionalmente ou ter uma visão excessivamente subjetiva sobre o assunto. Da mesma maneira pode ser comprometida a imparcialidade, o distanciamento crítico, possibilitando até limitar os resultados. Esse foi um trabalho conflitante e que poderia ser arriscado. Por isso, precisei ser ainda mais meticulosa e cuidadosa para que houvesse um afastamento do objeto empírico.

Foi importante primeiro estar bem consciente de qual era a minha opinião sobre o ato, para que então, depois disso, pudesse ter outro viés de abordagem e assim manter uma postura imparcial, buscando novas alternativas de perspectivas e pontos de vista sobre o objeto de pesquisa. Por isso, para buscar esse distanciamento, conversei longamente com várias pessoas que presenciaram junto comigo o ato racista, ouvi colegas de profissão. Muitos deles ainda fazem parte da equipe da TV Alterosa e do Alterosa Alerta. E, a partir de opiniões e relatos diferenciados, fui me afastando do meu ponto de vista e sentimentos sobre o objeto. Foi esse ponto um desafio ainda maior para mim como pesquisadora.

Neste trabalho, foram problematizados os níveis de respostas que ocorreram no *Twitter*. Foram analisadas as reações e as compreensões como críticas, ou se, no sistema de resposta social, elas poderiam ter outras dimensões ativadas pela luta por reconhecimento contra o racismo. Não se descarta, ainda como hipótese, o fato de que essas dimensões estavam presentes no processo analisado. São ainda identificadas, classificadas e categorizadas essas respostas, como reflexão sobre o contexto relacional das redes, marcado por lutas contra a discriminação e contra a opressão.

O que se ressalta neste trabalho é a discussão acerca das interações entre diferentes ambientes midiáticos, referentes às mídias sociodigitais e outras, como a TV, que precede a emergência das redes. Abordou-se de que maneira ocorreu essa interatividade transmidiática, conceito tratado mais à frente neste trabalho.

Outra questão abordada foi a classificação do programa Alterosa Alerta, que se encaixa na categoria infotainment. Foi explicada, por meio de uma revisão bibliográfica, o tipo de programa jornalístico, de entretenimento e ainda o de infotainment. Analisou-se a rede social *Twitter*, de acordo com a sua importância e algumas das suas aplicações e utilizações. A metodologia utilizada para o estudo das reverberações no *Twitter* foi a análise de conteúdo. Procurou-se entender a razão de um assunto, que então era do ambiente televisivo, deixou esse espaço para repercutir em uma rede social. Para isso, foram analisados, classificados e categorizados 323 *tweets* que repercutiram no dia 9 de julho, logo após o ato racista cometido por Stanley Gusman.

Como as pessoas responderam no *Twitter*? Quais foram os comentários que

despertaram os interesses dos telespectadores e internautas nas redes sociais? De que maneira pode-se pensar nas interações e reverberações, a partir da análise dos comentários no *Twitter*, sobre o episódio de racismo envolvendo o apresentador Stanley Gusman da TV Alterosa? Que tipos de comentários apareceram no *Twitter*? Como as pessoas responderam no *Twitter*? Quais valores aparecem nos diferentes comentários de reverberações da fala racista?

Como o apresentador Stanley Gusman da TV Alterosa não tinha o controle sobre a repercussão da própria fala, os desdobramentos desse fato tiveram repercussões imprevisíveis, graças às redes sociais, em particular no *Twitter*.

O apresentador foi suspenso sob a alegação de que estava de férias, a partir do dia seguinte ao pedido de desculpas. O programa ganhou um monitoramento por parte da diretoria da TV Alterosa, fato nunca ocorrido antes.

Assim, entende-se que se tornou importante fazer uma análise sobre o episódio: a discussão acerca da luta pelo reconhecimento de como as pessoas que reverberaram no *Twitter* perceberam naquele lugar um meio para ganharem voz e lutarem por direitos e, nesse caso específico, contra o crime de racismo.

Esta dissertação, depois desta Introdução, estruturalmente se apresenta da seguinte forma. No capítulo 2, a proposta foi de discutir teoricamente o racismo na TV e o sistema de resposta social na sociedade midiaticizada, como a crítica é percebida, a liberdade de expressão e o crime de racismo e reconhecimento e reação ao racismo.

No capítulo 3, a discussão foi sobre jornalismo e /ou entretenimento na TV e o questionamento dos limites entre jornalismo e entretenimento aplicados no programa Alterosa Alerta.

No capítulo 4, o tema de discussão foi sobre o *Twitter* como uma rede social e como ferramenta de comunicação transmidiática promovendo interações e reverberações de notícias.

O capítulo 5 apresenta o método aplicado na análise da repercussão midiática e as respectivas análises dos tweets, levando em consideração o tema desta dissertação: reverberações no *Twitter* sobre um caso de racismo na tv.

E finalmente no capítulo 6 são apresentados os apontamentos e as considerações finais.

2 REVERBERAÇÕES DE UM DISCURSO RACISTA NO SISTEMA DE RESPOSTA SOCIAL, CRÍTICA E RECONHECIMENTO

2.1 O racismo na TV e o sistema de resposta social na sociedade midiaticizada

Após assistirem a um ato racista no programa de TV em questão, algumas pessoas repercutiram o fato nas redes sociais. Esse movimento tem a ver com o que José Luiz Braga (2006) entende como parte de um sistema de resposta social.

O autor demonstra que dois ângulos da midiaticização da sociedade são bastante explorados pelos estudos de comunicação: o da emissão e o da recepção. Eles são fundados na tradicional descrição do processo de comunicação como uma relação entre emissor e receptor (através de um canal – que seriam os meios de comunicação).

Braga (2006) trabalha a correlação, o dualismo entre mídia e sociedade, criticando essa perspectiva. Por ela, a sociedade é vista como passiva – mesmo enfrentando as interferências está sempre na posição de receptora. Já a mídia é ativa, na medida em que é ela que produz estímulos por meio das mensagens. Esses processos bidirecionais não acontecem apenas agora com os aparatos e meios tecnológicos. Para o autor, eles estão presentes mesmo antes do advento dos fluxos comunicacionais digitais.

A partir dessa compreensão, Braga (2006) propõe um terceiro sistema de processos midiáticos: o sistema de interação social sobre a mídia, ou ainda, o sistema de resposta social. Esse terceiro sistema corresponde às atividades de resposta produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos.

Nele, os casos de interatividade social ampla são aqueles em que as informações circulam na sociedade, tornando-se um domínio comum. O processo social contínuo, a ideia de emissor original, é simplificadora, pois não há primeira mensagem. Um apresentador de programa de televisão, por exemplo, já está tentando responder a solicitações ou lacunas do próprio sistema de circulação. Na perspectiva de Braga (2006), trata-se de um procedimento frequente do sistema social de resposta.

É importante destacar que, nessa abordagem, a discussão em torno do conceito de crítica também ocorre. Nem toda interpretação oriunda dessa relação entre mídia e sociedade pode ser considerada como crítica. A questão da crítica em si será abordada em outro tópico.

No entendimento de Braga (2006), o ato de interpretar pode responder por ângulos nos quais o criticar não comparece. Ou seja, é possível interpretar sem criticar. Não se trata

de criticar em um primeiro momento e sim de explicar, esclarecer o que se está propondo. O sistema de resposta social é pensado como o retorno da sociedade do sistema produtivo de comunicação e cultura, contribuindo para direcionar a própria produção. O sistema de retorno, por sua vez, gera o *feedback*. Como exemplo, a resposta é o resultado, a audiência de um programa de TV, e o retorno é a interação, os efeitos, a consequência.

Não se trata de conceituar um sistema crítico apenas, mas a própria interação social sobre a mídia como subsistema do qual fazem parte, entre outros, os processos críticos e a interação social sobre a mídia.

E o que é o sistema social sobre a mídia? É um sistema de circulação diferido e difuso, em que quem critica é uma voz externa ao objeto e ao seu processo. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nela, e entre outros espaços, pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura.

É como acontece a interação social. Não se trata, portanto, de um livro passar de mão em mão, ou de que músicas circulam na internet. Importa que várias pessoas, tendo tido o mesmo livro ou ouvido e apreciado o mesmo tipo de música, e tendo alguma informação sobre tais materiais, “conversem” sobre tais objetos e interajam com base nesse estímulo.

Pode-se perceber que a sociedade tem buscado cada vez mais espaço, pesquisando novos caminhos em busca de maneiras de lidar com as questões dos chamados grupos excluídos do poder. Cada vez mais, movimentos de mulheres, negros, gays, muçulmanos, obesos e outros, se unem e se mobilizam para serem e se sentirem inseridos, representados na mídia (também entendemos aqui como mídia as redes sociais e o *Twitter*. Braga (2006) ressalta que, cada vez mais, essa é uma característica do mundo contemporâneo. Por saber que é afetada pela midiatização, a sociedade se organiza para enfrentar essas questões.

Ressalta-se, na definição do autor, que os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nela, entre outras pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura.

Essa circulação, essa perspectiva, pode resultar no sistema de circulação interacional. O jornal pode virar papel de embrulho e lixo no dia seguinte, mas as informações e estímulos continuam a circular. O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia. A circulação e a interação são imediatas. Antes das redes sociais, os livros, jornais, revistas, rádios e TVs veiculavam notícias, fatos e opiniões, sem que a população pudesse se manifestar na mesma velocidade

ou com a mesma abrangência. A mídia agia e a população sofria os efeitos sem que muito pudesse fazer ou até mesmo escolher sofrer esses efeitos. Isso antes da era digital. As redes sociais de certa maneira mudaram essa realidade.

Os conteúdos que anteriormente estavam em diferentes mídias e eram ofertados à população que não tinha nem resposta e nem interação na mesma velocidade e nem mesmo abrangência, agora podem e são controlados. Nos tempos atuais, a situação é diferente e é o que Braga (2006) chama de sistema de circulação interacional. Com o advento do *Twitter*, por exemplo, a sociedade percebe os efeitos e não mais apenas os sofre. É possível resistir e até se mobilizar para enfrentar esses efeitos e ainda definir o quanto a sociedade será (e se será) impactada por eles.

Ao circularem as respostas/interações, no caso de racismo ocorrido na TV, no *Twitter*, ocorre um mecanismo de fluxo e articulações dentro dos chamados sistemas sociais. Eles podem ser em um patamar concreto, de instituições formalizadas e com articulações normatizadoras expressamente, como o sistema Globo de produções midiáticas, por exemplo, até um padrão em que o que se enfoca não é o agregado real das pessoas, mas um modelo a guiar a percepção da realidade. E essa circulação, segundo Braga (2006), ocorre em três subsistemas: produção, recepção e interação social sobre a mídia.

E o que é o sistema social? Sobre a mídia, reitera-se, é um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nela, entre outras pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura.

No episódio com o apresentador Gusman, pessoas que não conheciam o programa, nem tão pouco conheciam o apresentador ou sequer tinham visto ao vivo o que aconteceu, se posicionaram frente ao fato, emitindo opiniões pessoais e se inserindo no debate.

Braga (2006) entende que há dois ângulos da mediatização da sociedade e os processos que se passam dentro da interação social sobre a mídia não se chocam e nem se confundem com os processos de produção e recepção. Devem ser distinguidos e articulados de tais para melhor compreensão de como a interação ocorre. A hipótese da interação deve permitir estudos para pelo menos quatro objetivos complementares da apreensão:

- relacionar os diferentes processos a um mesmo patamar, comum a todos, e portanto, perceber dualidades similares quando, sem essa referência, percebíamos apenas coisas diferentes e isoladas; podem-se desenvolver, assim, percepções de conjunto;
 - perceber as diferenças e especificidades de cada um dos diferentes processos de interação social sobre a mídia, usando o pertencimento comum a um mesmo patamar justamente como critério de comparação e diferenciação;
 - perceber e construir articulações *internas* entre os processos, na medida em que seu pertencimento a um mesmo sistema;
 - fazer uma distinção entre esses processos e aqueles que ocorrem na produção e na recepção - e, ao mesmo tempo, perceber as articulações que mantêm com esses.
- (BRAGA, 2006, p. 34).

Esse estudo dos processos feito por Braga (2006) nos permite ter um melhor entendimento, identificar e construir critérios críticos de análise para, assim, qualificar o sistema de resposta social.

Portanto, na perspectiva de Braga (2006), ao estudarmos as interações sociais e as reverberações ocorridas no *Twitter*, percebe-se que a interação social é despercebida.

- Em uma visão “economicista” - que tende a situar a circulação entre a produção e o consumo e não a perder outros elementos de circulação que não este, ou seja, tende a enfatizar a circulação dos produtos enquanto tal, sem perceber a essencialidade do trabalho social exercido posteriormente;
- O dualismo mídia/sociedade - segundo o qual os dois termos são contrapostos de modo estanque, o que se passa na sociedade tende a ser visto como extra midiático ou só como “recebimento”;
- A investigação esparsa dos processos de interação - cada um visto apenas na sua especificidade de objeto em estudo, ora enquanto elemento “diretamente” midiático (levando a que seja atribuído ao sistema de produção), ora enquanto elemento da ordem da recepção (quando visto pelo ângulo das ações de usuário), ou, ainda, sem ocorrer a preocupação de situar os processos em estudo no contexto de ordens processuais mais amplas;
- Uma visão hipostasiada da “interatividade estrita” (de tipo conversacional) - que só deixa perceber interações de usuários com a mídia quando ocorre retorno imediato e pontual, omitindo justamente as interações sociais diferidas e difusas, apagadas por uma afirmação de unidirecionalidade;
- O próprio fato de que construímos mais facilmente relações entre processos quando podemos referi-los a sistemas enquanto articulações estruturais e mais dificilmente percebemos “sistemas de processos” não biunivocadamente relacionados. Sistemas de estruturas.

(BRAGA, 2006, p. 35).

Dessa maneira, o autor acredita que, principalmente, nessa dificuldade de sistematizar os estudos sobre os processos de interação social, é que a crítica abstrata ainda é de grande relevância nos estudos. No que Braga (2006) chama de terceiro sistema, a própria interação com o produto circula, faz rever e gera processos interpretativos. As interações sociais sobre a mídia retroagem, portanto, sobre as interações “diretas” com a mídia. Muito diversamente, se organiza, como sociedade, para retrabalhar o que circula, ou melhor: para fazer circular, de modo necessariamente trabalhado, o que as mídias veiculam.

Os diferentes objetivos e processos evidenciam que a sociedade não apenas sofre os aportes midiáticos, nem apenas resiste pontualmente a eles. A sociedade não é apenas uma audiência passiva, nem uma força de resistência pontual. Em vez disso, a relação entre a mídia e a sociedade é mais complexa e dinâmica, envolvendo uma variedade de objetivos e processos em constante mudança.

Por um lado, a mídia pode ter objetivos diferentes, como informar, entreter, persuadir, educar ou mobilizar o público, dependendo do contexto, do gênero e do formato da mensagem. Esses objetivos podem ser influenciados por fatores como interesses comerciais, políticos, culturais, ideológicos ou éticos, e podem afetar a forma como a mensagem é produzida, distribuída e consumida.

Por outro lado, a sociedade pode ter processos diferentes em relação à mídia, como recepção, consumo, produção, crítica ou transformação da mensagem. Esses processos podem ser influenciados por fatores como experiências individuais, contextos sociais, valores culturais, crenças ideológicas ou habilidades técnicas, e podem afetar a forma como a mensagem é interpretada, compartilhada, comentada ou modificada.

A relação entre a mídia e a sociedade pode ser entendida como um processo dinâmico de interação e negociação, em que diferentes atores têm objetivos, interesses e poderes distintos, e onde a mediação e a apropriação da mensagem ocorrem de forma ativa e criativa.

Sabendo-se que a sociedade midiaticizada age via mídia e não apenas sofre por essa via, é necessário que as discussões sobre os processos de fala e reação, ou as interações midiáticas com a sociedade, ocorram além – que sejam extramidiáticos. Espaços que existem e são relevantes como salas de aula, bares e espaços de convívio público entre várias pessoas. Isso pode possibilitar ainda mais que a sociedade interaja sobre a mídia e os produtos produzidos por ela e, assim, tenham efeitos sociais e culturais abrangentes, que circulem.

Ou seja, os dispositivos sociais de interação da sociedade em relação à mídia podem utilizar as mesmas mídias sobre as quais estão comentando ou podem utilizar outras mídias complementares. Isso mostra a diversidade de ações de interação possíveis. Historicamente, o livro e o jornal foram os espaços privilegiados para essas interações, mas programas de debates na rádio e televisão também são adequados para discutir a própria mídia. Atualmente, a flexibilidade da internet a torna a mídia preferida para os dispositivos sociais falarem sobre a mídia. Como a sociedade está cada vez mais imersa nas mídias, outros processos e produtos midiáticos se tornam facilmente materiais para as interações realizadas nesse contexto.

Quer os dispositivos sociais de interação da sociedade sobre a mídia utilizarem as mesmas mídias veiculadas dos produtos comentados, ou que utilizem outras complementares, isso apenas evidencia a variedade possível de ações de interação. É claro que o livro e o jornal, mídias mais longamente estabelecidas, são privilegiados tradicionalmente como espaço para tais ações. Mas também rádio e televisão - por exemplo - nos programas de debates sobre a própria mídia - são arenas adequadas aos processos do subsistema. Hoje, a flexibilidade da rede informatizada mundial faz da internet a mídia de escolha para os dispositivos sociais de fala sobre a mídia. Como a rede se desenvolve em sociedade já largamente midiaticizada, outros processos e produtos midiáticos se tornam facilmente matéria-prima para as interações aí desenvolvidas. (BRAGA, 2006, p. 41).

A internet se tornou uma mídia de escolha para a discussão sobre a própria mídia e os dispositivos sociais são frequentemente usados também para esse fim. A internet permite a criação e o compartilhamento de conteúdo em uma escala global e instantânea, possibilitando que indivíduos e grupos possam se expressar e se conectar com outras pessoas em todo o mundo.

As redes sociais, em particular, têm sido cada vez mais utilizadas como uma plataforma para discussão e engajamento em questões relacionadas à mídia, permitindo que usuários compartilhem informações, opiniões e críticas sobre conteúdos midiáticos.

Essas plataformas permitem que indivíduos e grupos de diferentes origens possam se conectar e engajar em debates sobre a mídia, o que pode levar a mudanças na forma como a mídia é produzida, consumida e regulada.

E foi o que aconteceu no episódio de racismo no programa *Alterosa Alerta*, em 2019. A mídia interagindo na própria mídia, na medida em que as pessoas foram para as redes sociais reverberar um fato ocorrido em outro veículo de comunicação: a TV. O sistema de resposta socialmente desenvolvido dentro da mesma dinâmica histórica que move a sociedade em sua midiaticização.

A sociedade desenvolve uma série de ações sobre a mídia – contra proposições, interpretações, proativas, corretoras de percurso, controladores, seletivas, polemizadoras etc. O subsistema parece colocar como espaço de escolha para a intervenção crítica, cultural, educacional e operacional, nos trabalhos da sociedade, no objetivo de estimular seus processos midiáticos de modo socialmente responsável e relevante.

Outro autor que também podemos estudar para entender de que forma se dá o ato de criticar é Foucault (2020). A crítica começa a ser percebida ainda nos séculos XV e XVI, em que era pensada como argumentação contra a forma dominante de pensamentos que guiou as atitudes humanas. Desde antes da Reforma Protestante, havia uma forma de governar, impondo o medo de que as pessoas não desobedecessem às Escrituras Sagradas nas questões

políticas e sociais. A partir do século XV, a igreja católica exercia grande influência sobre a sociedade europeia, impondo sua doutrina e moralidade em questões políticas, sociais e religiosas.

No entanto, a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero em 1517, contestou a autoridade da igreja e a interpretação que ela fazia das Escrituras Sagradas. A Reforma Protestante propunha a ideia de que as pessoas poderiam ter acesso direto à palavra de Deus, sem a necessidade de intermediários, como a igreja e seus líderes. Essa ideia desafiou a autoridade eclesiástica e levou a confrontos com críticos e com a própria igreja, que se sentiu ameaçada por essa nova forma de pensamento.

Com o tempo, o movimento reformista se expandiu e deu origem a diversas denominações protestantes, cada uma com suas próprias interpretações das escrituras e suas próprias práticas religiosas. Essa diversidade de interpretações e práticas religiosas levou a novos conflitos e tensões dentro da sociedade europeia e contribuiu para a formação de novas identidades religiosas e políticas. A negação da autoridade eclesiástica criou confrontos com críticos e com a igreja na medida em que a doutrina era confrontada.

Foucault (2020) vê a crítica como uma virtude. Vem da vontade de não ser governado, principalmente na questão religiosa. E é alcançado por outros grupos que fazem coro quando querem a ascensão à razão, pelo Iluminismo. O autor entende como atitude crítica a resistência aos mecanismos de controle e que a arte de não querer ser governado é a primeira definição de atitude crítica, em que poder, verdade e sujeito se fundem no foco da crítica. Mas a atitude crítica de não querer ser governado é não querer ser governado de “alguma forma” e não de “forma alguma”. A crítica questiona a verdade estabelecida. Propõe sair das “sombras do medo” para a ousadia do conhecer. Pode ser vista como uma reação ao processo de governamentalização da sociedade. Emerge no questionamento de formas de conhecimento que sustentam as relações de poder.

O autor parece nos ter colocado diante de uma atitude geral do pensamento, a recusa do poder ou a recusa da regra coercitiva que engendra uma atitude geral, a atitude crítica. É vista como uma recusa às formas de coerção. Pode-se usar essa análise de Foucault no episódio ocorrido no Alterosa Alerta, na medida em que as pessoas que foram reverberar no *Twitter* contra o ato racista se manifestaram contra a imposição de uma cultura racista. Assim, Foucault (2020) propõe a "arte de não ser governado" como a primeira definição de crítica.

Em diálogo com Foucault, Judith Butler (2013) ressalta a liberdade, a ética e o juízo. Butler fala que o objeto da crítica é atingir algo que ainda não existe. Ela cita Foucault quando

diz que a crítica relaciona conhecimento e poder. Para ela, a crítica se associa a um exercício de autonomia, em que o sujeito a questiona ou a aceita. A crítica desnuda a ilegitimidade, mostrando a carência de fundamentos embaixadores. A crítica visa construir um novo sujeito, um novo código capaz de superar as formas de ordenação. Associa-se a um exercício de autonomia. O sujeito toma para si a tarefa de questionar ou aceitar a validade dos fundamentos de poder.

A autora aborda ainda a hipótese de que a noção de virtude tenha a ver com a manifestação de liberdade, de onde partirá a atitude crítica. Uma das tarefas primordiais da crítica é discernir a relação entre mecanismos de coerção e elementos do conhecimento. E como o ato de criticar pode ser entendido?

2.2 Como a crítica é percebida?

A crítica é natural e faz parte do ser humano, segundo *Ciro Marcondes Filho (2002)*. Uma sociedade sem crítica é uma sociedade morta. Essa crítica já é realizada diariamente pelos receptores da comunicação. "Por isso, é falso e mesmo ingênuo pensar que é possível acabar com a crítica." (*MARCONDES FILHO, 2002*). O inconformismo com situações e questões diárias levam às críticas que aqui vamos tratar como sendo opiniões e respostas ao episódio de racismo. Por isso, é nato e tem lugar na medida em que questiona.

A crítica é uma forma de violência quando afirma a vontade única, soberana e repressora. Até mesmo o discurso de harmonia é violento, quando colocado como uma forma de imposição.

A crítica no Iluminismo, a crítica da crítica, vem para denunciar a legitimidade no campo da religião, dos costumes, da política. *Marcondes Filho (2002)*, no livro *Crítica das práticas midiáticas - Da sociedade de massa às ciberculturas*, traz a perspectiva de Kant quando ressalta que a crítica atinge até a própria razão. O autor cita duas formas de críticas discutidas em debates filosóficos ao longo dos anos: 1) dicotomia entre verdade e falsidade e 2) limites do pensamento. Uma enraizada e a segunda em constante desenvolvimento.

Na opinião de *Marcondes Filho (2002)*, o ato de criticar fazia não ser criticado, como sendo uma defesa para que, ao apontar uma questão ou um problema, eu não me insira como parte, mas como espectador. À medida em que me torno um crítico, chamo a atenção para o outro e me eximo de ser criticado. Eles exerciam a crítica para excluir a crítica, para se tornar a única verdade dominante, a única voz, a versão suprema e definitiva de tudo. (*MARCONDES FILHO, 2002, p. 17*).

Para o autor, a crítica é um sintoma de sobrevivência, um sinal de que o sistema está atuante. A insubordinação, a ousadia, o atrevimento são modelos, sistemas de crítica. Ele critica essa prática no “mundo moderno”. Marcondes Filho (2002) entende que a crítica midiática só tem espaço se não tiver aspiração ao monopólio da razão. Para ele, "a crítica deve ser reconhecida além da razão. Ela deve forçar a entrada do duplo, da contradição". Diferente não era a posição de Marx, lutando para o aparecimento de uma sociedade única, a da ditadura do proletariado, como consequência positiva do fim da luta de classes. São dois idealismos objetivos, um baseado no espírito, outro na matéria. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 18).

Utilizando ainda os estudos feitos por Marcondes Filho (2002), é possível fazer um paralelo com o caso concreto mencionado nesta dissertação. Podemos entender a partir dos estudos do autor aplicados neste trabalho que, à medida em que as pessoas reverberam como no acontecimento no *Twitter*, elas faziam coro a uma única opinião, somando a outras pessoas que nem eram conhecidas, mas que tinham a mesma voz, estavam inseridas em um grupo. Será que ao analisarmos os *tweets* contra o ato racista, vamos perceber uma igualdade de opiniões e de sentimentos expostos por meio das palavras usadas nas frases das pessoas que reagiram ao ato racista? Pessoas que, como Marcondes Filho (2002) ressalta, em seus estudos, estariam interessadas em compartilhar da opinião de outras, independentemente de conhecerem essas pessoas ou não, mas que tinham a mesma luta e as mesmas opiniões. Marcondes Filho (2020) por fim, questiona a legitimidade dos novos críticos.

Criticar só tem sentido se associado à multiplicidade, à variedade, a um conjunto informal, difuso de pessoas que satisfazem um quesito básico, o de ter estudado, pesquisado, se informado, razoavelmente sobre o objeto em questão. Crítica como forma coletiva, aberta, múltipla, admitindo as oposições, as diferenças, as contradições, mas necessariamente especializada. (MARCONDES FILHO, 2022, p.24).

Pela perspectiva do autor, a crítica tem por finalidade acrescentar, transformar, a partir de estudos orientados. No caso das reverberações, vamos procurar ver se isso de fato acontece. A partir desses apontamentos de Marcondes Filho (2002), temos uma convergência entre o que é a crítica para ele e para Braga (2006).

O primeiro autor acredita que a crítica não é neutra e que recusá-la é estar sendo acometido por um novo estilo de dominação. Não é algo infalível e, para se desenvolver, deve ser questionada e criticada. Marcondes Filho (2002) ainda acredita que, para criticar, é necessário ter embasamentos, conhecimentos e fundamentos. É um trabalho que deve ser executado e desenvolvido por pesquisadores junto a outros profissionais para que a massa

não faça de si mesma um espetáculo. Mas, vale ressaltar, a crítica não tem apenas a função de elogiar, mas ela constrói, é o senso comum e não teórico. Crítica é um sintoma de sobrevivência, um sinal de que ainda “há algo de vivo no sistema”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 17).

Braga (2006), por sua vez, propõe um novo processo de pensar o sistema de emissão, a resposta. Por isso, ele apresenta um terceiro sistema de resposta e sua hipótese é mostrar como a sociedade se organiza para enfrentar a sua mídia. Para o autor, resalto, como já dito, que a crítica, colocada como sistema de resposta social, é a ordem da circulação, e não há necessidade de passar por instituições ou grupos organizados.

Fazia parte e reproduzia relações segregadas, reafirmando um tipo de poder contestado nessa sociedade. Crítica é sempre contra o poder e por isso a atitude de Stanley mereceu a crítica e as reverberações contrárias ao seu posicionamento. Entretanto, sendo críticas e críticos de peso, ou não, reconhecidos ou não, é importante ressaltar que esses comentários, as reflexões ou as reverberações no *Twitter* direcionaram e resultaram em uma consequência para o apresentador, para o programa e para a TV Alterosa.

Para o programa, mudou-se o tipo de comentário. Os jocosos, com tons agressivos e que segregam qualquer tipo de classe, foram extintos. Stanley Gusman não se viu mais à vontade para fazer comentários racistas e cometer crimes que até então passavam despercebidos, que segregam classes e que ele chamava de brincadeira. Ele passou um tempo, pelo menos seis meses, sendo acompanhado pela direção da emissora de televisão. Teve comentários supervisionados mais de perto pela direção do programa, inclusive presencialmente, sendo acompanhado dentro do estúdio.

Diariamente, a equipe do Alterosa Alerta se reunia para analisar os comentários e se algum deles poderia ferir alguma pessoa. Se os comentários do até então classificado como um âncora eram aceitáveis pelo que de fato é correto, seja pela lei, seja pelo bom senso e senso comum. Isso sem contar as penalidades legais a que ele teve que responder. Coube uma ação vinda do Ministério Público Estadual de Minas Gerais (MPMG), em que foi necessário realizar uma reportagem que tivesse o direcionamento e a apreciação do MPE antes que ela fosse exibida. A matéria exibida posteriormente foi sobre racismo e micro agressões.

Não se trata de conceituar um sistema crítico, mas sim a própria interação social sobre a mídia como subsistema, do qual fazem parte, entre outros, os processos críticos. É a interação social sobre a mídia.

Em uma interação social, importa que várias pessoas interajam com base no mesmo estímulo. Esse estímulo pode, ainda, ser a mediação de um fato. Isso é muito comum no tipo de sociedade em que vivemos, pois as coisas acontecem em um lugar e reverberam em outro, possibilitando que as pessoas opinem, mesmo construindo uma interpretação a partir de uma mediação. O fato racista ocorreu em um programa de uma emissora de televisão aberta e repercutiu em outro meio de comunicação, o *Twitter*.

Voltando a Foucault (1990), crítica e saber andam juntos. Se eu não entender os fundamentos, a lógica se dará com a aceitação de quem participa das reverberações, e isso não é crítica, já que eu não entendo os fundamentos em que ela se apoia. Os fundamentos de que falamos quando pensamos na crítica ou nos atos de criticar são do fato em si e do que é uma crítica de fato, ou seja, do que teoricamente embasa a discussão sobre isso. Isto é, o embasamento, os estudos e o conhecimento para se fazer uma crítica são importantes e fundamentais para que um ato de fala seja considerado e qualificado como crítica. Preciso reconhecer os fundamentos a fundo e, a partir deles, eu tenho uma atitude crítica.

Na perspectiva de outros autores como Ivan Paganotti e Rosana de Lima Soares (2019), há a possibilidade de se estabelecer uma crítica de cultura midiática por meio da metacrítica e a dificuldade peculiar em sugerir uma definição unívoca para esse conceito, devido a sua multiplicidade e variabilidade, diante de suas aplicações em diversos campos do conhecimento. Os autores apresentam a metacrítica como sendo a autocrítica na mídia. É algo capaz de promover a reflexão de uma obra. Essencial à consolidação das próprias obras. Ela, a crítica, é algo que expande os limites.

Os autores citam Boltanski (2011) quando destacam a diferença entre uma metacrítica mundana e uma metacrítica acadêmica. A metacrítica pode ser compreendida como uma crítica midiática veiculada pela própria mídia. E só há clareza quando há dúvida ou questionamento. É preciso se questionar: qual a meta da crítica? A crítica é desestruturadora, ela desestabiliza, cria crise, muda.

Os autores propõem a metacrítica midiática como uma noção capaz de aglutinar análises sobre as práticas midiáticas, demonstrando sua pertinência em produções audiovisuais recentes. Então, o que a crítica da mídia procura?

Há grande expectativa sobre o autor da crítica, principalmente que ao fazer a crítica a pessoa defina o que de fato é crítica. O que se percebe atualmente é que excessos permitidos no passado não são mais aceitos. Independentemente se as pessoas que reverberam falas em redes sociais, têm a interação explícita de produzir alguma mudança. Mas, no ato de não se calar, essa necessidade de transformação é clara. As reverberações ao discurso racista do

apresentador Stanley Gusman podem não ter acontecido da melhor maneira, já que vamos ver que em alguns casos, incitaram, em grande maioria, o ódio, mas esse tipo de discurso cristalizado em uma sociedade não pode mais ser aceito.

Paganoti e Soares (2019) ainda ressaltam o conceito de crítica da mídia e crítica na mídia, que se desdobram em pelo menos duas vertentes: a crítica especializada ou a crítica acadêmica, ou seja, a crítica como modo de olhar objetos presentes nas mídias; e a crítica da mídia sobre a crítica feita na mídia, ou aquela engendrada nas próprias obras produzidas. Nesse caso, a crítica de mídia pode-se atribuir a um duplo movimento: por um lado, a realização de “uma análise de mídias que seja de fato crítica” e, por outro, a concepção do “lugar da crítica” como desconstrução de discursos cristalizados, como a fala racista presente na sociedade brasileira. (PAGANOTI e SOARES, 2019, p.155). A crítica da mídia não apenas visa interferir em produções futuras, mas na própria realidade. Há sempre um interesse e uma subjetividade política.

Muitas críticas acabam tão imersas no sistema midiático que acabam defendendo-o ou justificando-o. Por isso, é importante lutar por autonomia de forma a não seguir o padrão estabelecido por este ou aquele veículo, principalmente que atenda a interesses políticos e comerciais. Exercício feito com muito critério durante toda a pesquisa. É preciso autonomia de opiniões de manifestações. Ainda, considerando o trabalho de Paganotti e Soares (2019), os autores voltam a trazer à conversa Boltanski (2011), para quem o estudo e o objetivo da metacrítica deveriam ser o de construir conceitos e revelar sua instrumentalização, destacando o quão instável essas palavras podem se revelar para quem procurar suas origens e mudanças no tempo.

Pela perspectiva de Paganotti e Soares (2019), e para Boltanski (2011), a forma como a crítica é expressa socialmente pode ser dividida em dois momentos: o primeiro em momentos de prática da crítica ou da atuação social; e o segundo em momentos reflexivos, que demandam a suspensão dessa pragmática para a discussão, como a metapragmática.

A metapragmática é vista como uma ação que incide sobre as práticas sociais, uma reflexão que suspende as formas de agir pressupostas, submerge nas suas regras de funcionamento e eventualmente pode superá-las, sugerindo novas regras de interação.

É o que o autor Boltanski (2011) considera como crítica: uma forma que coloca em risco a ordem que se apresenta como natural ao suspender a expressão automatizada, questionando seus pressupostos para abrir espaço para mudanças que seriam difíceis. E no caso específico, o fim, a luta contra o racismo.

O autor define a metacrítica como aquela que se contrapõe a uma forma de crítica

adotada por diferentes atores sociais em seu cotidiano. Uma crítica mais objetiva poderia, assim, ser elaborada por pesquisadores que partem dessas diversas críticas socialmente difundidas e questionam seus posicionamentos e sua relação com o alvo, compondo, então, uma crítica de segunda ordem – ou metacrítica.

A crítica cotidiana apresentaria enraizamento social.

Quando eu falar de crítica, estarei me referindo a essas formas contextuais de crítica com raízes sociais, enquanto reservarei o termo metacrítica para me referir às construções teóricas que pretendem desmascarar, em suas dimensões mais gerais, a opressão, a exploração ou dominação, em quaisquer formas que ocorram. (PAGANOTTI E SOARES, 2019, p. 155).

Podemos analisar a luta contra o racismo um dos principais problemas sociais enfrentados desde os séculos XX e XXI, causando, diretamente, exclusão, desigualdade social e violência e reverberada no *Twitter* no caso de Gusman, a partir professores Paganotti e Soares (2019), ao abordarmos a crítica e a metacrítica. Crítica e metacrítica podem ser ferramentas importantes na luta contra o racismo e outras formas de opressão. A crítica pode ser entendida como a análise e o questionamento de uma obra ou discurso, enquanto a metacrítica se refere à análise crítica do próprio processo de crítica e seus pressupostos ideológicos e políticos.

Os autores destacam que são importantes para desconstruir discursos que reforçam estereótipos e preconceitos raciais e para promover mais representatividade e inclusão na cultura e na sociedade em geral. Para Paganotti e Soares (2019), é necessário que a crítica e a metacrítica sejam aplicadas de forma consciente e engajada. No caso estudado, utilizamos para explicar o combate ao racismo e outras formas de opressão. Eles defendem que a educação é uma ferramenta importante para promover a reflexão crítica sobre essas questões e para fomentar a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva.

E esse crime conhecido claramente por Stanley Gusman (vale ressaltar que o apresentador era advogado) é a discriminação, é o ato de separar, excluir ou diferenciar pessoas ou objetos. É crime.

Uma outra autora que também aborda o assunto crítica é Vera França (2014). Ela propõe uma subdivisão da crítica, que seria a crítica da crítica, ou a metacrítica. França (2014) discute em artigo o caráter cíclico das abordagens críticas da comunicação no Brasil nos últimos 40 anos. Autores e teóricos que estão em voga em determinado momento são esquecidos, abandonados e até substituídos. Tempos depois, voltam a ser referências. Os últimos 20 anos, segundo França (2014), foram marcados pelo abandono do viés crítico em favor do tratamento dos recortes do processo e produto comunicativo.

O conceito de crítica e teoria crítica é classificado por França (2014) em duas décadas: 1970-1980, pela chegada e disseminação da teoria crítica e outras de matriz marxista; e o período de 1990-2000, em que se opera um distanciamento, crítica e abandono dessas perspectivas passando a um novo cenário teórico-conceitual. A autora divide ainda em teoria crítica, hegemônica, de dominação e a reificação e esvaziamento do simbólico.

Na teoria crítica, é feita uma análise global da sociedade, com foco no campo da cultura e das ideias como um tríplice crítico; ao projeto da sociedade capitalista avançada, à cultura dessa sociedade, à ciência positivista que defende a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro.

A teoria da hegemonia é um campo de lutas e negociações, em que culturas subalternas não representam um mero resultado das imposições da cultura hegemônica nem pura resistência. Está diretamente relacionado à ditadura do proletariado que se coloca entre o capitalismo e o comunismo, e um estado democrático, caracterizado pela existência de organismos de governo de classe, cuja autoridade pública é eleita e revogada por sufrágio universal.

Há ainda a teoria da denominação de Pierre Bourdieu, considerada frágil no Brasil no terreno dos estudos comunicacionais. Segundo França (2014), Bourdieu não se interessou pelo estudo da mídia e criticou aqueles que, através de um sincretismo conceitual, faziam uma chamada sociológica fantástica. E, por fim, a reificação e esvaziamento do simbólico: o agente do espetáculo é o antagônico ao indivíduo, renunciando a toda qualidade autônoma.

Assim, o movimento das teorias é cíclico. Recupera-se o que havia sido esquecido ou deixado de lado e abandona-se aquilo que havia sido priorizado, em uma curiosa transformação. Alguma coisa, no entanto, se perde pelo caminho – a crítica da desigualdade e sofrimento no mundo, bem como o ideal de um projeto coletivo.

Na opinião de França (2014), o conceito de crítica se refere às críticas isoladas, desenvolvidas por indivíduos a partir da própria experiência. Ela é localizada e específica. Já a metacrítica é uma crítica de segundo grau, que se apoia nas críticas individuais, se alimenta delas e as reúne, solidificando-se, elevando-se como uma crítica de ordem social.

O trabalho de descrição de uma realidade (realizado pelo pesquisador ou pelo indivíduo comum) só pode ser feito a partir de um ponto de vista exterior. É o que França (2014) chama de exterioridade simples. Já a exterioridade complexa é também um movimento externo de leitura da realidade, que se apoia na exterioridade simples, porém, porta ou acrescenta um julgamento de valor sobre a ordem social – ele convoca uma metacrítica. É a volta da realidade, mas adaptada.

Dentro dessa roda viva em que a audiência, seja ela tradicional, medida por número de pessoas que assistem a um programa de TV, por exemplo, seja ela em *likes* ou curtidas nas plataformas sociais, há muito que a informação se esvazia no jornalismo. Em tempos passados, pelo menos há quase dois séculos, os jornalistas profissionais eram os formadores de opinião com mais abrangência, principalmente por terem mais visibilidade, em TVs, rádios, jornais impressos e revistas, o que em muitas vezes significava credibilidade.

Entretanto, com o advento das redes sociais, promovidas pela internet, essa realidade mudou. Segundo dados do IBGE, em 2019, a internet era utilizada em 82,7% dos domicílios brasileiros. Ou seja, 8 em cada 10 residências já tinham acesso às informações de uma maneira quase imediata. Para se emitir opinião no século passado, e alcançar um grande público, era necessário um tradicional veículo de comunicação. Atualmente não é mais assim. Pessoas viraram blogueiras, comentaristas, emitem e formam opinião em sites pessoais ou páginas na internet. Isso faz com que muitas pessoas que buscavam os meios tradicionais de informações agora se esvaziem deles e procurem outros meios mais rápidos – e que elas acreditam ser seguros –, além de receberem a informação podendo imediatamente emitir uma opinião, se tornando formadoras de opiniões.

Ressaltando o pensamento de Juremir Machado Silva (2002), é o esvaziamento da essência do ser. De tanto ser visto, banaliza-se. Banalizado, desaparece. Desaparecido, nunca existiu. Assim, a mídia absolve-se dos crimes praticando-os em escala industrial. Em programas de TV, em que a busca pela audiência se torna maior do que o compromisso com a qualidade e a veracidade da informação, o pensamento desaparece um pouco mais. A audiência sobe, a reflexão cai. É um clichê. Mas não deixa de ter consequências inusitadas. “A interatividade pode ser o grau zero da participação. Interagir para não participar. Mostrar não é ver.” (JUREMIR, 2002, p. 79).

Para Juremir Machado Silva (2002) criticar sem saber não é crítica. É questionar os critérios da verdade. É preciso entender as estruturas em que ela se apoia. O senso comum é incompatível com a crítica. O objetivo, o papel da crítica, é transformar, ir além.

A crítica cotidiana apresentaria um enraizamento social, enquanto a metacrítica pode ser vista como uma desconstrução de explorações.

Construções teóricas que pretendem desmascarar formas de opressão, exploração ou dominação que podem eventualmente ser ignoradas ou deturpadas pelas críticas dos agentes sociais justamente por serem posicionamentos parciais, envolvidos e interessados no conflito de que tratam e que pretendem influenciar. (JUREMIR, 2002, p 81).

Por fim, as interações que a sociedade desenvolve são de diversas naturezas. Mas nem todas são processos críticos. Mas os processos críticos são sempre parte das interações que a sociedade desenvolve com a mídia. Mas nem toda interação é crítica. “Quanto mais o signo circula, menos a comunicação (empatia + informação) se realiza.” (JUREMIR, 2002, p. 81).

As redes sociais têm o poder de fazer com que pessoas participem de debates sem se exporem, já que podem usar outro nome e até não divulgar fotos pessoais. Será que pessoas que muitas vezes não se impõem ou não ganham força em opiniões, e até muitas vezes não são ouvidas pessoalmente ou em conversas diárias nas redes sociais, decidem participar de grupos dando opinião, ganham voz? O que acontece com a sociedade nas redes sociais que parece agir de forma diferente da “vida real”? Um questionamento que podemos refletir após analisarmos as reverberações no *Twitter*.

Sobre esse conceito, vamos abordar a filósofa e política alemã Elisabeth Noelle-Neumann (2017). A autora não faz menção ou alusão às redes sociais, mas aborda o comportamento de pessoas que se calam frente a questões propostas na hipótese. A teoria consiste em explicar a razão pela qual as pessoas permanecem, em muitos casos, silenciosas quando têm a quase sempre falsa sensação de que as suas opiniões e filosofias, visões de mundo, concepções do mundo, ou as suas ideias gerais da organização do cosmos de acordo com as descobertas científicas ou até mesmo os seus conjuntos de intuições estão em minoria.

Entre os princípios que constituem uma sociedade democrática está a liberdade de expressão, que consiste na materialização da liberdade da consciência, e é, portanto, fonte de todas as outras liberdades e condição sine qua non para a existência de uma coisa chamada individualidade humana. Bem no meio dessa intrínseca rede de sustentações compostas de direitos e deveres, coletivos e individuais, encontra-se a opinião. Essa palavra muito usada e pouco compreendida, que serve a variados propósitos e que frequentemente é alcançada ao Olimpo sem a exigência de sua adequação à realidade. Nos últimos tempos tem aumentado o espaço e a relevância das opiniões das pessoas, tudo passou a ser nivelado como opinião, desde palpites espontâneos e escolhas racionais, passando por reflexos condicionados e palavras de ordem. (NOELLE-NEUMANN, 2017, p 11).

O resultado é um processo em espiral que incita os indivíduos a perceberem as mudanças de opinião e a segui-las até que uma opinião se estabeleça como atitude prevalecente, enquanto as outras opiniões são rejeitadas ou evitadas por quase todos. Nessa teoria, o importante são as opiniões dominantes que tendem a se refletir nos meios. Sobre essa teoria, é importante lembrar que existe um isolamento dos indivíduos no silêncio, quando eles têm opiniões diferentes das veiculadas pela mídia. Analisamos quais os tipos de

tweets mais apareceram como reverberações. Se foram *tweets* apoiando a postura do apresentador, se foram condenando o ato racista praticado por Gusman. E, assim, analisamos a relação também por meio da espiral do silêncio, na medida em que as pessoas que se calaram podem estar inseridas nessa teoria para não se exporem, não se sentirem excluídas. Por outro lado, se as que condenaram o ato racista também estavam participando de uma luta que estava ganhando cada vez mais força, quanto mais *tweets* fossem postados.

A Teoria da Espiral do Silêncio pode nos ajudar a entender como a mídia funciona em relação à opinião pública e silencia suas ideias, através de três mecanismos pelos quais a teoria influencia a mídia sobre o público. A teoria começou a ser estudada na década de 1960, com base nas pesquisas sobre efeitos dos meios de comunicação em massa sobre a população. O modelo do conceito de "espiral do silêncio" de Noelle-Neumann (2017) baseia-se em três premissas.

As pessoas têm uma intuição que lhes permite saber qual a tendência da opinião pública, mesmo sem ter acesso a sondagens. As pessoas têm medo de serem isoladas socialmente e sabem qual o tipo de comportamento que poderá contribuir para esse isolamento social, evitando que aconteça. E, ainda, as pessoas têm medo de expressar as suas opiniões quando estão em minoria, por medo de sofrer o isolamento da sociedade ou de pessoas próximas. Quanto mais uma pessoa acredita que a sua opinião sobre um determinado assunto está mais próxima da opinião da maioria, mais probabilidade existe que essa pessoa expresse a sua opinião em público. Será que podemos perceber essa teoria nos *tweets* que reverberaram sobre o ato racista do dia 9 de julho de 2019?

Na medida em que a distância entre a opinião dessa pessoa e a opinião pública aumenta, cresce também a probabilidade dessa pessoa se calar e de se autocensurar. Os meios de comunicação se constituem como um fator essencial de estabelecimento da “espiral do silêncio”, na medida em que formatam a opinião pública.

Parece que o medo do isolamento é a força ativadora da espiral do silêncio. Seguir a multidão constitui um estado de relativa felicidade. Mas se esta opção não é possível, quando não se quer compartilhar em público uma convicção aceita aparentemente de modo universal, ao menos é possível permanecer em silêncio, em segunda opção para continuar sendo tolerado pelos demais. (NOELLE-NEUMANN, 2017, p 24).

Trazendo um outro autor para o debate sobre crítica e como as pessoas se comportam nas redes sociais, Zygmunt Bauman, em entrevista para o jornal El País (2016), falou sobre o impacto das redes sociais. Ele indica que vivemos, desde 1999, em uma “modernidade líquida”, uma etapa em que tudo que era sólido se liquidificou e em que “nossos acordos são

temporários, passageiros, válidos apenas até novo aviso”. Como nas redes sociais, tudo é muito rápido, perecível e insipiente. Bauman (2016) continua questionando o ativismo de sofá.

As redes sociais mudaram a forma como as pessoas protestam e a exigência de transparência. A Internet nos entorpece com entretenimento barato. Em vez de um instrumento revolucionário, como alguns pensam, as redes sociais são o novo ópio do povo. A questão da identidade foi transformada em algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo. Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que o autor chama de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha. (BAUMAN, 2016).

A crítica pode ainda ser percebida por meio da midiatização que é exatamente o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e a relação mútua entre eles que interferem diretamente na mudança sociocultural. Aqui se encaixam os meios de comunicação social e o caso estudado neste trabalho, o *Twitter*.

As redes sociais são meios de comunicação que podem se contrapor aos *media*, mas também trabalhar em conjunto. Podem ser usadas como fontes de transformação inclusive dos conteúdos que são impostos pela grande mídia, como rádio e televisão.

Muniz Sodré (1996) aborda a midiatização como um processo que transforma profundamente a cultura e a sociedade contemporâneas. Para Sodré (1996), a midiatização não se restringe apenas à produção e circulação de conteúdos midiáticos, mas envolve também a forma como esses conteúdos são recebidos, interpretados e incorporados pelas pessoas em suas práticas cotidianas. Mais à frente, no capítulo em que se faz a análise dos *tweets*, pode-se utilizar os estudos de Sodré (1996) para refletirmos sobre os 323 *tweets* do caso Gusman.

Segundo o autor, a midiatização é um fenômeno que atravessa todas as esferas da vida social, desde a política e a economia, até as relações pessoais e afetivas. Ele destaca que a midiatização está intimamente ligada ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação, que permitem uma produção e circulação de conteúdos midiáticos em larga escala e em tempo real. Argumenta que a midiatização produz um novo tipo de cultura, que ele chama de

"cultura da convergência". Nessa cultura, os diversos meios de comunicação, como televisão, rádio, jornais, revistas e internet, interferem e influenciam entre si, e ainda se complementam, criando uma experiência midiática cada vez mais integrada e multimodal.

A midiaticização é um processo globalizante que submete as diferentes culturas a um mesmo código genético e um mesmo tipo de produção e consumo de mensagens. Esta nova cultura midiática tem por base uma lógica interativa, que engendra a cada dia novas formas de espetacularização da vida, de manipulação do tempo, do espaço e das emoções. A midiaticização modifica a forma como a cultura se produz, como os indivíduos se relacionam entre si e com o mundo, como a informação e o conhecimento são construídos e disseminados, como a política se realiza e como o poder se exerce. (SODRÉ, 1996, p. 23).

Para Sodré (1996), a cultura da convergência   marcada pela fragmenta o, pela velocidade e pela efemeridade, o que implica uma transforma o profunda nas formas de produ o e consumo cultural. Ele argumenta que essa cultura   influenciada por uma lógica mercadológica, que valoriza a inova o constante e a produ o em massa de conteúdos midiáticos.

Ao mesmo tempo, o autor ressalta que a midiaticiza o também pode ser vista como uma oportunidade para a reinven o da cultura e para o fortalecimento da democracia, desde que os meios de comunica o sejam utilizados de forma crítica e reflexiva. Ele defende a importância da educa o midiática e da produ o de conteúdos midiáticos alternativos, capazes de ampliar a diversidade e a pluralidade cultural.

Assim, a midiaticiza o que atravessa cada vez mais a sociedade possibilita que os processos interativos das pessoas constituam espaços de agrega o e interesses diversos, principalmente nas redes sociais e, mais especificamente, como será abordado ainda neste capítulo, no *Twitter*. Isso porque, na medida em que ao opinarem nas redes sociais/*Twitter*, pode haver um reconhecimento mútuo e uma inser o ao coletivo naquele espaço.

  aqui que entra o conceito de media o. A midiaticiza o e a media o são conceitos inter-relacionados que, em nosso caso, vamos ver a rela o com o papel da média na sociedade. A midiaticiza o se refere ao processo pelo qual a média se torna cada vez mais presente em todos os aspectos da vida social, desde a política e a economia até a vida cotidiana das pessoas. Isso inclui a crescente dependência da média como fonte de informa o, entretenimento e intera o social.

A media o pode ser relacionada com o papel que a m dia desempenha na constru o de significados e interpreta es do mundo social. Isso inclui a forma como a m dia influencia a opinião pública, constrói narrativas e molda a percep o das pessoas sobre a realidade.

Já a midiatização pode ser vista como o processo de expansão da mídia na sociedade, enquanto a mediação se refere ao papel da mídia na construção de significados e interpretações. A midiatização cria o contexto para a mediação, ao mesmo tempo em que a mediação é um resultado da midiatização. Ambos os conceitos são importantes para entender como a mídia afeta a vida social e como as pessoas percebem e interpretam a realidade.

Sobre o poder e a importância da comunicação, a teoria de outro autor, Jesús Martín-Barbero (1987) aborda a função social. Ele propõe, através da incorporação do conceito de hegemonia de Gramsci, a descentralização da observação dos meios como aparatos técnicos para estender o olhar até a experiência da vida cotidiana.

Entendendo a comunicação como práticas sociais, o autor utiliza o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura. Martín-Barbero (1997) sugere três lugares de mediação que interferem e alteram a maneira como os receptores recebem os conteúdos midiáticos. São eles: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

A cotidianidade é o espaço em que as pessoas se confrontam e mostram como verdadeiramente são, através das relações sociais e da interação dos indivíduos com as instituições. A cotidianidade familiar é uma das mais importantes mediações para a recepção dos meios de comunicação, pois a família representa um lugar de conflitos e tensões que, reproduzindo as relações de poder da sociedade, faz com que os indivíduos manifestem seus anseios e inquietações.

A temporalidade social diferencia o tempo produtivo do capital, o que sugere existir dois tempos. O autor enfatiza que o tempo em que se organiza a programação da televisão é constituído por ambos.

Por último, a competência cultural. Essa mediação diz respeito a toda vivência cultural que o indivíduo adquire ao longo da vida, não apenas através da educação formal, mas por meio das experiências adquiridas em seu cotidiano.

Os seres humanos existem socialmente e não de forma isolada. Por isso, necessitam tanto de estarem inseridos em algum grupo. Ações que são compartilhadas. Apenas seres vivos podem interagir, como objetos, sentimentos, emoções, dores, lutos e crenças participam das nossas interações. Elas influenciam as nossas decisões.

Com base nos autores abordados, entendemos que crítica, midiatização e mediação estão intimamente relacionadas na medida em que a crítica pode ser, no caso estudado aqui, uma abordagem reflexiva e analítica que permite avaliar o papel da mídia na sociedade e as formas como a midiatização e a mediação afetam a nossa percepção e compreensão do

mundo. Através da crítica, podemos avaliar se a mídia está agindo de forma responsável e ética em sua mediação e se está servindo ao interesse público ou a interesses privados.

A midiaticização, como mencionado anteriormente, refere-se ao processo pelo qual a mídia se torna cada vez mais presente em nossas vidas. Esse processo pode influenciar nossa compreensão do mundo e moldar nossos comportamentos e valores. A mediação, neste caso, é o processo pelo qual a mídia atua como intermediária entre um indivíduo e o mundo, oferecendo informações, opiniões e ideias que moldam nossa compreensão da realidade.

A partir da publicação das manifestações do público em redes sociais, há diretamente uma interferência na produção dos conteúdos dos veículos de comunicação, de forma a criar um diálogo com essas manifestações para, assim, interagirem com sua audiência. As redes sociais, além de criarem um regime de visibilidade, possibilitam que esses indivíduos possam circular seus próprios textos midiáticos. Textos que, em sua multiplicidade, podem contrapor ou potencializar visões elitistas do mundo cristalizado pelos grupos hegemônicos de mídia.

Pela perspectiva de Braga (2006), quando ele escreve sobre crítica, podemos utilizar em nosso debate que nos sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nela, entre outras pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. O que isso faz com a vida das pessoas e como elas reagem ao que recebem?

Após essas questões, exemplos de interação social, podemos pensar o sistema de resposta social a partir de uma fala racista no episódio envolvendo o apresentador Stanley Gusman da TV Alterosa, no *Twitter*. E, ainda, pensar por que e de que maneira esse conjunto de falas que emergiram podem ser consideradas críticas ou não apoiadas em processos de midiaticização e mediação. Vale lembrar que minutos depois do fato ocorrido na televisão, a repercussão nas redes sociais e, em especial, no *Twitter*, foi avassaladora e perdeu-se o controle das respostas e desdobramentos do caso.

Os movimentos sociais buscam construir melhores representações na mídia, desafiando como são difundidas suas representações na sociedade. Braga (2006) define a crítica como atividade mediadora entre o produto, o trabalho de produção e o usuário.

E essa necessidade legítima de reconhecimento principalmente das pessoas que reverberam no *Twitter* pode ser entendida como a reação, resposta ao ato de racismo. Não importa se as pessoas são conhecedoras ou não de critérios para formular um ato crítico. Importa a manifestação, de forma legítima, contra o racismo. Uma necessidade histórica de reconhecer que o racismo é um problema estrutural para garantir representatividade de raças e etnias nos espaços coletivos de decisão.

E, infelizmente, casos de racismo continuam acontecendo em pleno século XXI. Um país que busca modernidade e avanços em todas as áreas ainda tem pessoas com atitudes imperialistas e atrasadas de racismo. É possível citar vários, mas citaremos dois exemplos.

Caso do goleiro Aranha. Um simples jogo de futebol pela Copa do Brasil, em agosto de 2014, foi palco para outro episódio de racismo. Inconformada com a derrota de seu time, por 2 a 0 do Santos, para o Grêmio, Patrícia Moreira da Silva foi flagrada por câmeras chamando Aranha, goleiro do Santos, de macaco. A torcedora não foi a única a ofender o goleiro. Outros torcedores do Grêmio também o insultavam. Na época, Aranha chegou a declarar que ficou chateado com a situação. Depois de identificada, a torcedora do Grêmio foi ameaçada de morte e estupro e teve a casa apedrejada e queimada. Patrícia admitiu que insultou o jogador e viu seu time ser expulso da Copa do Brasil por ofensas racistas. Nesse caso, a torcedora viu sua vida ser cancelada por um ato de racismo que ela possivelmente não acreditava que reverberaria tanto no campo quanto fora dele. Assunto abordado em vários veículos de comunicação, entre eles o site Terra. (TERRA.COM.BR.ESPORTES.FUTEBOL.SANTOS).

Em outro episódio, dessa vez nas redes sociais, a menina Duda, de 4 anos, Miss Minas Gerais Kids, sofreu racismo. Em uma publicação do perfil oficial da criança no *Instagram*, uma pessoa comentou que a pequena tem cabelo feio, mas o rosto bonito. Duda é negra e tem cabelo crespo. A mãe da miss, Adriana Barbosa Campos de Sousa, mostrou indignação e lamentou que o caso tenha acontecido com uma criança de apenas quatro anos. Ela afirmou que busca bloquear os autores desse tipo de comentário, mas que não faz Boletim de Ocorrência para não expor a pequena. Em outro comentário, também nas redes sociais, uma pessoa compara o cabelo da pequena com o cabelo de uma bruxa. Mesmo com o episódio, a mãe de Duda não tirou a menina das competições, por acreditar que, como a filha não está errada em ter o cabelo que tem, precisa ensinar a filha a ser forte e a lutar pelos sonhos dela.

O crime de racismo ocorreu em duas ocasiões: uma fora e outra nas redes sociais. Os dois episódios tiveram reverberações nas redes sociais e comentários e críticas no *Twitter*.

2.3 Liberdade de expressão e o crime de racismo

A liberdade de expressão, a grosso modo, é a permissão do debate mesmo que a pessoa seja responsabilizada e haja punição para ela. Ou seja, mesmo que o apresentador Stanley Gusman estivesse embasado na própria liberdade de expressão, ele não estaria imune às consequências. E elas vieram. "O mundo pode estar desmoronando, até mesmo o meu

mundo pessoal pode estar desmoronando, com desemprego, vulnerabilidade, privação, mas a fronteira entre o certo e o errado permanece imutável." (MIGUEL, 2018, p.38).

Posso me manifestar, mas há limites. Principalmente é necessário considerar os aspectos legais. Stanley não observou nenhum deles e acreditava estar acima do bem e do mal. Caso contrário, teria assumido o erro.

Por fim, é preciso apontar a convergência entre o neoliberal e o conservadorismo moral. Doutrinariamente, o pensamento ultraliberal se compromete com a mais ampla autonomia individual. Cada um deve fazer o que bem entende, sendo limitado apenas por contratos voluntariamente firmados e pelo respeito à propriedade alheia, incluída aí a propriedade que cada um tem sobre seu próprio corpo. (MIGUEL, 2018, p.39).

Temos que ressaltar neste trabalho que “liberdade de expressão” é diferente de “liberdade de imprensa”, termo mais específico. Stanley acreditava estar exercendo seu direito de liberdade de expressão e de imprensa. Os meios de comunicação devem ter essa liberdade de imprensa para divulgar interesses públicos. É direito deles terem acesso, apurar e divulgar as informações.

A liberdade de expressão não é carta aberta. Não é o direito de qualquer coisa, sem consequências. Ela vem, entre outros fatores, para democratizar o poder de comunicar. E quais são os limites da liberdade de expressão? Noção de liberdade vinculada aos valores morais; liberdade, dignidade humana.

Ninguém pode ser livre à custa da liberdade de um outro. Pelo fato de que as pessoas só se podem individuar pela via da socialização, a liberdade de um indivíduo une-se à de todos os outros, e não apenas de maneira negativa, por meio de limitações mútuas. (HABERMAS, 2002, p.119).

No caso, para o público, Stanley Gusman não estava usando sua liberdade de expressão e isso gerou uma resposta social, combatendo a intolerância e o racismo do apresentador. Muitas pessoas podem ter aderido ao discurso, porque também falava sobre elas. Elas podem ter se sentido incluídas em uma indignação. Mas essa questão não abordaremos neste trabalho. Não se pode atravessar o direito do outro garantido por lei.

A liberdade de expressão é um direito fundamental que garante a possibilidade de expressar livremente opiniões, ideias, pensamentos e informações sem censura ou restrições governamentais arbitrárias. É um princípio essencial para o funcionamento de sociedades democráticas e um dos pilares dos direitos humanos. Abrange várias formas de comunicação, como expressão oral, escrita, artística, jornalística, religiosa e simbólica. Ela protege não

apenas a expressão popularmente aceita, mas também as opiniões impopulares, controversas e até ofensivas, desde que não incitem violência direta ou representem uma ameaça concreta à segurança pública.

Permite que as pessoas compartilhem suas visões, debatam ideias, critiquem o governo, denunciem injustiças, expressem sua identidade e promovam o progresso social. Também desempenha um papel importante na promoção da diversidade, tolerância e pluralismo, pois permite que diferentes perspectivas sejam ouvidas e debatidas.

No entanto, é importante observar que a liberdade de expressão não é absoluta e possui limitações. Ela deve ser exercida dentro dos limites estabelecidos pela lei, como a proibição de discurso de ódio, difamação, incitação à violência, violação de privacidade, calúnia, crime de racismo, entre outros. Essas restrições têm como objetivo proteger os direitos e a segurança de outras pessoas, bem como o bom funcionamento da sociedade.

Embora seja importante respeitar a liberdade de expressão, existem situações em que a expressão de determinadas ideias ou opiniões pode ser considerada ilegal e constituir um crime. Alguns exemplos:

- **Discurso de ódio:** O discurso de ódio que incita à violência, discriminação ou hostilidade com base em características como raça, religião, etnia, gênero, orientação sexual, entre outros, é frequentemente considerado ilegal em muitos países. Esses discursos podem ser criminalizados quando ultrapassam os limites da liberdade de expressão e têm o potencial de causar danos ou violar os direitos fundamentais de outras pessoas.
- **Calúnia e difamação:** A difamação refere-se à disseminação de informações falsas ou enganosas que prejudicam a reputação de uma pessoa. Quando essas declarações são deliberadamente falsas e causam dano à honra ou à imagem de alguém, podem ser consideradas crimes. A difamação escrita é conhecida como calúnia, enquanto a difamação verbal é chamada de difamação.
- **Ameaças e incitação à violência:** Expressões que contêm ameaças diretas contra a integridade física de outras pessoas podem ser consideradas crimes. Além disso, a incitação à violência, que encoraja explicitamente atos violentos contra indivíduos ou grupos, também pode ultrapassar os limites da liberdade de expressão e ser considerada um crime.
- **Violência ou pornografia infantil:** A disseminação, posse, produção ou promoção de conteúdo que envolva violência sexual ou pornografia infantil é

estritamente ilegal em quase todos os países. Essas atividades são consideradas crimes graves e são tratadas com rigor pelas autoridades.

Gusman cometeu vários erros, um crime pautado em uma liberdade de expressão que ele acreditaria ter. Independentemente das justificativas dadas pelo apresentador, ele cometeu um crime e o assunto reverberou no *Twitter*.

2.4 Reconhecimento e reação ao racismo

Reconhecimento é a palavra de ordem dos últimos tempos. Vivemos nos últimos anos, e principalmente com a virada do século, uma necessidade urgente de reconhecimento. Pessoas que antes eram discriminadas pela cor, sexo ou qualquer outro tipo de preferência que não faça parte de uma elite dominante esmagadora, agora têm ganhado voz e vez, e se sentem mais inseridas em contextos antes execradas, graças a uma luta por reconhecimento.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 54% da população brasileira é negra. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2016, mostram que mulheres brancas recebem 70% a mais que mulheres negras. Já dados divulgados pelo Pesquisa PoderData (Poder360), mostram que 81% dos brasileiros dizem haver preconceito contra negros no Brasil por causa da cor da pele. Para 13% da população, o racismo não existe no país. Outros 6% não souberam responder.

É inadmissível que ainda exista discriminação e racismo no Brasil. Sem contar que além de imoral, o racismo é crime previsto em lei na Constituição Brasileira. Um modo injusto de negar os direitos de uma pessoa com base em raça, cor, sexo, preferência sexual, opção religiosa, idade ou outros. É um ato contra a coletividade e não contra uma pessoa específica, mas contra um grupo. O Inciso 42 do Artigo 5º da Constituição Federal diz que racismo é crime inafiançável e imprescritível. “Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa.” (BRASIL, 1988).

A história nos relata a necessidade de reconhecimento por demandas políticas já desde a década de 1930 – lutas de classes pela redistribuição igualitária de riquezas, como bem exemplificado por Vladimir Safatle (2015). E foi a partir de 1970 que os grupos historicamente vulneráveis e praticamente excluídos de direitos (como gays, negros, mulheres) se viram em busca e com mais voz para afirmar a ampliação de direitos universais que pareciam pertencer a grupos culturalmente hegemônicos.

Essa luta foi importante para a orientação política de grupos à esquerda do espectro político, a partir da década de 1980.

Dessa forma, estavam dadas condições gerais para que a compreensão filosófica das lutas políticas passasse necessariamente de uma abordagem centrada na redistribuição de riquezas e outra mais ampla, centrada em múltiplas formas de reconhecimento no campo da cultura, vida sexual, das etnias e no desenvolvimento das potencialidades individuais da pessoa. (SAFATLE, 2015, p. 85).

O autor ressalta que a luta pelo reconhecimento, pela igualdade entre negros e brancos e pelo combate ao racismo vai além de questões como igualdade de salários e de oportunidades de emprego. Não se trata para o autor de questões de igualdade econômica, apenas ou de qualquer igualdade em separado, mas sim de igualdade nos mais diferentes espaços da sociedade: educação, mercado de trabalho, acesso a bens e serviços, entre todos os outros espaços. É uma luta ampla por igualdade em um todo – por isso é necessário que haja o reconhecimento.

E como não se percebe, principalmente no campo social, a implementação de políticas efetivas de redistribuição e luta radical contra a desigualdade e pelo reconhecimento, discute-se políticas compensatórias para as categorias. Como é lento qualquer tipo de avanço para a eliminação da discriminação e ainda mais pelo reconhecimento, resta discutir a moral das demandas, até mesmo mais do que as demandas em si. Safatle (2015), em seu texto *Por um conceito antipredicativo de reconhecimento*, menciona o pensamento de Richard Rorty, um liberal de esquerda que explica o porquê da necessidade de dar tamanha importância ao reconhecimento numa esfera abrangente e não somente econômica. E, ainda, o papel dos estudiosos e acadêmicos nessa transformação.

Penso que uma razão de ele ter se tornado tão importante no discurso da esquerda acadêmica norte-americana vincula-se a um conjunto específico de circunstâncias acadêmicas. A única coisa que nós, acadêmicos, podemos fazer com nossas capacidades profissionais específicas, a fim de eliminar o preconceito, é escrever a história de mulheres, celebrar a realização de artistas negros, entre outros. Isso é o melhor que acadêmicos trabalhando em programas de Estudos feministas, Estudos afro-americanos, Estudos gays podem fazer. (SAFATLE, 2015, p. 86).

Diante da impossibilidade de transformações sociais em larga escala, e em grande velocidade, resta discutir as demandas sociais. Pessoas participam de discussões por reconhecimento quando sujeitos percebem procedimentos institucionais como injustiça social quando veem aspectos de sua personalidade, que acreditam ter direito ao reconhecimento, seres desrespeitados. (SAFATLE, 2015, p. 88).

Na teoria do reconhecimento de Safatle (2015), a filosofia hegeliana, proposta por um dos nomes do idealismo alemão, Georg Wilhelm Hegel, a consciência deveria passar por

uma série de desenvolvimentos para superar as contradições. Ele acreditava no poder racional e, conseqüentemente, que tudo poderia ser explicado através de categorias reais. Trata-se da capacidade de compreender todas as coisas e ordená-las através de categorias, de forma sintética.

O filósofo alemão entende que problemas ligados à consciência não podem ser isolados. É preciso relacionar a outras consciências. Entender como o nosso interior organiza a nossa vida prática. Aí está proposto um problema de reconhecimento. Processo em que aparece um “Nós que é Eu, e um Eu que é Nós”. Ao deixarmos de pensar apenas no interior próprio, começamos a tentar ou a ter a possibilidade de compreender o coletivo. Passa-se da consciência do objeto para a consciência de si, da dimensão do conhecimento, ou do reconhecimento do sujeito.

As demandas por transformação social se transmutam em demandas por cuidado social. Mas a demanda por cuidado é uma demanda que, para funcionar, deve reconhecer a legitimidade do lugar do outro que pode cuidar de mim. Esta não é uma demanda política de transformação, mas uma demanda terapêutica de acolhimento. Quem pede por cuidado reforça a posição de quem aparece como capaz de cuidar. (SAFATLE, 2015, p. 90).

Essas ideias têm conseqüências fundamentais para a filosofia. Safatle (2015) mostra ainda a relação de interdependência entre a sociedade e entre as raças, proposta por Hegel. O autor figura a antropogênese das relações sociais, que é conhecida como a dialética do senhor e dos escravos. E por que ela é importante? É a descrição do modelo de relação entre consciências que são mobilizadas por uma demanda de reconhecimento para dar a forma geral do processo. E é nessa relação que há a demonstração de relações intersubjetivas que são originalmente de servidão e senhor e não são simétricas. Desdobram-se e só por meio do reconhecimento inicial é possível a superação. É aí que podemos ter algum tipo de avanço de reconhecimento. É importante pensar no Eu como consciência que passa a existir quando há um desejo. É um modelo de atividade prática impulsionada por algo que aparece como negatividade.

Na proposta da teoria do reconhecimento, pode-se pensar em alternativas para não sanar um problema criando outro. Ou seja, pensar em resolver a questão do racismo, da luta pelo reconhecimento sem uma política compensatória.

Uma política baseada em tolerância constrói um campo diferente de diferenças toleráveis, o que alimenta o fantasma perpétuo da “diferença intolerável”, ou seja, a equação das diferenças, tão presente nas dinâmicas multiculturais, parte da seguinte questão: até onde podemos suportar uma diferença? Parte-se do pressuposto de que vejo o outro primeiramente a partir da sua diferença à minha identidade, como se minha identidade já estivesse definida e simplesmente se

comparasse à identidade do outro. Por isso, a boa questão talvez seja: em que condições a diversidade pode aparecer como a modulação de uma mesma universalidade em processo tenso de efetivação? Isso implica não compreender o campo político como campo de identificação e reconhecimento das diferenças, mas como campo de desconstrução das diferenças. (SAFATLE, 2015, p. 99).

Cada vez mais a sociedade é regulada por cláusulas que têm como objetivo dar voz e direitos aos grupos tidos como vulneráveis. E a luta é que não passe ao largo dos mecanismos de institucionalização. É a luta pelo poder desconstituente. Na medida em que a luta não se vê reconhecida pelo Estado, ou não como os grupos que reivindicam acreditam que deveria ser, deixa-se de ampliar o direito por meio governamental, e cria-se uma luta paralela ou a possibilidade de uma existência humana do “direito”.

A luta das classes por reconhecimento é tão necessária que, na medida em que essas pessoas não se veem verdadeiramente representadas por órgãos de Estado, cria-se uma luta paralela, uma luta das minorias que detêm o poder. Quando o Estado não tem medidas que atuem de forma eficaz no combate aos crimes e excessos, como a prática de racismo, por exemplo, o povo reage. É o que podemos entender Safatle (2015).

Ou seja, tudo se passa como se estivéssemos diante de uma aplicação do velho mantra: “quanto menos Estado melhor”. Nesse sentido, desinstitucionalizar significa deixar a sociedade livre para criar formas de vida, mas fechando os olhos para experiências de opressão e de vulnerabilidade econômica. No entanto, poder-se-ia pensar em uma visão de políticas de desinstitucionalização distintas de sua visão liberal. Dessa forma, "desinstitucionalizar" significa criar algo como “zonas de indiferença cultural”, ou seja, zonas no interior nas quais a sociedade exerce sua indiferença em relação às diferenças culturais e suas determinações antropológicas. Isso, pode passar, por exemplo, pelo retraimento das legislações sobre costumes, família e autodeterminação, ao mesmo tempo que procuramos fortalecer a sensibilidade jurídica contra processos de espoliação econômica. (SAFATLE, 2015, p. 99).

Quando o Estado não age ou age de forma insuficiente, a população reage. o capitalismo trouxe as novas formas de lutas sociais. Lutas contra as desigualdades, por liberdade, são uma forma da população ao se organizar, conquistar direitos que acreditam ser legítimo dentro de uma sociedade. São demandas de transformação, de mudanças de forma coletiva. Alguns exemplos são o movimento negro, feminista, sem terra, LGBT e também os sindicais que surgiram ainda no século XIX após a revolução industrial. São movimentos que buscam a justiça e a legitimidade.

O autor Axel Honneth (2003) faz menção à psicologia social de George Herbert Mead ao relacionar a luta por reconhecimento à questão ética, entre dois sujeitos, em que o indivíduo só se vê com identidade ou sujeito social se ele for reconhecido pelos demais. A inserção na sociedade não se dá mais na conservação de direitos, mas na luta pela igualdade.

Para o autor, o reconhecimento se dá por três formas: pelo amor, direito, e pela solidariedade. O amor gera a autoconfiança, o direito, o autorrespeito e a solidariedade a autoestima. Na medida em que o ser humano se vê cerceado de algum desses direitos, há a luta pelo reconhecimento.

Do que foi dito até aqui parece resultar agora a ideia de que todos os conflitos sociais e todas as formas de conflito seriam constituídos em princípio segundo o mesmo modelo de luta por um reconhecimento: nesse caso, todo ato coletivo de resistência e rebelião seria atribuído, segundo sua origem, a um quadro invariante de experiências morais, dentro da qual a realidade social é interpretada conforme uma gramática historicamente cambiante e reconhecimento e desrespeito. (HONNETH, 2003, p. 260).

Aqui podemos exemplificar casos em que as redes sociais determinaram questões, mudando a vida das pessoas. Jon Ronson 2015 em seu livro *Humilhado* traz vários exemplos em que pessoas perderam o controle de situações que foram parar nas redes sociais. Em alguns casos, pessoas que protagonizaram situações de exclusão sem pensar e nem tão pouco imaginar o que poderia acontecer com elas. O autor cita casos como o do jornalista Michael Moynihan quando ele denunciou uma pessoa. Além de não ganhar nada com isso financeiramente, fez com que as pessoas passassem a ter medo dele, inclusive dos colegas. Ronson (2015) traz vários exemplos de pessoas que tiveram suas vidas mudadas por causa de reflexos e reverberações nas redes sociais.

Em um dos exemplos, Justine Sacco, uma mulher que gerenciava o departamento de Relações Públicas da empresa multimídia IAC - que era dona da Vimeo, da OKCupid e do Match.com. A história de Justine bastante se assemelha a de Gusman que estamos estudando neste trabalho. Justine era uma pessoa que tinha por hábito fazer "piadinhas" nas redes sociais. Em 20 de dezembro de 2013, ela fez piadinhas sobre a sua viagem de férias e era então acompanhada por 170 seguidores no *Twitter*.

Alemão esquisito: Você está na primeira classe. É 1014. Use desodorante - monólogo interno enquanto inspiro cecê. Graças a deus pela indústria farmacêutica. Então a conexão em Heathrow: Pimenta - sanduíches de pepino - dentes ruins. Estou de volta a Londres! E no último trecho da viagem: Indo para a África. Espero não pegar aids. Brincadeira. Sou branca! Ela riu consigo mesma, apertou "Enviar" e passou pelo aeroporto durante meia hora, vez ou outra verificando o *Twitter*. (RONSON, 2015, p.76-77).

Justine voltou para o avião e voou por 11 horas. E foi quando aterrissou em seu destino final que viu a vida completamente transformada. Ela se transformou em *trending top* mundial, a número um no *Twitter*. Colegas de trabalho não queriam mais a moça ao lado deles. Pessoas que não a conheciam retaliaram a atitude racista dela e pediram a sua demissão. Justine passou de 100 mil *Tweets*. O Google tem uma ferramenta que permite saber quantas vezes um nome foi pesquisado durante um mês, o Google Adwords. Em outubro e novembro

de 2013 ela foi pesquisada 30 vezes a cada mês. Em apenas 11 dias, que foi o período da viagem, ela foi pesquisada um milhão duzentas e vinte vezes. Ela teve a vida devassada, pediu desculpas, mas de nada adiantou. As reverberações no *Twitter* foram as formas de fazer justiça para comentários absurdos feitos por Justine. Ela perdeu o emprego, amigos, a vida boa que ela afirmava ter antes de dezembro de 2014. Jon Ronson faz uma reflexão sobre esse caso que não abordaremos neste trabalho, mas que pode nos trazer um pensamento para um outro estudo.

Uma vida tinha sido destruída. Para quê? Apenas para criar um pouco de drama nas redes sociais? Acho que nossa predisposição natural como seres humanos é nos deixar levar pela corrente até ficarmos velhos e pararmos. Mas com as mídias sociais, montamos um palco para grandes dramas artificiais e constantes. Todo dia uma nova pessoa surge como um herói magnífico ou um vilão nauseante. é tudo muito radical e não de forma como somos, de verdade, enquanto pessoas. Que tipo de prazer tomava conta de nós em momentos como esse? o que conseguiríamos com isso? (RONSON, 2015, p. 88).

As lutas sociais estão, assim, ligadas diretamente às questões éticas e morais. O que aconteceu com o apresentador Stanley Gusman nas redes sociais depois do fato no programa *Alterosa Alerta* de 9 de julho de 2019, pode ser visto como uma reverberação por uma luta por reconhecimento, luta contra uma cultura essencialmente racista, por mais que parte da população insista em camuflar essa realidade, afirmando que racismo não existe. Neste estudo, pretende-se entender a dinâmica da luta por reconhecimento, as críticas e ainda por meio dos elementos estudados, os *tweets* que serão classificados e analisados, ver como ela acontece. Por que a TV *Alterosa* tirou do ar, mesmo que temporariamente, um apresentador que faturava grande receita para a emissora (na ocasião, era o programa local que mais vendia comerciais)?

Trazendo para o nosso debate uma escritora negra, vamos abordar Djamilia Taís Ribeiro dos Santos. Filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, é pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É filha de militante negro e uma das principais vozes brasileiras no combate ao racismo e ao feminicídio. A atuação dela é voltada à Filosofia Política, com ênfase em Teoria Feminista, Relações Raciais e de Gênero e Feminismo. Recentemente, Djamilia (2019) lançou um livro que pode ser classificado como um manual antirracista.

A autora destaca nove itens fundamentais para a luta contra a discriminação racial:

- Informe-se sobre o racismo
- Enxergue a negritude; reconheça os privilégios da branquitude
- Perceba o racismo internalizado em você
- Apoie políticas educacionais afirmativas
- Transforme seu ambiente de trabalho

- Leia autores negros
- Questione a cultura que você consome
- Conheça seus desejos e afetos
- Combata a violência racial; sejamos todos antirracistas. (RIBEIRO, 2019).

Nas discussões de Djamila (2019), falar sobre o racismo vai além de questionar sobre se a pessoa se classifica ou não como racista. O processo envolve uma revisão crítica de nós mesmos como o lugar que ocupamos no mundo. É perceber que mesmo quem luta contra o racismo de alguma maneira e em algum momento na vida já participou de algum grupo de violência contra oprimidos.

O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante, afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. (RIBEIRO, 2019, p 12).

A autora ainda enfatiza que para lutar contra o racismo é importante conhecer a história. E mais, conhecer o que é e todas as formas de opressão, dar nome a elas e não simplificar atos. E acredita ser impossível combater o que não se tem nome. Reconhecer que o racismo existe e que estamos todos sujeitos a praticar algum ato como esse é a melhor maneira de combater essas práticas cruéis de discriminação.

No crime de racismo praticado por Stanley Gusman no programa Alterosa Alerta, podemos usar um trecho do livro de Djamila (2019), quando a autora cita Simone de Beauvoir. Ela afirmava que a pior maneira de destruir uma pessoa, é reduzi-la à condição de objeto. Ao explicar o crime na tentativa de se justificar, Stanley conduziu o representante do instituto de pesquisa Ibope a um objeto, a uma cor e não a uma pessoa com competência para ocupar o cargo que estava. E que Montenegro seria incompetente e a empresa seria ruim, desqualificada, porque o nome dele faz menção à cor negra que Stanley citava como sendo pejorativa.

É fundamental, segundo a autora, que as pessoas brancas compreendam as maneiras como o racismo opera para que não corram o risco de praticá-lo. Muitas acreditam estarem imunes às consequências por terem na família, ou no ciclo de amigos, alguma pessoa negra que poderia para esses brancos ser considerado como um "passaporte" para praticar atos racistas. Ao acreditar que se relacionam com negros, não são racistas ou estão imunes a praticar atos racistas e serem absolvidos ao se misturarem.

E foi exatamente o que ele fez fora das redes sociais. Stanley se defendia do ato racista para os conhecidos mais próximos, como as pessoas que trabalhavam com ele, que não era racista e que, como prova, tinha uma pessoa muito ligada a ele conhecida como sua

"mãe Preta". Ela havia cuidado de sua esposa na adolescência e que era na ocasião quem cuidava do filho dele. Ela era uma pessoa muito querida e muito bem tratada por todos como sendo da própria família, e não uma empregada, e nem tão pouco referenciada com inferioridade. A maioria das pessoas admite ter racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista.

As teorias da autora no livro "O Pequeno Manual Antirracista" (2019) ainda podem ser usadas para entender a necessidade das pessoas insurgirem como fizeram no *Twitter*, reagindo ao ato racista, no momento em que hoje piadas e brincadeiras usadas décadas atrás, já não são e não devem ser aceitas.

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio [...] Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não reproduzi-los. (RIBEIRO, 2019, p. 32, 108).

Trabalhamos com os fundamentos de crítica e de luta por reconhecimento para que neste estudo possamos entender a dinâmica ocorrida como apresentador/âncora. Que tipo de programa ele conduzia? Qual era o tipo de programa apresentado por Gusman? Jornalístico ou Entretenimento? Será que, quando um programa deixa de ser essencialmente jornalístico, é deixado de lado o comprometimento com a idoneidade e com a qualidade do que se fala ao ser exibido? Um programa de entretenimento não tem responsabilidade com a verdade? Esse é o assunto do próximo capítulo.

3 ALTEROSA ALERTA: JORNALISMO OU ENTRETENIMENTO?

3.1 Jornalismo na TV

A comunicação é um fato concreto do nosso cotidiano. O ser humano se comunica com o olhar, com gestos e com a fala. Entretanto, ela também pode ser institucionalizada, tecnicizada e até mesmo profissional. Faz parte da nossa vida, da nossa sobrevivência. Podemos nos pegar em algumas situações, ao chegarmos em casa, por exemplo, ligando a TV apenas por rotina, pelo barulho ao longe na sala de estar. Outro exemplo está na comunicação por meio de um *outdoor*. Ele está lá comunicando, mesmo que muitas vezes não o percebamos, não olhamos para ele.

E o que é a comunicação? O objetivo da comunicação social é facilitar a troca de informações, ideias e opiniões entre os indivíduos e os diferentes grupos da sociedade. Ela desempenha um papel importante na formação da opinião pública, na disseminação de notícias, no marketing de produtos e serviços, na construção da imagem das organizações e na promoção do diálogo e do entendimento entre as pessoas.

Ela nos leva a pelo menos três tipos de conhecimento: o prático, o operacional e ainda o da reflexão, a teoria da comunicação. No primeiro caso, a comunicação pode ser do domínio do fazer: saber - fazer, criatividade, senso crítico e aqui podemos chamar de conhecimento prático de algo, capacidade de síntese e de organização. Ao refletirmos de forma acadêmica essa comunicação, busca-se a compreensão, a explicação e até mesmo o domínio do fenômeno comunicativo.

Aí temos a teoria da comunicação, o campo do conhecimento, a ciência, ou um novo olhar sobre a vida social em que a desconstrução é feita a todo tempo. Vera França (2016) cita uma relação entre o estudo da comunicação e as questões sociais: "A Comunicação, como campo de estudo apresenta-se como uma proposta de um novo caminho para conhecer e tratar os fenômenos sociais". E a ciência da comunicação, os estudos dela, trouxeram uma nova realidade já para o século XIX, com o desenvolvimento da imprensa de massa, a invenção do cinema, do rádio e em seguida, da televisão, começando a influenciar o comportamento e os valores sociais. Vale aqui citar a influência dos comerciais publicitários, das marcas, das propagandas políticas. Hoje ainda temos um outro meio de comunicação, um outro veículo, as redes sociais.

E a ciência com frequência é atravessada por formas ideológicas, isto é, pelo viés dos interesses, da preservação ou da conquista de posições de poder. Os campos do conhecimento não são imunes uns aos outros; a ciência, por vezes, não ultrapassa o

senso comum; outras vezes, peca pelo inverso e se afasta em demasia do conhecimento vivo e intuitivo do dia a dia, cortando seus laços com a realidade e isolando-se num lugar enrijecido. (FRANÇA, 2016, p.23).

Trazendo a definição de jornalismo para a língua portuguesa, corresponde a uma atividade profissional que visa coletar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou a segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão etc.) para difundi-las. Podemos ir além.

O jornalismo na TV tem o principal papel de informar, ou formar uma opinião. No Brasil, a televisão chegou em 1950. O país foi o primeiro da América Latina e o quinto do mundo a ter televisão. Na década de 1960, a televisão se firmou como veículo publicitário. Na década de 1970, após o surgimento de emissoras por todo o país, ela popularizou-se. Em 1971, 27% das residências brasileiras tinham televisão; em 1978, esse percentual saltou para 67%; atualmente são 92%, segundo o IBGE.

A televisão cria uma relação de proximidade entre o comunicador e o receptor. Pela influência na rotina das pessoas, a televisão sempre dividiu opiniões. É comum em reuniões familiares pessoas comentarem notícias dos jornais e ainda episódios de novelas. Mas, neste trabalho, vamos abordar o papel do jornalismo na TV.

É comum ouvirmos depoimentos em rodas de amigos que, ao fim de um dia de trabalho, ao chegar em casa, as pessoas ligam a televisão para tomarem conhecimento das principais notícias do dia na TV Globo que se gaba por ter o principal jornal do país. O veículo nos informa o ocorrido no Brasil e no mundo de forma sintética, de modo a dar um panorama do que segundo a editoria daquele veículo é de importância para o coletivo. O jornalismo na TV tem o papel de informar e ainda cada vez mais a função de formar opinião. Mesmo com a exigência de ser imparcial, o jornalismo conduz o espectador para um caminho e, a partir dele, são feitos comentários e consolidações de ideias a partir do que é visto e recebido.

O jornalismo é uma atividade profissional voltada para a coleta, investigação, verificação, produção e disseminação de notícias e informações para o público. Os jornalistas têm a responsabilidade de relatar acontecimentos, questões e histórias relevantes, fornecendo ao público informações precisas, imparciais e contextualizadas.

O objetivo principal do jornalismo é informar sobre eventos atuais, questões sociais, políticas, econômicas e culturais, além de servir como um mecanismo de prestação de contas para os governos e outras instituições de poder. Os jornalistas desempenham um papel fundamental, atuando como intermediários entre as fontes de informação e o público.

Os profissionais de jornalismo utilizam métodos de pesquisa e investigação para

obter informações precisas e confiáveis. Eles realizam entrevistas, fazem análise de dados, pesquisam documentos e testemunham eventos para obter os fatos necessários para criar notícias. A ética jornalística, como a precisão, a imparcialidade, a transparência e a prestação de contas, são fundamentais para o exercício responsável do jornalismo.

Além disso, com o avanço das tecnologias e a ascensão da mídia digital, o jornalismo também evoluiu para incluir formatos como jornalismo *online*, multimídia e jornalismo de dados. Essas mudanças têm impactado a forma como as notícias são produzidas, distribuídas e consumidas, mas os princípios fundamentais de reportagem e busca pela verdade continuam sendo essenciais para a prática do jornalismo.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, criado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) em 1987, é o principal documento que orienta a conduta ética dos jornalistas e, embora não seja voltado especificamente para a TV, seus princípios éticos se aplicam a todos os profissionais de jornalismo, independentemente do meio de comunicação em que atuam. Ao estudarmos o código, podemos fazer a seguinte interpretação de seis princípios que são relevantes para o jornalismo de TV:

1. **Objetividade e imparcialidade:** A ética do jornalismo na TV geralmente exige que os profissionais da área se esforcem para relatar os fatos de forma objetiva e imparcial, apresentando uma visão equilibrada dos eventos e evitando a promoção de pontos de vista pessoais ou tendenciosos.
2. **Precisão e veracidade:** Os jornalistas de TV devem se esforçar para garantir que as informações divulgadas sejam precisas e verificadas. É importante que eles busquem múltiplas fontes confiáveis e corroborem os fatos antes de apresentá-los ao público (quando Stanley foi racista ao citar o presidente do Ibope, Montenegro não estava mais há anos à frente do instituto. ele já tinha deixado o cargo que Stanley mencionou, assim, uma informação equivocada por parte do apresentador, sem a devida apuração).
3. **Responsabilidade social:** A ética do jornalismo na TV implica uma responsabilidade social em relação ao público. Os jornalistas devem levar em consideração o impacto que suas reportagens podem ter na sociedade e evitar a disseminação de informações falsas, sensacionalismo excessivo ou práticas que possam causar danos injustificados.
4. **Privacidade e dignidade:** Os jornalistas de TV devem respeitar a privacidade das pessoas e sua dignidade. Eles devem obter consentimento adequado antes de gravar ou transmitir imagens de pessoas em situações sensíveis ou traumáticas e evitar invadir a privacidade de indivíduos sem justificativa legítima.
5. **Conflitos de interesse:** Ética no jornalismo na TV exige que os jornalistas evitem

conflitos de interesse que possam comprometer sua integridade ou a objetividade de suas reportagens. Eles devem divulgar qualquer interesse pessoal ou financeiro que possam ter em relação às histórias que estão cobrindo.

6. Sensacionalismo e entretenimento: Infelizmente, em alguns casos, a ética pode ser comprometida em busca de audiência e classificações. O sensacionalismo e a transformação das notícias em entretenimento são práticas questionáveis que podem distorcer a informação e diminuir a qualidade jornalística.

É importante ressaltar que esses princípios éticos podem variar em diferentes contextos e culturas, e nem sempre são seguidos de forma consistente por todos os veículos de mídia. Cabe aos jornalistas e às organizações de notícias assumir a responsabilidade de manter altos padrões éticos e fornecer informações confiáveis e relevantes ao público.

Para o SBT, Sistema Brasileiro de Televisão, mais conhecido como a emissora de Sílvio Santos, o jornalismo é a divulgação das notícias mais importantes do dia com liberdade editorial e credibilidade, fatores para o exercício de um jornalismo claro e transparente. Frase que vem estampada na capa do site da emissora. O SBT destaca elementos que devem ser seguidos e respeitados, como credibilidade, seriedade, isenção e apartidarismo. Defende que o tom da produção deve ser otimista, procurando mostrar que, mesmo nas situações mais trágicas, é possível dar a volta por cima. A emissora ressalta que busca o respeito ao telespectador e que o jornalismo deve ser tão indispensável quanto o alimento do dia a dia.

A liberdade de expressão e o direito à informação são princípios fundamentais da democracia e uma das razões para a existência da imprensa. O jornalista, de acordo com a autora Vera França (2014), é um servidor da sociedade. Ele tem a missão de ser uma referência idônea, ou uma ponte, um elo entre a notícia e o receptor dela com fidelidade, precisão e honestidade nos fatos e acontecimentos de interesse público.

Se analisarmos a teoria de Andrew Keen abordado no livro de Luís Mauro Sá Martino, (2015) relacionada com o episódio de racismo envolvendo Gusman no Alterosa Alerta, o absurdo de 9 de julho de 2019 estava fadado a acontecer, pois Stanley não era jornalista e estaria ocupando uma posição e um lugar de um profissional da área da comunicação. O jornalista tem por formação o dever de ser isento, principalmente, em apresentação de jornais, de opiniões, inclusive em telejornais, evitando expressões faciais como surpresa, espanto ou até mesmo alegria. Esse é o código de conduta ética que o jornalista deve seguir, muito embora possa ser questionado se há maneira de um profissional da comunicação ser isento.

Embora seja difícil, é importante que o jornalista pelo menos tente ser o mais imparcial possível ao reportar as notícias. É importante lembrar que o objetivo do jornalismo é fornecer informações precisas e objetivas, permitindo que os espectadores formem suas próprias opiniões com base nos fatos apresentados. No entanto, é importante lembrar que os jornalistas são seres humanos e, portanto, têm suas próprias crenças e perspectivas pessoais. Isso, sim, pode afetar a maneira como eles relatam as notícias, mesmo que seja de forma inconsciente. É importante que os jornalistas estejam cientes de seus próprios preconceitos e trabalhem para minimizá-los. Deve-se haver uma busca para apresentar os fatos de maneira justa e equilibrada, incluindo múltiplas perspectivas e opiniões divergentes.

Os jornalistas também podem seguir códigos de ética profissional de cada empresa que geralmente exigem que eles se abstenham de favorecer ou promover certos pontos de vista, partidos políticos ou grupos (como é o caso de veículos de comunicação que criam suas próprias regras internas de conduta, seus manuais). É papel da classe ainda seguir normas de verificação de fatos e checagem de fontes para garantir a precisão de suas reportagens. Nesse caso, estamos mencionando o Manual de Jornalismo do SBT, documento interno da emissora ao qual tivemos acesso. Embora a imparcialidade total possa ser difícil de alcançar, os jornalistas devem continuar trabalhando para se aproximar desse ideal para garantir que suas reportagens sejam confiáveis e respeitáveis.

Gusman era um advogado e empresário conhecido por ter sucesso nas vendas de comerciais para a TV. Então, não seria possível ele fazer jornalismo desconhecendo o que era de fato, na essência, o papel do profissional. Inclusive, Gusman pagava pelo espaço na TV aberta.

Quando amadores se misturam com profissionais, o resultado é negativo para todos. O profissional vê seu trabalho perder a importância, o amador não se dá conta de suas limitações, o público sem parâmetros para avaliar o que vê, toma a especulação por verdade e a opinião como fato. (MARTINO, 2015, p.264).

O apresentador racista não teve empatia nem dos "colegas" de televisão. Em dado episódio estudado neste trabalho, não houve quem se solidarizasse com a atitude e nem tão pouco com o pedido de desculpas.

Para o SBT, Sistema Brasileiro de Televisão, em que a TV Alterosa, empresa afiliada em Belo Horizonte e por onde era transmitido o programa Alterosa Alerta, por Stanley Gusman, um dos pilares da emissora é informar bem para melhor formar seus telespectadores a quem eles chamam de povo e a "nossa" gente. Segundo eles, com valores como ética, transparência e excelência. E o programa está classificado para o grupo como um programa jornalístico, de acordo com o site do SBT. E sobre o principal jornal da

emissora, o SBT Brasil, a página na *web* acrescenta: "As notícias mais importantes do dia ao vivo com liberdade editorial e credibilidade, fatores para o exercício de um jornalismo claro e transparente".

Entretanto, diariamente, o que podia ser percebido era diferente. Apesar de fazer parte de uma emissora e estar de certa maneira subordinado à linha editorial do SBT, o Alterosa Alerta estava longe de ser um programa jornalístico. Era pautado em sensacionalismo, principalmente.

Em dado episódio, Gusman resolveu assumir um novo cenário. Cansado do visual antigo, onde ele apresentava o Alterosa Alerta há dois anos, Gusman resolveu pedir para a emissora um estúdio novo. Na mesma época, programas de rede do SBT estavam fazendo alterações de cenário. Gusman não foi atendido. Por problemas financeiros enfrentados pela TV, a diretoria informou que não investiria nenhum recurso para um novo cenário. Gusman resolveu arcar sozinho com todas as modificações. Foram quase seis meses entre projetos arquitetônicos, estruturais e orçamentos.

Meses depois, o novo estúdio do Alterosa Alerta estava pronto. Moderno e com sete monitores que poderiam transmitir independentemente qualquer site ou *links* ao vivo. Além de dinheiro, Gusman se envolveu diretamente na obra. E, finalmente, quando tudo ficou pronto, ao entrar ao vivo às 12h30, Stanley veio às lágrimas. O apresentador não conseguiu sequer dar boa tarde para os telespectadores e chorava copiosamente. Descontrolado, ele ficou por pelo menos um minuto, tempo que na TV é enorme, chorando, soluçando e apontando para o alto referindo-se a um agradecimento. As redes sociais reagiram e, mais uma vez, interagiram com o apresentador dando os parabéns pela atitude, pelo novo cenário e, principalmente, por demonstrar humanidade chorando, se emocionando e não agindo como um jornalista frio. Muitas pessoas gostavam desse espetáculo.

Assim, mesmo não sendo classificado para a cabeça de rede, ou seja, principal produto de uma regional, como entretenimento, vamos ver que o Alterosa Alerta pode passar por lá também. É o que veremos agora.

3.2 Entretenimento

Começamos aqui com a definição de que jornalismo tem a função de informar e entretenimento de divertir. Vamos utilizar como referência a emissora de televisão aberta que mais produz conteúdos de entretenimento no Brasil. E, de acordo com site da TV Globo, um programa de TV de entretenimento geralmente possui as seguintes características:

- **Formato:** Os programas de entretenimento geralmente têm um formato estruturado e previsível, com segmentos ou seções específicas. Podem incluir entrevistas, competições, apresentações musicais, esquetes cômicas, jogos, reality shows, entre outros.
- **Apelo ao público-alvo:** O programa é projetado para atrair um determinado público-alvo, seja crianças, adolescentes, adultos jovens, adultos ou idosos. Os temas, estilo e tom do programa são adaptados para atender às preferências desse público.
- **Entretenimento e diversão:** O objetivo principal desses programas é entreter o público, proporcionando diversão, risadas e momentos agradáveis. Eles podem incluir comédia, drama leve, música, dança, performances artísticas e até desafios divertidos.
- **Apresentadores:** Muitos programas de entretenimento têm apresentadores que guiam o público através do programa, fazem piadas, interagem com os convidados e mantêm o ritmo do show.
- **Convidados especiais:** Os programas de entretenimento frequentemente apresentam convidados especiais, como celebridades, músicos, atletas, artistas e outros profissionais que são relevantes para o público-alvo. Esses convidados geralmente participam de entrevistas, performances ou competições. Stanley recebeu artistas como Sérgio Malandro, cantores e dançarinos como Sheila Melo, políticos como o então deputado federal Jair Bolsonaro que foi acompanhado dos filhos.
- **Produção visual e estética:** Os programas de entretenimento costumam ter uma produção visual cuidadosa, com cenários atrativos, iluminação adequada, gráficos interessantes e elementos visuais que contribuem para a experiência do espectador.
- **Interatividade:** Muitos programas de entretenimento incentivam a participação do público por meio de enquetes, competições em que os espectadores podem votar ou interagir pelas redes sociais. Essa interatividade cria um senso de envolvimento e engajamento com o programa. Stanley não saía do celular vendo os comentários dos internautas.
- **Variedade e surpresa:** Programas de entretenimento buscam manter o interesse do público oferecendo uma variedade de segmentos e atrações. Eles podem incluir reviravoltas inesperadas, performances surpreendentes,

desafios imprevisíveis ou apresentar diferentes formatos em episódios diferentes para manter o público engajado.

- Edição e ritmo: Os programas de entretenimento são geralmente bem editados para manter um ritmo ágil e dinâmico. Cortes rápidos, efeitos visuais, música de fundo e transições suaves são usados para criar um fluxo contínuo e cativante.
- Audiência em massa: Esses programas são projetados para atrair uma ampla audiência, com o objetivo de alcançar uma alta classificação de audiência e atrair anunciantes. Portanto, eles costumam ter um apelo amplo e evitam temas polêmicos ou muito específicos. (GLOBO, 2023).

É possível exemplificar alguns programas de entretenimento, mencionando a principal e mais assistida emissora de TV do Brasil, a Rede Globo de Televisão. As novelas estão entre os principais produtos da emissora. Elas abordam histórias dramáticas com diversos personagens e tramas envolventes, sendo exibidas em horário nobre durante a semana. As novelas brasileiras são conhecidas internacionalmente pela qualidade e popularidade.

A TV Globo apresenta diversos programas de auditório que incluem a participação do público, jogos, competições, entrevistas e apresentações musicais. Alguns exemplos são o "Caldeirão com Mion", "Domingão do Faustão" (até 2021), agora "Domingão com Huck", e "Altas Horas". Também produz e exibe *reality shows*, nos quais os participantes vivem em um ambiente controlado enquanto são observados por câmeras. Exemplos conhecidos são o "Big Brother Brasil" (BBB), "The Voice Brasil" e "The Masked Singer". Têm também uma tradição forte em programas de humor, que incluem esquetes, sátiras, paródias e performances cômicas. Alguns exemplos são "Zorra Total", "Escolinha do Professor Raimundo" e "Tá no Ar: A TV na TV". Alguns desses programas de humor, por terem características de piadas pejorativas e em muitos casos crimes, foram muito difundidos na década de 1980. Atualmente, não cabem mais no gosto do brasileiro e foram retirados da grade de programação.

Lucia Santaella tem uma grande importância no estudo sobre o entretenimento e aqui vamos mencionar uma pequena parte de seus estudos. Em suas análises, Santaella (2010) examina como a estética é empregada no entretenimento para criar experiências sensoriais e emocionais significativas. Ela explora como os aspectos visuais, como o *design* de cenários, figurinos e efeitos especiais são utilizados para criar mundos fictícios envolventes. Santaella

também examina a importância da música, dos efeitos sonoros e da trilha sonora na construção de atmosferas e na condução das emoções do público.

Santaella (2010) também investiga a dimensão narrativa do entretenimento, analisando como as histórias são construídas e como os elementos estéticos são empregados para transmitir significado e envolver os espectadores. Ela examina a estrutura narrativa, os tipos dos personagens e os dispositivos retóricos utilizados para criar tensão, suspense e identificação emocional com os personagens. Explora a noção de experiência imersiva no entretenimento, que envolve a criação de um ambiente sensorialmente envolvente, onde o público é transportado para uma realidade alternativa. Ela investiga a maneira como elementos como realidade virtual, realidade aumentada e tecnologias interativas são utilizados para criar experiências imersivas que estimulam os sentidos e envolvem o público.

A busca do entretenimento é constante, pois o mundo contemporâneo cada vez mais parece ter uma urgência e uma necessidade de lazer. O tempo é cada vez mais escasso, dadas as inúmeras atividades diárias. Problemas sociais deixam a vida ainda mais estressante e as tarefas de pagar as contas e ter capacidade para isso podem ter reflexos inclusive na saúde, caso não haja momentos de entretenimento. Um artigo publicado na revista Super Interessante (2018) cita o escritor de ciência americano Steven Johnson quando ele acredita que um grande momento para a produção seja em tempos de entretenimento, diversão e lazer.

Às vezes as pessoas inventam coisas porque querem se manter vivas ou alimentar seus filhos ou conquistar uma aldeia próxima. Mas, frequentemente, novas ideias surgem no mundo simplesmente por serem divertidas. E o mais estranho de tudo: muitas dessas invenções divertidas, mas aparentemente frívolas, acabaram por desencadear transformações muito importantes na ciência, na política e na sociedade. (SUPER INTERESSANTE, 2018).

Vivemos em um mundo cercado de entretenimento: cinema, jogos de futebol, teatro, rádio e tv. Em tempos mais recentes, o telefone celular se transformou em um meio de entretenimento, com as redes sociais e os jogos que podem ser baixados nele. Na televisão, o jornalismo vem mudando a cada dia e se adaptando aos novos formatos, à nova linguagem e até mesmo ao novo público. Agora, a agilidade da TV e do rádio deu lugar ao imediatismo das informações das redes sociais, com o advento da internet.

No periódico Aturá, (2018) uma reportagem aborda a fusão da informação com o entretenimento.

A diversão deixou de ser dicotomicamente separada do mundo do trabalho para tornar-se uma parte significativa da existência sob forma de esporte, cultura, turismo, educação continuada ou entretenimento. Na verdade, entretenimento passou a ser um componente importante para atrair o consumo e oportunidades de

negócios. Não basta oferecer produtos ou serviços. É preciso informar e divertir [...], criar estilos de vida, gerar experiências para as pessoas. (ATURÁ, 2018, p. 83-98).

Assim, seja pela luta pela audiência, seja por mudanças na vida cotidiana, cada vez mais se tem programas e entretenimento, principalmente na TV. José Marques de Melo (2013) aponta cinco gêneros: informativo, diversional, interpretativo, opinativo e utilitário. Ao falar sobre a velocidade das transformações sofridas no mundo, de modo geral, o autor alerta para a necessidade de mudança também nessa classificação: 1) o vulto de matérias focalizando “serviços” não mais cabia no formato “nota” do gênero informativo, sinalizando a emergência do gênero utilitário. 2) A presença de matérias do tipo enquete que se desgarram dos formatos entrevista ou reportagem, denotando o reflorescimento do gênero interpretativo e 3) O aparecimento significativo de textos conotados pelo humor ou pela ironia que deixavam de perfilar no território pertencente ao gênero opinativo, ensejando o cultivo do gênero diversional.

O gênero informativo é o mais tradicional e que vemos presente principalmente em telejornais. Mesmo com tantas formas de se informar, as pessoas ainda buscam os telejornais, escutam rádio ou acessam a internet para saber o que acontece na cidade, ler sobre fatos fortuitos ou, ainda, em locais onde o clima tem interferência direta na vida das pessoas, informações sobre a temperatura e assuntos amenos.

A mudança, ou o entretenimento, vem com a despretensão de informar. O propósito é divertir, alegrar e ser leve. Mesmo que ainda não tenha caído nas graças de alguns intelectuais. Nesse caso, a revista *Aturá* (2018) cita Luiz Gonzaga Godoi Trigo.

O entretenimento está deixando de ser motivo de escárnio dos intelectuais mal humorados. Isso foi sendo muito bem aceito pelas massas que trabalham, que pagam impostos e que querem ficar em paz e se divertir sem que as igrejas, os sindicatos, os governantes e os intelectuais digam o que elas devem ou não fazer. Na verdade, até mesmo os sisudos sindicalistas, religiosos e intelectuais partiram para ações que mesclam o entretenimento visando atrair clientes para os seus negócios. (TRIGO apud ATURÁ, 2018, p. 83-98)

Cada vez mais os programas de entretenimento, sem o compromisso de informar, têm ganhado espaço nos veículos de comunicação. Resta agora ainda um equilíbrio e um outro gênero de programa, o infotenimento, que é a informação e entretenimento juntos.

De acordo com Silverstone (2002), essa afinidade da cultura contemporânea, com hibridismos entre jornalismo e entretenimento - e, portanto, com a criação de produtos que misturam notícias e piadas (além de muitos outros tipos de infotenimento) - , faz parte de uma tendência à compreensão da mediação como um jogo, comprometido apenas com regras próprias. Cria-se assim, um problema de representação ao da alteridade, bem como uma perda de senso de responsabilidade em relação ao outro e ao mundo que nos cerca. Isso porque o

contrato estabelecido entre produtores e espectadores de canais de comunicação passa por regras que regem padrões estéticos e promessas de entretenimento, cujo cumprimento é atentamente verificado pelo público. (LERY, 2018, p 19).

A autora acredita que em programas de entretenimento e talk shows em que o humor é presente, e o compromisso com a informação não é prioridade, há uma dose de cinismo. E, quando há um excesso, chegam a ser comuns as agressões. A autora ressalta que isso pode acontecer principalmente pelo descrédito da população no jornalismo imparcial e objetivo. No programa que estamos usando como exemplo, o *Alterosa Alerta*, no dia do crime de racismo até mesmo um recurso de sonoplastia, como o estalar de pratos musicais, foram utilizados para ressaltar a fala do apresentador, como se ele tivesse "lacrado" ao fazer o que ele tratou como uma brincadeira.

Difícilmente uma pessoa tem um ato racista sem saber o que se está fazendo. Para Lery (2018), os atos racistas são sim conscientes. Entretanto, os atos são tão habituais, corriqueiros e cotidianos que se tornam parte de um programa e passa a ser tratado como comum. Há ainda a questão de atrair o telespectador em busca de um sucesso de números de pessoas que são fiéis ao programa. Nesse caso, o sensacionalismo, ou as transgressões que no mundo atual são chamadas de "lacrções", são uma maneira de atrair comentários e plateia, independentemente de, no caso de Stanley, não ter se preocupado com as consequências: um crime de racismo. Lery (2018) cita Safatle (2008) ao mencionar que atos de ironia podem ser usados como forma de perpetuar valores que dão sustentação à sociedade pós-ideológica.

Vladimir Safatle (2008) chega a afirmar que a televisão contemporânea leva até seu público um conteúdo previamente ironizado, ou seja, que está em constante autonegação. Essa autonegação seria uma resposta ao distanciamento que o próprio espectador estabelece do conteúdo midiático. Ele é capaz de se entreter com um programa televisivo e até mesmo aceitar seu conteúdo político, mas é uma crença irônica, distante, que o autor chama de "crença desprovida de crença". Em outras palavras, é através da ironia e da autonegação que a sociedade "pós-ideológica" como Safatle classifica criticamente a contemporaneidade, perpetua suas relações de poder. Essa relação nos leva a pensar em uma dificuldade ou como chega a afirmar o autor, na falência dos modelos de crítica em uma sociedade em que o cinismo e ironia são generalizados. (LERY, 2028, p.17).

E aqui, vamos ver que o programa *Alterosa Alerta* em nossa análise, e com base nos autores estudados, pode ser enquadrado como sendo um programa jornalístico e de entretenimento.

3.3 Os limites entre jornalismo e entretenimento aplicados no Alterosa Alerta

Depois de estudarmos os conceitos de jornalismo e entretenimento e, neste caso, aplicado em programas de TV, podemos estudar uma terceira classificação de terceiro tipo de programa: o infotenimento. É um tipo de jornalismo praticado em que ocorre a mistura de informação e entretenimento.

Infotenimento é um termo que combina as palavras "informação" e "entretenimento", referindo-se a conteúdos midiáticos ou programas que buscam fornecer informação de forma atraente e envolvente, equilibrando elementos informativos e elementos de entretenimento. Ele tem como objetivo principal informar o público de uma maneira cativante, interessante e acessível. Busca utilizar técnicas e recursos típicos do entretenimento, como narrativas envolventes, apresentadores carismáticos, uso de recursos audiovisuais e até mesmo elementos de humor para atrair a atenção e o interesse do público.

Esse tipo de abordagem é comumente encontrado em programas de televisão, rádio, *podcasts*, vídeos *online* e até mesmo em certos formatos de notícias e conteúdos informativos na internet. A ideia é tornar a informação mais acessível e atraente, buscando envolver o público e mantê-lo engajado ao mesmo tempo em que são transmitidos fatos e conhecimentos relevantes.

O infotenimento pode abranger uma ampla variedade de tópicos, como notícias, ciência, história, tecnologia, saúde, cultura, entre outros. Ele busca equilibrar a seriedade da informação com elementos de entretenimento para proporcionar uma experiência mais envolvente e agradável ao público.

No caso do programa Alterosa Alerta, ele pode assim ser classificado, mesmo não sendo oficialmente categorizado dessa maneira pelo SBT. Mas vamos ver que, como era conduzido por Gusman, se enquadra bem no estilo infotenimento.

Fábia Dejavite (2007), uma pesquisadora do infotenimento, destaca a função do jornalismo de entreter o público além de informar.

O jornalismo de infotenimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos que atende às necessidades de informação do receptor de hoje. Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão. (DEJAVITE, 2007).

O programa, que ainda é exibido, tinha uma hora de duração. Atualmente, tem 45 minutos. Era ao vivo de segunda a sexta-feira, das 12h30 às 13h30. Atualmente, é das 12h45 às 13h30 e tem dois apresentadores: Tiago Reis e Renato Rios Neto, ambos jornalistas formados e que migraram do rádio para a TV. Thiago e Renato são apresentadores de programas da rádio Itatiaia. As reportagens exibidas eram factuais, notícias que aconteciam no dia, como acidentes, crimes, tragédias, e ainda o que chamamos de reportagens de serviço, como pedido de ajuda para comunidades de bairros e demandas de saúde. Em alguns dias da semana, mas sem quadro fixo, uma *drag queen* participava do programa, com fofocas de famosos e brincadeiras, ou promoções para sorteio de ingressos de shows que estivessem programados na cidade. Stanley chegou a pedir a participação da convidada *drag* para comentar crimes e mortes após a exibição de algumas reportagens. E ele ainda se vangloriava em ter em seu espaço uma personagem cômica que ele assim intitulava, comentando tragédias e assuntos que fugiam das atribuições da convidada.

O programa, como já mencionado, também contava com comerciais no estúdio, ao vivo, feitos pelo próprio apresentador, conhecidos como testemunhais. A publicidade era feita por Gusman que muitas vezes não seguia o texto da agência e improvisava. Essa era uma característica dele, o que deixava os clientes e patrocinadores bem satisfeitos, porque pagavam pelo espaço de dois minutos e recebiam em troca cinco minutos.

O apresentador, conforme mencionado anteriormente, não era jornalista. Era comunicador por vocação, advogado e um bom comerciante. Fazia boas vendas publicitárias, chegando a elevar o programa ao primeiro lugar em vendas na emissora, com faturamento maior do que o dobro de outros programas da casa. Em alguns dias, o Alterosa Alerta chegava a ter até oito testemunhais com média de tempo de três minutos cada um, embora em alguns casos esse tempo chegasse a seis minutos para um único comercial. Isso fazia com que às vezes houvesse mais espaço para publicidade do que reportagens a serem exibidas. Stanley tinha tanto sucesso em vendas de comerciais que chegou a receber o título de "Ratinho Mineiro", em referência ao apresentador de São Paulo, Carlos Massa, o Ratinho, que fatura milhões em vendas de comerciais chamados testemunhais.

O apresentador, na verdade, exercia o papel de um âncora do programa e usava bordões como "Vem comigo Minas Gerais", "Bandido bom é bandido morto", "Bandido bom é com o CPF cancelado." Estes são alguns que Gusman utilizava constantemente ao vivo, em tom de brincadeira e que, mesmo absurdos em alguns programas classificados como entretenimento, ainda eram permitidos.

Outro exemplo de programa como o Alterosa Alerta era exibido pela Rede TV. Alerta Nacional foi um programa de televisão jornalístico brasileiro gerado pela TV A Crítica e transmitido em rede nacional. É originado do Alerta Amazonas, programa policial comandado por Sikêra Júnior, que atingiu a liderança isolada de audiência no estado do Amazonas em horário nobre. Mas em abril de 2023 deixou de ser exibido após o contrato do apresentador não ser renovado. Vale lembrar que são inúmeros os processos contra o apresentador que também cometia vários excessos como Gusman. Muitos processos públicos que podem ser visualizados nas próprias redes sociais.

No Alterosa Alerta, vez ou outra Stanley dançava ao vivo, mandava abraços e conduzia de forma bem irreverente o que ia ao ar. Era praticamente impossível definir como seria o programa no dia. O fato de em determinado dia se ter mais notícias de tragédias e mortes, não era garantido que seria um programa sóbrio e sem brincadeiras. Stanley dava notícias trágicas e ao mesmo tempo descontraídas, transitando de um lugar a outro com muita tranquilidade. É possível ainda que Stanley tenha sido considerado irreverente devido a sua abordagem humorística e muitas vezes satírica ao apresentar as notícias e programas de televisão.

Ele era conhecido por sua personalidade forte e sua tendência a desafiar as convenções da mídia tradicional, o que pode ter causado polêmica e controvérsia em algumas ocasiões. Vale lembrar que a irreverência do apresentador pode ser percebida de diferentes maneiras por diferentes pessoas e, o que pode parecer engraçado ou inovador para alguns, pode parecer ofensivo ou inapropriado para outros.

Uma das ironias que mais repercutiu contra Stanley Gusman foi na época da Covid-19. Gusman ironizou a fala do prefeito da capital Alexandre Kalil sobre o isolamento. Entre os vários dias em que Gusman usava o programa para atacar os governantes que tratavam a pandemia com seriedade, o comunicador de 49 anos se contrapôs às medidas de segurança propostas e chegou a dizer que não deixaria de visitar os pais, familiares e amigos por causa das imposições da quarentena. “Eu não vou matar meus pais. Não tem ninguém nesse mundo que me impeça de olhar nos olhos dos meus pais e dizer a eles: Eu amo vocês! Vou buscar um diploma que meu herói (pai) guarda na parede da sala da nossa inviolável residência e ninguém vai me impedir”. (GUSMAN, 2019). Em tom agressivo e ao mesmo tempo irônico, esse era mais um dia de condução do Alterosa Alerta.

O apresentador tinha ainda o costume de comentar notícias de crimes dizendo que respeitava a família da vítima, mas que, sinceramente, aquele CPF cancelado não fazia diferença nenhuma para a sociedade. Muito antes pelo contrário, era menos um bandido e

terminava dizendo que não tinha medo de morrer e nem de ser procurado por esses meliantes que se sentissem ofendidos ou agredidos com a fala dele. Stanley usava ainda adereços em seu programa.

Em determinados momentos, ele colocava óculos escuros e dançava imitando e mencionando artistas sensuais. Em outros, tirava o *blazer* que usava na apresentação como se tivesse fazendo *strip tease*, de forma a dizer que era galã e que conhecia a vida e as artimanhas do ser humano. E mais, ele tinha um pedaço de madeira, como um porrete, dentro do estúdio, que ficava à mão a todo instante que precisasse. Ele deu o nome de "com carinho". Em cada um dos lados do porrete tinha um escrito à caneta: "supositório, carinho, massagem, cafuné".

Gusman também era muito interativo com o público, incentivando as pessoas a enviarem mensagens e sugestões de pauta para o programa. Ele fazia questão de responder as perguntas e comentários dos telespectadores ao vivo, o que aumentava ainda mais a interatividade e a participação do público. Ficava praticamente o programa inteiro com o telefone celular à mão, olhando as mensagens e respondendo no ar. O que era outro problema, porque se ele visse alguma mensagem que o desagradasse, aí sim o programa e o apresentador saíam do controle. Stanley ficava extremamente nervoso no ar e respondia a pessoa até a atacando.

Exatamente por ser um canal de serviços que oferece uma multiplicidade de programas de todos os gêneros – artísticos, jornalísticos, esportivos, etc. – a televisão permite a fácil transposição dos limites entre ficção e realidade. O fim da fronteira entre informação e entretenimento obrigou o telejornalismo a se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias [...] as notícias são apresentadas por belas mulheres, ou por âncoras que funcionam como showman. (ARBEX, 2001, p. 51).

O improviso, como disse, era a marca registrada dele. Gostava de cantar e de estar bem perto das pessoas comuns. Quanto mais baixa a classe social da pessoa, mais ela se identificava com o programa, com o apresentador e com as falas, o que pode ser comprovado por dados fornecidos por institutos de pesquisa na época.

Era praticamente um show diário e era assim que Gusman, o *showman*, dirigia um programa de entretenimento.

No Observatório da Imprensa, Tcharly Magalhães Briglia dialoga sobre esse limite mencionando Felipe Pena. Vídeo Show e TV Fama vivem da encenação e repercutem infinitamente em novas encenações. A mídia produz celebridades para poder realimentar-se delas a cada instante e, um movimento cíclico e ininterrupto. Até os telejornais são pautados pelo biográfico e acabam competindo com os filmes, novelas e outras formas de entretenimento é uma Disneylândia de notícias, como se os redatores fossem Mickey Mouse e Pateta. (BRIGLIA, 2015).

Stanley Gusman apresentou o Alterosa Alerta na TV Alterosa por quatro anos. O programa teve muitos momentos marcantes durante esse período. O estilo irreverente de Stanley Gusman, conhecido por seu estilo humorístico e muitas vezes satírico ao apresentar as notícias, tornava o programa único e diferenciado dos demais. O Alterosa Alerta geralmente cobria eventos locais em Minas Gerais, incluindo festas populares, shows, eventos esportivos e outros acontecimentos culturais. A abordagem popular do programa era destinada ao público em geral e Gusman fazia questão de se comunicar com os telespectadores de forma direta e descontraída, criando uma relação próxima com o público.

Com seu estilo, Gusman e sua equipe do Alterosa Alerta muitas vezes buscavam novas maneiras de apresentar as notícias, utilizando recursos visuais e tecnológicos para criar uma experiência mais imersiva para o público. O compromisso era com a cobertura jornalística. Apesar do estilo irreverente e popular do programa, Gusman e sua equipe levavam a sério a responsabilidade de informar o público, apresentando notícias precisas e relevantes sobre assuntos locais, nacionais e internacionais.

Vale lembrar um episódio ocorrido no metrô de BH. Um dos repórteres do programa, Pablo Thiago, foi ao metrô da capital fazer uma entrada ao vivo sobre o preço da passagem que sofreria reajuste. Ao chegar ao local, os seguranças quiseram impedir o repórter de mostrar a insatisfação da população frente ao reajuste e à má qualidade do serviço, como eles diziam ao repórter. Uma confusão foi formada envolvendo seguranças do metrô de Belo Horizonte e a equipe da TV Alterosa. A emissora transmitia o programa Alterosa Alerta, na terça-feira, dia vinte e três de abril de 2019.

Stanley Gusman observava do estúdio e ficou bastante alterado com a situação, quando o repórter responsável por noticiar o reajuste da tarifa do metrô começou a ser impedido de gravar no local, tudo isso ao vivo. Ele xingava e gesticulava bastante. A gota d'água foi o momento em que os seguranças tamparam a lente da câmera com as mãos e danificaram o celular do repórter. Stanley perdeu o controle e gritava muito com o programa no ar. E, mais uma vez, pedia a participação dos telespectadores que ele considerava pessoas da equipe do Alterosa Alerta. Ao fazer o programa ao vivo, ele dizia: “Você que está no metrô agora, faça imagem disso aí. Eu quero a polícia lá agora. Liguem para a polícia. Estão agredindo meu repórter ao vivo! Violência contra a equipe de jornalismo no metrô de BH. Isso aqui é TV Alterosa, eu exijo respeito aos meus jornalistas”. (GUSMAN, 2019).

Em outro momento, Stanley pediu para ser substituído no comando do programa. O repórter Rafael Martins, que estava na porta da emissora em um *link* montado no local para entradas também ao vivo, foi para o estúdio substituir Gusman. Ele tirou o microfone no ar,

sem pedir nenhum comercial, e saiu correndo em disparada pelas ruas do bairro Floresta até a Estação Central do metrô que ficava a poucos metros da emissora. Stanley saiu correndo, no meio da rua, de terno, gravata e visivelmente alterado. Assim que chegou ao local onde a confusão ocorria, pegou o microfone do repórter Pablo Thiago e entrou ao vivo ainda mais nervoso. Naquele momento, ele estava ofegante também pela correria.

Enquanto isso, o repórter Rafael Martins (2019), que havia assumido o lugar de Stanley dentro do estúdio, improvisava e ganhava tempo até que Gusman chegasse ao local. “Nós estamos aqui para mostrar a realidade do dia a dia das pessoas aqui. Ninguém tem o poder de tirar do povo o direito de ir e vir”, disse assim que chegou à estação do metrô. “A hora de empurrar a minha equipe é agora. Estou ao vivo, Minas Gerais está me assistindo, então a hora de empurrar é agora”, desafiou. Stanley parecia gostar do espetáculo. A Companhia Brasileira de Trens Urbanos, CBTU, responsável pelo local, esclareceu que em nenhum momento os seguranças da companhia tiveram qualquer intenção em cercear o trabalho da imprensa. O que de fato ocorreu foi que a produção do programa não chegou sequer a pedir autorização para a realização de reportagem na Estação Central, o que seria procedimento habitual para a execução de quaisquer atividades, naquele referida instituição ou em qualquer empresa pública ou privada.

Como a assessoria de imprensa da CBTU não sabia da demanda e, em nenhum momento, antes da gravação, a equipe de reportagem da Alterosa chegou a mencionar para os profissionais da CBTU que foram ao local com essa finalidade, nem tampouco se apresentaram, o que os seguranças fizeram foi uma tentativa de abordar e avisar que os jornalistas poderiam filmar, sim, mas que precisavam de acompanhamento da assessoria da companhia. Era assim que Gusman apresentava o programa Alterosa Alerta. O fato foi esquecido na mesma semana.

Outro episódio extremamente importante para a carreira de Gusman no Alterosa Alerta e que definia a impulsividade do apresentador foi durante a tragédia ou o massacre de Janaúba. Dez crianças, três professoras e o vigia Damião Soares dos Santos, que colocou fogo na unidade, morreram na tragédia da Creche Gente Inocente. Após jogar álcool em si mesmo e nas vítimas, o vigia ateou fogo. Quatro alunos morreram imediatamente. As outras vítimas foram socorridas e morreram no hospital. Para tentar salvar as crianças, a professora Helley Abreu Batista sacrificou a própria vida para que a tragédia não fosse ainda pior. Ela teve 90% do corpo queimado e morreu no hospital, horas depois.

A notícia chegou ao conhecimento de Stanley e da equipe enquanto acontecia, simultaneamente ao Alterosa Alerta no ar. Stanley ia informando os telespectadores à medida

que as notícias iam chegando para ele por meio de uma equipe parceira da TV Alterosa, sediada em Montes Claros, cidade que fica a 134km de distância de Janaúba, local do massacre. Todos ficaram muito emocionados. Assim que o Alterosa Alerta terminou, todos se reuniram no camarim do apresentador e ele, no mesmo instante, começou a chorar e a ficar extremamente inquieto.

Foi então que ele teve a ideia de seguir para a cidade da tragédia para no dia seguinte apresentar o programa de lá. Stanley foi até a direção da emissora. Por questões financeiras, a Alterosa achou melhor abortar a ideia. Mas ele insistiu e disse que arcaria com todos os custos. E assim foi feito. Uma intensa mobilização durante a tarde para o deslocamento da equipe: carros, caminhão com transmissão via satélite, hotel, voos e um deslocamento de seis profissionais. Todos passaram a noite e madrugada viajando. Trabalharam com afinco toda a manhã, inclusive para o SBT de São Paulo.

Stanley arcou com todos os valores gastos nessa operação. O programa Alterosa Alerta foi feito da porta do hospital onde as vítimas se encontravam. Ele se apresentou por quase duas horas, ao vivo, de pé, no meio da rua, sem teleprompter, ou ponto com a coordenação. Apenas a direção, em pé em frente a ele, dava as orientações. Tudo deu certo. Stanley como apresentador e empresário não media esforços, mesmo que isso lhe custasse muito dinheiro ou até mesmo o espaço. Ele seguia da maneira como acreditava ser certo.

Em outro caso, na cidade de Santa Margarida, na Zona da Mata mineira, um policial foi morto durante uma tentativa de assalto a bancos em 2017. Foi uma operação cinematográfica. Bandidos chegaram de carro na cidade com vários fuzis em punho, invadiram bancos e fizeram funcionários reféns. Tudo aconteceu com o Alterosa Alerta no ar. Um cabo de 37 anos da Polícia Militar e um vigilante foram assassinados por criminosos. O policial militar estava próximo a uma esquina e tentava se aproximar dos assaltantes, que atiraram contra ele. Os disparos passaram perto do policial e estilhaçaram uma vidraça. O PM recuou. Outro policial dirigia uma viatura de ré para sair da ação dos criminosos, mas o militar que estava a pé voltou para perto da esquina e foi surpreendido pelo grupo de assaltantes em uma caminhonete, que atirou e matou o policial.

Stanley foi à loucura. Ele gritava durante o programa inconformado com a brutalidade do assalto, mas ainda mais com o fato de um policial militar, durante o trabalho, ter sido brutalmente assassinado. Gusman, filho de militar, se indignava e dizia ao vivo que não queria a prisão do bandido assassino, mas sim o enterro dele. Em momento algum ele perguntou sobre os parentes do bandido e o sentimento deles ao verem o que acontecia. Dizia apenas que queria ver o assassino de um militar morto. As falas eram aos berros e em meio a muita

indignação. E ao final da notícia, Gusman chorou copiosamente pela perda do colega de farda do pai. Tempos depois, três bandidos envolvidos no crime foram presos.

Momentos como esses relatados eram comuns no *Alterosa Alerta*. O apresentador se descontrolava com a mesma facilidade em que na sequência falava de um carnaval no centro da capital, por exemplo. A apresentação de um programa de TV exige um alto nível de profissionalismo e controle emocional. O apresentador deve ser capaz de lidar com diferentes situações, incluindo momentos de pressão, críticas e até mesmo comentários hostis do público. E, mesmo avisado que ao perder o controle emocional poderia ter o programa e a carreira prejudicados, Gusman não se importava ao ignorar algumas das regras básicas do jornalismo como o respeito. Ao perder o controle emocional, isso resultava em comentários desrespeitosos, gestos ou expressões faciais inadequadas, o que poderia ofender ou constranger o público. Vale lembrar que o apresentador de um programa de TV é uma figura pública e, como tal, deve cuidar de sua imagem e reputação. Perder o controle emocional pode levar a comportamentos inadequados que podem ser registrados em vídeo e se tornar virais nas redes sociais, prejudicando a imagem do apresentador e do programa. E eram constantes os "memes" sobre Gusman, quase sempre depreciativos.

A apresentação de um programa de TV é destinada a uma audiência e, portanto, o apresentador deve ser capaz de se comunicar de forma clara e concisa, transmitir informações precisas e, ao mesmo tempo, manter a atenção e o interesse da audiência. Perder o controle emocional pode distrair a audiência do conteúdo do programa e prejudicar a qualidade da apresentação. Sobre esse fato, Gusman tinha domínio e respondia quando questionado que era assim que ele acreditava fazer o certo e que o programa era dele e que ele faria como quisesse.

Esse tipo de jornalismo é questionado por estudiosos do assunto. O limite entre o que é notícia, informação, espetáculo e o que é diversão é uma linha tênue. Da mesma maneira que notícias de temas aparentemente fúteis podem se tornar uma narrativa jornalística, o jornalismo sério, formal, acaba se tornando mais divertido, mais leve. É importante estarmos sempre lembrando que o jornalismo forma a opinião pública. Essa opinião é formada também pela maneira como a notícia é dada. Os telespectadores pensam que escolhem o que assistir e como aquilo muda as suas vidas, mas, na verdade, eles são manipulados por quem produz a notícia.

Uma das referências nacionais sobre a responsabilidade jornalística que vamos abordar neste trabalho é Alberto Dines (1932-2018). Ele foi um importante jornalista, escritor e crítico de mídia brasileiro. Em seu livro "O Papel do Jornalismo - a importância da

responsabilidade social do jornalismo”, ele destaca que a profissão não é uma atividade neutra e descompromissada com a sociedade, mas uma atividade que tem uma função social e deve ser praticada com responsabilidade. Para Dines (1996), a responsabilidade social do jornalismo se manifesta de diversas maneiras. Uma delas é a obrigação de informar com precisão e objetividade, sem distorcer os fatos e sem apresentar opiniões pessoais como se fossem fatos. Além disso, o jornalismo deve ser plural e diverso, apresentando diferentes pontos de vista e vozes para que o leitor possa formar a própria opinião. Isso não era o que Gusman fazia.

Outro aspecto importante da responsabilidade social do jornalismo é a defesa dos direitos humanos e da democracia. O jornalismo deve denunciar abusos e violações de direitos, promovendo a transparência dos poderes públicos e privados. O jornalismo também deve ser um espaço para o debate público e para a troca de ideias, estimulando a participação cidadã e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Um autor que podemos mencionar sobre o conceito de infotimento na TV é Neil Postman (1985). Ele foi um importante crítico social e professor de comunicação e cultura, conhecido por suas análises sobre o impacto da mídia na sociedade. Em seu livro *"Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business"* (*"Divertindo-nos até a Morte: O Discurso Público na Era do Show Business"*), Postman (1985) aborda o fenômeno do infotimento, que é a mistura de entretenimento e informação na mídia televisiva. Ele argumenta que o infotimento tende a diminuir a qualidade da informação transmitida e a transformar questões sérias em espetáculo superficial.

Embora os programas de infotimento na TV possam ser populares e atrair um grande público, também há alguns pontos negativos a serem considerados:

- Superficialidade: Devido à necessidade de equilibrar informação e entretenimento, os programas de infotimento podem acabar apresentando informações de forma simplificada ou superficial. Questões complexas podem ser tratadas de maneira superficial, o que pode levar à falta de profundidade e análise adequada dos temas abordados.
- Sensacionalismo: Para atrair a atenção do público, os programas de infotimento podem recorrer ao sensacionalismo, priorizando o impacto emocional em detrimento da precisão e objetividade das informações. Isso pode levar à distorção dos fatos e à criação de narrativas exageradas para aumentar o interesse e a audiência.
- Banalização da informação: Ao misturar informação e entretenimento, pode ocorrer uma banalização da informação, onde tópicos importantes são tratados de forma superficial, trivializada ou transformados em meros espetáculos. Isso pode diminuir a importância de assuntos relevantes e contribuir para a falta de reflexão crítica por parte do público.

- Priorização do entretenimento em detrimento da qualidade da informação: Em alguns casos, o entretenimento pode se tornar mais importante do que a precisão e a qualidade das informações transmitidas. O foco em aspectos de entretenimento pode levar à perda de rigor jornalístico e à falta de verificação adequada dos fatos.
- Tendências à polarização e à simplificação excessiva: Alguns programas de infotimento podem ter uma abordagem polarizada, explorando opiniões extremas ou simplificando questões complexas em uma perspectiva binária. Isso pode contribuir para a polarização do debate público e dificultar uma compreensão mais ampla e equilibrada dos assuntos. (POSTMAN, 1985).

A relação entre infotimento e transmídia está relacionada à forma como conteúdos midiáticos são distribuídos e consumidos em diferentes plataformas de mídia. Embora sejam conceitos distintos, eles podem estar interconectados em certos contextos.

Como vimos anteriormente, o infotimento se refere à combinação de informação e entretenimento em um mesmo conteúdo midiático. É uma abordagem que busca fornecer informações de forma envolvente e atraente ao público, equilibrando elementos informativos com elementos de entretenimento. Os programas de infotimento podem ser veiculados em várias mídias, como televisão, rádio, internet e até mesmo mídias sociais. Os tempos modernos têm caminhado cada vez mais para essa interação, conversa, entre as mídias. É aí que entra o conceito de transmídia.

O conceito se refere à prática de contar histórias e expandir narrativas através de múltiplas plataformas de mídia. Ela envolve a criação de conteúdos complementares e interconectados, que se estendem além de um único meio de comunicação. Por exemplo, uma história pode ser contada por meio de uma série de TV, mas também ter elementos complementares em um *website*, um jogo interativo, quadrinhos, redes sociais, entre outros.

E como se dá a relação entre entretenimento e transmídia? Pode ocorrer quando um conteúdo de infotimento é adaptado ou expandido para além de uma única mídia, utilizando-se de estratégias transmídia para engajar o público em diferentes plataformas. É o que veremos no próximo capítulo.

4 A REPERCUSSÃO TRANSMIDIÁTICA

4.1 O *Twitter*, as redes sociais e as reverberações

Conforme discorremos anteriormente, a questão do ato racista praticado por Gusman nasce na TV aberta em um programa de televisão e reverbera, repercute em outra mídia, a rede social *Twitter*. É isso que chamamos de transmídia. A partir disso, vamos abordar a TV aberta, o *Twitter* e a transmídia.

Henry Jenkins (2008) utilizou o termo transmídia pela primeira vez em 2003. Mais tarde, Jenkins abordou o conceito no livro: "Cultura da Convergência, 2008" e defendia que uma história transmidiática se dá por meio de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo para outro. A ideia é que uma história possa ser introduzida em um filme, ser expandida pela televisão, quadrinhos, redes sociais e até games. Esse é o conceito que vamos abordar como transmídia.

Uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. (JENKINS, 2008, p. 135).

A transmídia pode se difundir tanto em narrativas e termos de linguagens verbais, icônicas, textuais e outras quanto de mídias (televisão, rádio, celular, internet, jogos, quadrinhos etc). O que o autor deixa claro é que a transmídia não é apenas adaptar o conteúdo de uma mídia a outra, mas ir além. As histórias devem se complementar em cada suporte e devem fazer sentido isoladamente, conforme o conceito de Jenkins (2008).

A transmídia tem sido amplamente utilizada na indústria do entretenimento, especialmente em franquias de grande sucesso, como Star Wars, Harry Potter e Marvel, entre outras. Além disso, também tem sido aplicada em outras áreas, como publicidade e marketing.

As redes sociais têm suas raízes em comunidades *online* e plataformas de compartilhamento de informações que surgiram nas décadas de 1970 e 1980. No entanto, o conceito moderno de redes sociais, como as conhecemos hoje, foi impulsionado pelo surgimento da Internet e pelo desenvolvimento de tecnologias e plataformas específicas.

Elas mudaram o sistema de comunicação dos seres humanos. Atualmente, pelo menos 4,2 bilhões de pessoas no mundo têm acesso e utilizam as redes sociais, o que representa

53,6% da população mundial. O Brasil é o terceiro país que mais movimenta essas redes. Cada brasileiro utiliza as redes em média quatro horas por dia, é o que revela um estudo divulgado pela plataforma CupomValido.com.br (CUPOMVALIDO, 2021). Alguns as utilizam como ferramenta de trabalho e outros as utilizam como meio de comunicação: saber como a outra pessoa está, como tem passado, investigar a vida alheia. Há aquelas pessoas que as usam também para se manifestar e até se fazerem ouvidas por um grupo, inseridas em alguma situação cotidiana.

Neste trabalho, serão analisadas as reverberações do acontecimento feitas pelo *Twitter*. Uma rede social e um serviço de *microblog*, o *Twitter* permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento. No Brasil, ganhou popularidade em 2008, mas a plataforma só recebeu versão em português um ano depois. Foi fundado em março de 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos.

A plataforma oferece aos usuários um espaço para conversação e compartilhamento de conteúdos escritos, fotografias e vídeos. Além disso, uma das principais ferramentas do *Twitter*, os *Trending Topics*, disponibiliza aos usuários os assuntos mais falados do mundo no momento. *Twitter* em inglês pode ter dois significados: “uma pequena explosão de informações inconsequentes” e “pios de pássaros”.

Está disponível em pelo menos 35 idiomas e conta com 316 milhões de usuários ativos todos os meses. O serviço pode ser acessado pelo próprio site da empresa e em dispositivos móveis como aplicativo. É uma rede social que simula um *blog* pessoal. A plataforma oferece um espaço de 280 caracteres para você mandar mensagens sobre “O que está acontecendo?” para todos os seus seguidores. No *Twitter*, essas mensagens são chamadas de *tweet*.

De acordo com uma pesquisa divulgada pelo *Twitter* no Brasil, quatro em cada cinco usuários acessam a internet usando um telefone celular. Na mesma pesquisa, 50% dos usuários utilizam o *Twitter* para interagir, dar ideias, *feedback*. E é nesse local, nessa plataforma social, extremamente popular e até mesmo política, que serão analisadas, mais à frente, em outro capítulo deste trabalho, como se deu e de que tipo foram as respostas dadas ao episódio racista em questão.

E para que serve o *Twitter*? De acordo com a professora e doutora Lúcia Santaella (2010), e a especialista em cultura digital Renata Lemos (2010), o *Twitter* é um local de interesses específicos, mas com total liberdade de exposição de pensamentos.

À pergunta "Para que serve o Twitter?" nossa resposta é o Twitter serve como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas; uma zona livre-pelo menos até agora da invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que tudo invade, até mesmo o ciberespaço. (SANTAELLA, 2010, p 66).

É no *Twitter* que ocorrem as reverberações sem laços ou veículos preexistentes. Pessoas que não se conhecem, se conectam e comentam as mesmas coisas, as mesmas ideias e os mesmos pensamentos. Concordam e discordam sem a necessidade de um relacionamento anterior, sem a necessidade de se conhecerem.

O Twitter altera essa configuração e virtude de duas características únicas e fundamentais: a tônica da interação e da formação de laços sociais no Twitter não é baseada em vínculos preexistentes, mas sim a penetração individual em fluxos de ideias, ou seja, fluxos coletivos abertos de ideias compartilhadas em tempo real, que estão em movimento contínuo. Essa penetração gera conversações que, por sua vez, geram laços sociais. (SANTAELLA, 2010, p 91).

As mais diversas relações são estabelecidas no *Twitter* e não necessariamente quem eu sigo me segue de volta e vice-versa. Por isso, o *Twitter* não pode ser considerado uma rede social comum e igual às demais.

O *Twitter* é usado com uma variedade de propósitos:

- Compartilhamento de informações: O *Twitter* é frequentemente usado para compartilhar notícias, artigos, atualizações e informações em tempo real. Muitos jornalistas, veículos de mídia e organizações governamentais têm contas no *Twitter* para disseminar informações rapidamente.
- Interagir com outras pessoas: Os usuários podem seguir outras pessoas e interagir com eles por meio de *tweets*, *retweets*, curtidas e respostas. Isso cria uma plataforma para conversas públicas, debates e *networking*.
- Acompanhar interesses: Os usuários podem seguir contas relacionadas a seus interesses, como celebridades, atletas, escritores, empresas e marcas. Isso permite que eles se mantenham atualizados sobre as últimas notícias, lançamentos e desenvolvimentos em suas áreas de interesse.
- Engajamento com eventos ao vivo: Durante eventos ao vivo, como conferências, shows ou programas de TV, o *Twitter* é frequentemente usado para compartilhar opiniões, comentários e reações em tempo real, criando uma experiência social em torno desses eventos.
- Promoção e marketing: Muitas empresas, organizações e indivíduos usam o

Twitter como uma plataforma para promover seus produtos, serviços, eventos e iniciativas. É uma maneira eficaz de alcançar um público amplo e aumentar a visibilidade.

- Consciência social: O *Twitter* é frequentemente usado como uma ferramenta para criar conscientização e promover causas sociais. As campanhas e *hashtags* podem se espalhar rapidamente no *Twitter*, permitindo que as pessoas se unam em torno de questões importantes e impulsionam mudanças.

Existem algumas maneiras de participar de um *tweet*. Os *retweets* possibilitam aumentar a visibilidade da sua mensagem. Ao analisarmos os 323 *tweets* no episódio racista envolvendo Stanley Gusman, é possível ver que alguns *retweets* ocorreram. As curtidas mostram quando os usuários aprovam um *tweet* para mostrar sua adesão ou concordância com o conteúdo. Respostas são quando as pessoas podem responder ao seu *tweet* com comentários, perguntas ou opiniões adicionais, iniciando uma conversa ou discussão em torno do assunto.

Menções acontecem quando outros usuários citam você em seus *tweets*, referindo-se ao seu conteúdo ou direcionando uma pergunta ou comentário específico para você. Isso pode levar a interações diretas e engajamento com sua postagem. Se você utilizar *hashtags* relevantes em seu *tweet*, ele pode ser descoberto por usuários que estão acompanhando ou pesquisando essa *hashtag* específica. Isso pode aumentar a visibilidade e o alcance do seu *tweet*. Quando um *tweet* ganha muita popularidade e engajamento, ele pode se tornar uma tendência (*trending topic*) no *Twitter*, o que significa que está sendo amplamente discutido e compartilhado.

Em alguns casos, um *tweet* pode se tornar viral, sendo amplamente compartilhado e alcançando um público muito maior do que o esperado. Isso pode resultar em uma enorme quantidade de *retweets*, curtidas, respostas e exposição para o autor do *tweet*.

Entre alguns episódios marcantes ocorridos no *Twitter*, pode-se destacar as eleições presidenciais dos EUA de 2016. A eleição foi amplamente discutida no *Twitter*. Tanto os candidatos como os eleitores usaram a plataforma para expressar opiniões, debater questões políticas e divulgar notícias. O uso do *Twitter* por parte do então candidato Donald Trump foi especialmente notável, ajudando a impulsionar sua campanha.

Suicídios já foram informados pelo *Twitter*. Em agosto de 2009, a publicitária brasileira Marisa Mitsue Toma, de 33 anos, tirou a própria vida após ter anunciado na rede social. A mulher foi encontrada morta em seu apartamento, em São Paulo, pouco tempo

depois, com uma faca cravada no peito. Ela havia postado: "Tomando algumas decisões bastante definitivas" e depois acrescentou: "Bai pipou! Foi bom brincar com vocês. bjo bjo".

O antigo integrante do programa CQC, Rafinha Bastos, já polemizou diversas vezes na rede social. Em uma das vezes, durante o Dia das Mães, ele fez uma piada em seu *Twitter* (@rafinhabastos) que repercutiu negativamente na internet: "Ae órfãos! Dia triste hoje, hein?"

O *Twitter* frequentemente se torna um centro de discussões para uma variedade de assuntos polêmicos. Alguns temas que geraram debates acalorados que podemos observar na experiência comum dos usuários do *Twitter* incluem:

- **Política:** Questões políticas e eleições são frequentemente debatidas no *Twitter*. Isso inclui discussões sobre políticas governamentais, líderes políticos, partidos políticos e eleições em diferentes países. A plataforma permite que os usuários expressem suas opiniões, debatam e compartilhem informações relacionadas a esses assuntos.
- **Justiça social:** Tópicos relacionados à justiça social e direitos humanos são amplamente discutidos no *Twitter*. Isso inclui debates sobre racismo, discriminação, LGBTQIA+ direitos, feminismo, desigualdade social e questões relacionadas à imigração. Esses tópicos muitas vezes geram conversas polarizadas e engajamento intenso.
- **Mudanças climáticas:** A preocupação com as mudanças climáticas e o meio ambiente tem crescido significativamente nos últimos anos. O *Twitter* é usado como uma plataforma para compartilhar informações sobre o tema, discutir políticas ambientais, promover a sustentabilidade e debater o impacto humano no meio ambiente.
- **Religião e crenças:** Tópicos relacionados à religião e crenças podem ser altamente polêmicos no *Twitter*. Discussões sobre diferentes religiões, ateísmo, secularismo, liberdade religiosa e outros aspectos da espiritualidade podem gerar debates acalorados entre usuários com visões divergentes.
- **Questões de gênero:** O *Twitter* é um espaço onde muitas discussões sobre igualdade de gênero, feminismo, identidade de gênero e direitos das mulheres ocorrem. Esses tópicos frequentemente provocam debates e divisões entre os usuários, com opiniões variadas sendo expressas.
- **Vacinação:** A discussão em torno de vacinas, especialmente durante a pandemia de Covid-19, tem sido intensa no *Twitter*. Questões relacionadas à

segurança, eficácia, distribuição e política de vacinação têm gerado debates acalorados entre defensores e críticos das vacinas.

E mudanças devem vir em breve. É que depois que comprou o *Twitter*, Elon Musk garantiu que vai fazer uma série de modificações polêmicas na rede social. Entre elas o aumento do limite de caracteres por *tweet*, o que poderia transformar as clássicas publicações curtas da plataforma em enormes textos típicos de outras redes sociais. Outra mudança polêmica que o bilionário deve fazer é permitir o uso de *paywall*, ou seja, conteúdo pago, em conteúdos audiovisuais, restringindo o acesso a certos vídeos apenas para aqueles que o pagarem.

Segundo especialistas em redes sociais, o futuro do *Twitter* dependerá de várias influências, incluindo mudanças nas preferências e comportamentos dos usuários, evolução das plataformas de mídia social, avanços tecnológicos e regulamentações governamentais. No entanto, esses estudiosos acreditam que essas são algumas áreas que podem moldar o futuro do *Twitter*:

- Expansão de recursos: O *Twitter* pode continuar a expandir seus recursos e funcionalidades para atrair e reter usuários. Isso pode incluir melhorias na interface do usuário, introdução de novos recursos de engajamento, aprimoramentos na moderação de conteúdo e desenvolvimento de ferramentas para facilitar a monetização para criadores de conteúdo.
- Combate à desinformação e discurso de ódio: A luta contra a desinformação e o discurso de ódio online é uma preocupação crescente em várias plataformas de mídia social, incluindo o *Twitter*. O *Twitter* provavelmente continuará investindo em tecnologias e práticas para identificar e combater esses problemas, incluindo parcerias com verificadores de fatos, moderação mais eficiente e políticas mais rigorosas.
- Integração de mídia e conteúdo: O *Twitter* pode explorar maneiras de melhorar a experiência de mídia e conteúdo em sua plataforma. Isso pode envolver integração mais fácil de imagens, vídeos e outros tipos de mídia, bem como parcerias com empresas de entretenimento e veículos de notícias para oferecer conteúdo exclusivo.
- Personalização e algoritmos: A personalização do feed de notícias com base nos interesses dos usuários é uma tendência comum em plataformas de mídia

social. O *Twitter* pode aprimorar os algoritmos para entregar conteúdo mais relevante e personalizado aos usuários, com base em interesses, localização e histórico de interações.

- Privacidade e segurança: À medida que a conscientização sobre a privacidade e segurança online cresce, o *Twitter* pode adotar medidas adicionais para proteger os dados dos usuários, implementar autenticação de dois fatores mais robusta e oferecer mais opções de controle de privacidade aos usuários.
- Expansão global: O *Twitter* tem uma presença global significativa, mas ainda há oportunidades de crescimento em várias regiões. O *Twitter* pode buscar uma expansão mais ativa em mercados emergentes, adaptando-se a diferentes idiomas e culturas, além de estabelecer parcerias locais relevantes.

Assim, o *Twitter* se torna uma ferramenta de comunicação transmidiática, pois os usuários podem compartilhar conteúdo relacionado a outras mídias e plataformas, como filmes, programas de TV, música, notícias, eventos esportivos, entre outros. Um *tweet* pode conter um trecho de um vídeo promocional de um filme, acompanhado de uma breve descrição ou opinião do usuário. Essa interconexão entre diferentes mídias contribui para a expansão da história ou do conteúdo para além de uma única plataforma. É o que analisaremos no próximo tópico.

4.2 A rede *Twitter* como ferramenta de comunicação transmidiática

Como ferramenta de comunicação, o *Twitter* tem várias vantagens. Ele permite que as pessoas se comuniquem em tempo real e de forma pública com um grande número de pessoas em todo o mundo. Isso torna o *Twitter* uma plataforma poderosa para compartilhar notícias, informações e opiniões. É uma plataforma altamente interativa, permitindo que os usuários respondam a *tweets* de outras pessoas, retuem mensagens que considerem relevantes e sigam as atualizações de seus influenciadores e organizações favoritas.

No entanto, como qualquer outra ferramenta de comunicação, o *Twitter* também tem suas desvantagens. Devido a sua natureza pública, as informações compartilhadas nele podem se espalhar rapidamente e, às vezes, sem verificação adequada, o que pode levar à disseminação de informações imprecisas ou falsas. Além disso, como o texto do *Twitter* obrigatoriamente é pequeno, essa brevidade dos *tweets* pode limitar a capacidade dos usuários

de se comunicarem de forma completa e detalhada, o que pode levar a mal-entendidos e interpretações equivocadas.

Com mais de 330 milhões de usuários ativos mensais em todo o mundo, o *Twitter* é altamente interativo. É uma plataforma importante para a liberdade de expressão. Permite que as pessoas falem livremente e compartilhem suas opiniões e ideias, muitas vezes em questões importantes e controversas.

No caso de estudo deste trabalho, a discussão gerada no *Twitter* e em outras redes sociais sobre o crime de racismo praticado por Gusman levou a questão a um debate mais amplo sobre questões raciais no Brasil e em outros lugares.

O *Twitter* tem desempenhado um papel importante na luta contra o racismo, especialmente em relação à conscientização e ao engajamento em questões raciais. Como uma plataforma global de mídia social, o *Twitter* permite que as pessoas se conectem e compartilhem informações em tempo real em todo o mundo, o que pode ser extremamente poderoso para amplificar as vozes das comunidades marginalizadas e promover a igualdade racial.

Por meio dele também são documentados e denunciados incidentes de racismo e discriminação, tornando-os mais visíveis para um público mais amplo. Por meio do uso de *hashtags*, os usuários podem se unir em torno de questões raciais e promover ações coletivas, como protestos e campanhas.

O *Twitter* também é usado por organizações e ativistas que trabalham para combater o racismo e promover a igualdade racial. A Black Lives Matter, por exemplo, é um movimento global que luta contra a violência policial e a injustiça racial. A organização usa o *Twitter* para compartilhar notícias, atualizações e informações sobre eventos e protestos relacionados ao movimento. Black Lives Matter (@Blklivesmatter).

No Brasil, o Instituto Marielle Franco (@inst_marielle) é uma organização criada em homenagem à vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018. A organização luta contra o racismo e outras formas de opressão, e usa o *Twitter* para promover campanhas, divulgar informações sobre eventos e protestos e aumentar a conscientização sobre questões raciais.

Assim, de que maneira se pode pensar as interações a partir da análise dos comentários no *Twitter* sobre o episódio de racismo envolvendo o apresentador Stanley Gusman, da TV Alterosa? Que tipos de comentários apareceram no *Twitter*?

São comuns os casos de agressividade e ataques pelo *Twitter*. Em 2019, após a transexual Luisa Marilac compartilhar uma foto do cantor dizendo que ele estava “a cada dia mais gato”, Nego do Borel respondeu: “Você é um homem gato também, parabéns. Deve

estar cheio de gatas!”. Ele foi cancelado por transfobia e pediu desculpas, mas teve shows cancelados e viu a impopularidade respingar em Anitta.

Após chamar ao palco Nego do Borel, Anitta foi agredida no *Twitter* por supostamente compactuar com a transfobia do amigo. Em outro episódio, cobrada por fãs a responder se apoiava o presidente Jair Bolsonaro, Anitta não se posicionou e foi cancelada por “ficar em cima do muro” e se aproveitar do dinheiro de fãs LGBTQIA+. Ela disse que não entendia de política e passou a organizar *lives* com a amiga e advogada Gabriela Prioli para aprender.

E ainda, uma das mais conhecidas pesquisadoras brasileiras a estudar o racismo, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, foi agredida também no *Twitter* após publicar um texto na Folha de S.Paulo em que criticava o novo disco de Beyoncé. Ela disse que a artista deveria “sair um pouco da sua sala de jantar”, e que “causa estranheza que a cantora recorra a imagens tão estereotipadas e crie uma África caricata e perdida no tempo das savanas”.

O que se pode perceber na utilização do *Twitter*, seja no caso de racismo envolvendo o apresentador Stanley Gusman, seja em outros casos, é que o local está sendo utilizado como ringue, um campo de guerra. É comum ver no *Twitter* pessoas atacando ou disseminando ódio em qualquer assunto. Mas em nosso caso de estudo, são reações a um ato racista e, assim, não há maneira de defender o indefensável. Essas mensagens começaram a ser publicadas na página do *Twitter* do Alterosa Alerta minutos depois do ato racista no programa TV.

A rede *Twitter* como ferramenta de comunicação transmidiática é considerada uma estratégia de narrativa que envolve a criação de conteúdo em diferentes plataformas de mídia, como televisão, cinema, videogames, livros, entre outros, e que se complementam para formar uma história mais completa e envolvente. É uma característica midiática cada vez mais presente nos tempos modernos. O objetivo é envolver o público em diferentes aspectos da história e do universo criado, permitindo que os fãs, e espectadores, se tornem mais envolvidos e engajados com a narrativa.

Vale lembrar que é um recurso que tem agradado ainda mais o setor financeiro, uma vez que agora é possível ganhar em mais de uma plataforma ao mesmo tempo. Um comercial de TV, por exemplo, exibido na TV aberta, pode ter o valor aumentado se for para o *YouTube*, por exemplo, durante a transmissão do mesmo programa na rede. Gusman utilizava esse recurso. Como o programa era transmitido pelo *YouTube*, ele vendia os comerciais para veicular durante o Alterosa Alerta na TV ao vivo e agregava custo, alegando que o programa, além de ser veiculado ao vivo no *YouTube*, tempos depois estava lá

disponível e da mesma forma o comercial. Se, por acaso, o cliente não se interessasse em agregar valor para ter o produto nas redes sociais, Stanley baixava o preço da inserção e o cortava do *YouTube*.

Durante um trabalho "Pensando o fã e o consumo: dinâmicas e relações em franquias transmidiáticas" de Fernanda Alves Ramos Cabral (2019), ela aborda os estudos de outros pesquisadores como Jenkins (2009). Nesses estudos, Cabral busca o entendimento da evolução transmidiática que faz com que cada vez mais empresas, e não mais apenas veículos de comunicação, se expandam para esse lugar.

Logo, a capacidade de uma franquia ser transmidiática está proporcionalmente ligada à sua própria matriz de narrativa, que, se tiver um potencial transmidiático, representa um processo em que elementos da ficção, ou mundos ficcionais – geralmente complexos, que podem sustentar múltiplos personagens inter-relacionados e suas histórias –, são dispersos em múltiplos canais de distribuição com o propósito de criar uma experiência única e coordenada, permitindo expandir o mercado potencial de uma marca e criando diferentes pontos de entrada para diversos segmentos de público. A franquia Harry Potter, por exemplo, conta com livros, filmes, blogs, desenhos, produtos diversos relacionados e parques temáticos nos Estados Unidos e na Inglaterra. A narrativa transmídia, ainda segundo Jenkins (2007), simplesmente não dispersa informação, ela fornece aos participantes o acesso à expertise de outros ao trabalharem juntos e a possibilidade, mediante um conjunto de papéis e objetivos a serem alcançados, de encenar aspectos da história proposta em meio à sua vida cotidiana – engajamento do objeto com o público –, sendo, também, incentivados a preencher lacunas da história elaborando narrativas próprias – fan fictions. Na narrativa transmídia, as partes que formam o todo são dadas por meio de diferentes mídias. Segundo Jenkins (2011), a transmedialidade configura-se como uma lógica para pensar sobre o fluxo de conteúdo através das mídias e sobre a convergência como prática social. (CABRAL, 2019, p 46).

A narrativa transmídia é fundamental para o fortalecimento do universo simbólico dotado de significados construídos pela narrativa, visto que esse contato, além de proporcionar o aprofundamento nas camadas do universo da narrativa, pode acionar e intensificar o consumo, aumentando o lucro financeiro da franquia. A transmídia se apoia em uma tríade: a convergência dos meios de comunicação por meio dos fluxos de conteúdo e cooperação entre diferentes plataformas e o comportamento migratório de seus consumidores; a cultura participativa que conta com um consumidor agente que pode até criar seu próprio conteúdo midiático; e a inteligência coletiva, que conta com a constituição de comunidades de compartilhamento e união de informações.

Então, o que nos apontam algumas das referências mais importantes sobre transmídia é, justamente, o envolvimento do consumidor nesse agrupamento de sentidos. Sem a sua presença e circulação, bem como consumo de bens dados e produção de novos bens, não há possibilidade de se considerar bem-sucedida uma narrativa transmidiática.

A “mídia profunda” de Frank Rose (2011) nos ajuda a ampliar a perspectiva de como o contexto de relação entre franquias se configura, partindo da noção de transmídia. Para compreendermos melhor, diferentemente da transmídia, a mídia profunda foca na noção de que diferentes mídias precisam de diferentes níveis de imersão, de modo que cada uma aciona diferentes processos de interação, muitas vezes ditados por seus fãs, até mais do que pela marca. Segundo o autor, em entrevista para Henry Jenkins (ROSE, 2011), a mídia profunda “permite que o público mergulhe em uma história em qualquer nível de profundidade”. No entanto, gera diferentes objetivos e focos de imersão, que dependem muito mais do quão fundo uma pessoa mergulha e quão complexas são as camadas de conexão.

A transmídia permite que o público se envolva mais profundamente com a história e o universo criado, fazendo com que as pessoas se tornem fãs mais dedicados e engajados. O programa *Alterosa Alerta* teve a popularidade aumentada, quando começou a ser transmitido simultaneamente no *YouTube*. Isso permitia o acesso a diferentes públicos com a criação de conteúdo em diferentes plataformas de mídia. Pessoas que não tinham acesso à TV no horário do programa, poderiam assisti-lo ao vivo pelo canal do *YouTube* com um celular à mão.

A transmídia pode gerar mais receita para a franquia por meio da venda de produtos relacionados, como livros, jogos, brinquedos e outras mercadorias. Isso pode levar a mais rentabilidade e a uma base de fãs mais fiéis. Permite ainda que a história seja expandida e aprofundada, adicionando novos personagens, locais e eventos. Isso pode tornar a história mais rica e interessante para os fãs, mantendo seu interesse ao longo do tempo. No caso do *Alterosa Alerta*, muitas vezes eram levados para as redes sociais conteúdos exclusivos de reportagens, como bastidores das reportagens, curiosidades, entrevistas completas que o tempo curto de uma reportagem de TV não permitia que fossem exibidas na íntegra. Com a transmídia é possível que a mesma história seja contada por meio de diversas mídias e ainda que ela tenha desdobramentos diferentes em cada uma delas.

Aqui se pode citar o conceito de cultura da convergência introduzido por Henry Jenkins em seu livro "Cultura da Convergência" (2006). Ele descreve um fenômeno em que as diferentes mídias, tecnologias e indústrias de comunicação estão convergindo e se fundindo em uma nova forma de cultura mediada. Ocorre devido ao avanço tecnológico, particularmente no campo digital, que permite a integração e o intercâmbio de conteúdos entre plataformas e dispositivos. A convergência envolve a interação entre a mídia tradicional, como a televisão, o rádio e os jornais, e as plataformas digitais, como a internet,

os dispositivos móveis e as redes sociais.

Nessa cultura, o consumo de mídia se torna mais participativo e interativo. Os consumidores não são apenas receptores passivos de conteúdo, mas também produtores e distribuidores ativos. A convergência permite que as pessoas criem, modifiquem e compartilhem conteúdo de maneiras antes impossíveis, desafiando as estruturas tradicionais de produção e distribuição de mídia.

A cultura da convergência também está relacionada ao surgimento de narrativas transmídia, em que uma história se desdobra através de múltiplos meios de comunicação e plataformas, como filmes, programas de TV, livros, jogos, *websites* e mídias sociais. Os consumidores podem acessar diferentes partes da história e se envolver com ela de várias maneiras, construindo uma experiência mais imersiva e participativa.

Além disso, a cultura da convergência implica em mais interdependência entre as indústrias de mídia. As empresas de comunicação e entretenimento estão se adaptando à convergência, buscando sinergias entre diferentes plataformas e criando estratégias de marketing e distribuição que abrangem múltiplos meios. Refere-se a um ambiente em que as fronteiras entre mídias, tecnologias e indústrias se tornam mais fluidas, permitindo o intercâmbio e a colaboração entre elas. Essa cultura promove a participação ativa dos consumidores, o surgimento de narrativas transmídia e mais interdependência entre as indústrias de mídia.

Entretanto, a transmídia também enfrenta desafios. A complexidade com a criação de conteúdo em várias plataformas de mídia pode tornar a história mais complexa e difícil de seguir para alguns espectadores. Isso pode afastar algumas pessoas e tornar a franquia ou o conteúdo menos popular. A criação de conteúdo em diferentes plataformas de mídia pode levar a inconsistências e discrepâncias na história e nos personagens, prejudicando a coerência da narrativa. Os altos valores de criação de conteúdo em diferentes plataformas de mídia pode ser muito cara e exigir recursos significativos. A falta de envolvimento pode ser outro problema. Algumas plataformas de mídia podem não ser tão envolventes para o público, o que pode levar a uma falta de engajamento ou interesse em determinados aspectos da história. E ainda a sobrecarga de informações, o que pode tornar a história difícil de acompanhar.

Entretanto, a questão da transmídia, no caso estudado e no programa *Alterosa Alerta*, não existia esse problema. O mesmo conteúdo difundido na TV aberta seguia de forma igual para as redes sociais. Era aberto um canal no YouTube e ainda nas redes sociais do programa e também do apresentador, como *Instagram* e *Facebook*. Por meio deles, o programa era

exibido na íntegra, simultaneamente, e ficava armazenado na plataforma tempos depois.

O que Stanley fazia era lucrar ainda mais, porque vendia de forma "casada" os comerciais que eram exibidos na TV e também nas redes sociais. Assim, o cliente pagava a mais por isso. Sem contar que como a TV Alterosa na época não fazia aferição de Ibope, era o meio que o apresentador e a produção do programa tinham para avaliar a audiência, de acordo com a participação pelas redes sociais e o engajamento por meio delas. Em resumo, a transmídia pode apresentar alguns desafios e problemas, mas muitos desses problemas podem ser mitigados com um planejamento cuidadoso e execução eficaz da estratégia.

Um fato ocorrido na TV e reverberado no *Twitter* pode ser considerado transmídia devido à interconexão e ampliação da narrativa em diferentes plataformas. Vamos considerar o caso ocorrido no Alterosa Alerta de forma a exemplificar. O crime de racismo ocorreu na TV, em um programa da TV aberta, Alterosa Alerta. Esse episódio gera discussões e reações significativas nas redes sociais, especialmente no *Twitter*, onde os telespectadores compartilham suas opiniões, criam *hashtags* relacionadas ao programa e interagem com outros usuários. No caso deste trabalho, conforme já mencionado, são 323 reverberações.

Especificamente nesse caso, a transmídia ocorre porque o fato inicial, que é o episódio na TV, se estende e se expande para além desse meio específico. Através do *Twitter*, a narrativa se amplia e adquire novas dimensões, alcançando um público mais amplo e gerando novos elementos para a história. A transmidialidade nesse contexto ocorre de várias maneiras:

- Amplificação da narrativa: As discussões e reações no *Twitter* amplificam a narrativa do programa de TV, levando-a para um público maior. As opiniões compartilhadas no *Twitter* podem alcançar pessoas que não assistiram ao episódio, despertando seu interesse e levando-os a procurar mais informações sobre o programa.
- Interações transmidiáticas: No *Twitter*, os usuários podem interagir com a narrativa do programa, mencionando os personagens, compartilhando cenas e debatendo os eventos do episódio. Essas interações criam uma camada adicional à narrativa original, permitindo que os fãs se envolvam ativamente e se tornem parte da história.
- *Hashtags* e tendências: Os usuários do *Twitter* costumam criar *hashtags* relacionadas ao programa, que se tornam tendências e atraem a atenção de um público mais amplo. Essas *hashtags* se tornam um elemento transmídia que conecta a narrativa da TV ao espaço digital do *Twitter*, permitindo que a

discussão sobre o programa se estenda além dos episódios exibidos.

- *Feedback* e influência: As reações no *Twitter* podem influenciar a forma como o programa é percebido e moldar o curso da narrativa futura. Os produtores e roteiristas podem acompanhar as discussões e usar o *feedback* do público para ajustar elementos da história, personagens ou temas abordados nos próximos episódios.

Assim, a *transmídia* ocorre quando um conteúdo inicial, como no caso em questão, em um episódio de TV, se expande para outros meios, como o *Twitter*, ampliando a narrativa e alcançando um público maior. Isso gera novas dimensões e elementos para a história.

No contexto ocorrido do racismo, a *transmídia* pode ser utilizada como uma ferramenta para criar narrativas mais inclusivas e diversificadas, dando voz e espaço para diferentes perspectivas e experiências. Ressalta-se, por exemplo, que ao ocorrer o crime de racismo praticado por Gusman na TV, a história pode ser incorporada e ganhar um campo de combate no *Twitter*. Pôde-se promover discussões mais abrangentes e engajar um público mais diversificado.

A partir dessas considerações, no próximo capítulo será realizada uma análise detalhada dos *tweets* relacionados ao tema em estudo. O foco é o de classificar os 323 *tweets* coletados, explorando as diferentes perspectivas propostas em subdivisões. Eles serão examinados minuciosamente, permitindo uma compreensão mais aprofundada das interações e discussões ocorridas na plataforma.

A proposta é de responder às seguintes perguntas: De que maneira, ocorreram as reverberações? Quais os tipos de *tweets* que mais apareceram na discussão e no combate ao racismo?

5 REVERBERAÇÕES NO *TWITTER* SOBRE UM CASO DE RACISMO NA TV

5.1 Procedimentos para análise

Para discutir de que maneira uma fala racista reverberou e saiu do ambiente televisivo e foi repercutir no *Twitter*, 323 *tweets* foram analisados, uma vez que cinco foram *tweets* repetidos e um em branco. Na página, então, vão aparecer um total de 323 citações, mas, neste estudo, serão considerados apenas os válidos para a análise. Serão considerados aqueles *tweets* que na nossa leitura e interpretação, corporificam um sentido que gerou mais desdobramentos no próprio programa *Alterosa Alerta*. São considerados os sentidos que levaram a mais configurações, sanções e intervenções por parte da direção da emissora TV *Alterosa*. Inúmeras repercussões culminaram na retirada do apresentador do ar. Como foi dito, Stanley foi advertido, teve que se desculpar e foi retirado do ar. Assim, analisaremos os *tweets* que de acordo com a nossa percepção foram de extrema importância para que essas penalidades ocorressem.

Como foi dito, essas mensagens começaram a ser publicadas na página do *Twitter* do *Alterosa Alerta* minutos depois do ato racista no programa TV. Quase que imediatamente as reações começaram no *Twitter*. A partir desse material, o que motivou a pesquisa foi querer conhecer os tipos de *tweets* que em fração de segundos ganharam uma proporção que não era mais controlada nem pelo apresentador, nem pela direção do programa e nem pela coordenação da emissora. A ideia da pesquisa veio ao analisar as reverberações, o que as mensagens diziam e como eram as falas, que tipo de comentários foram feitos.

Foram três os métodos utilizados para essa análise. A primeira metodologia usada foi a revisão das referências, de autores que conversassem com o objeto de estudo. Autores que embasassem conhecimentos sobre crítica, sobre jornalismo, entretenimento, infotimento, passando brevemente pela luta do reconhecimento contra o racismo. Trabalhamos na discussão com autores de linhas discursivas que se complementam e também que se contrapõem. As referências orientaram esse trabalho na formulação do projeto a ser pesquisado. É por meio delas que essa pesquisa é conduzida e pensada.

Embora Laurence Bardin (2008) seja mais conhecida e referenciada por seus trabalhos na área de análise de conteúdo, ela também será citada para a metodologia da revisão das referências. Bardin (2008) enfatiza que a revisão das referências permite ao pesquisador situar o objeto de estudo em um contexto mais amplo, identificar trabalhos anteriores relacionados ao tema e embasar teoricamente a pesquisa. Ela sugere que a revisão deva ser realizada em etapas, começando com uma revisão inicial ampla, seguida de uma seleção mais criteriosa dos trabalhos que serão utilizados como base teórica. Bardin (2008) também destaca a

importância de se adotar uma abordagem crítica, avaliando os trabalhos selecionados em termos de sua relevância, qualidade, limitações e pontos fortes. Isso ajuda a garantir que a pesquisa seja fundamentada em uma base sólida de conhecimentos, e que as conclusões e interpretações da análise de conteúdo sejam embasadas em uma revisão de referências adequada.

A segunda metodologia utilizada é o estudo de caso, um método quantitativo. Ele será trabalhado em uma abordagem mais intuitiva. Trata-se de uma abordagem de pesquisa que se concentra na análise aprofundada de um fenômeno particular, seja ele um indivíduo, um grupo, uma organização ou uma situação. A análise dos dados é realizada de forma indutiva e interpretativa, buscando identificar padrões, relações e significados para o fenômeno estudado.

A metodologia de estudo de caso é frequentemente usada em disciplinas que se interessam pelo comportamento humano e pelas relações sociais. Esse tipo de análise metodológica torna-se importante no caso a ser estudado ocorrido no programa de TV *Alterosa Alerta* por permitir uma análise detalhada e em profundidade de um fenômeno específico, o que pode fornecer percepções valiosas e nuances para entender o objeto de estudo. Aqui vamos embasar a nossa análise metodológica nos autores José Duarte e Antônio Barros (2005).

O estudo de caso deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se pode manipular comportamentos relevantes. É possível empregar duas fontes de evidência, em geral não utilizadas pelo historiador, que são a observação direta e a série sistemática de entrevistas. Embora apresente pontos em comum com o método histórico, o poder diferenciador do estudo de caso reside em "a capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas, observações". (DUARTE E BARROS, 2005, p. 217).

Num mundo imperfeito como o nosso, a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não existindo uma única versão que seja a mais verdadeira. Nesse sentido, o método do estudo de caso permite ao investigador identificar os vários elementos que constituem uma situação ou problema de modo a possibilitar que outros leitores tirem suas próprias conclusões. (DUARTE E BARROS, 2005, p. 234).

Assim, pode auxiliar a entender o caso dentro de seu contexto mais amplo, permitindo uma compreensão mais rica e complexa do objeto de estudo. E ainda pode ser utilizado como um meio para testar, desenvolver ou aprimorar teorias existentes, permitindo uma análise mais completa e rigorosa de fenômenos complexos. No critério epistemológico do campo de pesquisa é importante, pois é dessa forma que nos orienta em torno da diversidade de paradigmas existentes nas Ciências Sociais.

Por fim, a terceira metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho é a análise de conteúdo, uma técnica de pesquisa utilizada para interpretar e compreender dados qualitativos, como entrevistas, discursos, textos escritos, imagens, entre outros. De acordo com uma das referências no assunto, Laurence Bardin (2008), a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa qualitativa que permite interpretar e compreender dados textuais, visuais ou sonoros, de forma sistemática e objetiva.

A autora destaca a importância da codificação dos dados, que consiste em categorizar e classificar o conteúdo a ser analisado, de forma a identificar padrões, temas e tendências. Uma das formas mais comuns de categorização de *tweets* é por tema. Essa categorização pode ser feita por meio da análise de palavras-chave ou tema de interesse. Por exemplo, como sentimento: os *tweets* podem ser categorizados de acordo com o sentimento expressado; e o tipo de conteúdo: os *tweets* podem ser categorizados de acordo com o tipo de conteúdo. *Tweets* que contenham menção ao contexto político, que apresentem palavras jocosas e palavrões.

Além disso, Bardin (2008) discute as etapas práticas da análise de conteúdo, desde a seleção dos dados até a interpretação dos resultados. Ela apresenta exemplos concretos de aplicação da técnica em diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia, a sociologia, a antropologia e a comunicação. Bardin (2008) identifica quatro etapas na análise de conteúdo como metodologia de pesquisa.

- Preparação dos dados: essa etapa envolve a seleção do material a ser analisado, como entrevistas, discursos, textos escritos, imagens, vídeos, entre outros. É importante definir os critérios de seleção e organização do material antes de iniciar a análise. No caso a ser estudado ocorrido no Alterosa Alerta, vamos coletar todos os *twitter* reverberados após o ato racista cometido por Stanley.
- Codificação dos dados: nessa etapa, os dados são categorizados e classificados, de forma a identificar padrões, temas e tendências. A codificação pode ser feita por meio de técnicas como a codificação aberta, axial ou temática, dependendo dos objetivos da pesquisa e das características dos dados analisados.
- Categorização dos dados: os dados codificados são agrupados em categorias, que representam os temas e conceitos relevantes para a análise. É importante que as categorias sejam mutuamente exclusivas e exaustivas, ou seja, que cada dado seja classificado em apenas uma categoria e que todas as categorias possíveis sejam contempladas. Separamos os 323 *twitter* em 4 categorias sendo essas as que têm maior afinidade de conteúdo ou tema. São elas: *Reação ao ato racista*; *Relação do fato como contexto político brasileiro*; *Relação com o posicionamento do repórter ao vivo frente ao ato do apresentador*; *Defesa do apresentador frente ao ato racista* e *Reações com palavrões e agressões*. Apresente aqui quais são elas.
- Análise dos resultados: nessa etapa, as categorias e os temas identificados são interpretados e analisados, com o objetivo de identificar padrões e relações entre as diferentes categorias. Essa análise pode ser feita por meio de técnicas como a análise de frequência, a análise de associação, a análise de conteúdo latente, entre outras.

No próximo tópico se verá como essas três metodologias de pesquisa foram aplicadas na análise de 323 *tweets*.

5.2 O método aplicado na análise da repercussão midiática

Neste tópico, serão analisadas as reverberações do ato racista praticado pelo apresentador Stanley Gusman no programa da TV Alterosa, Alterosa Alerta, no dia 9 de julho de 2019. Foram observados, classificados, categorizados e analisados 323 *tweets* que circularam logo após e no mesmo dia do momento da fala do apresentador. Reações que, em poucos minutos após o fato do ato racista na TV aberta, foram lotar a conta do programa no *Twitter*. A fim de entender e ver quais eram essas reverberações, de que maneira elas apareceram, com qual frequência, e, por fim, como foi o comportamento no *Twitter*, é que surgiu essa pesquisa. O *Twitter* foi o local escolhido para a análise das reverberações por ser um espaço público em que as pessoas podem se expressar livremente e discutir diversos assuntos, tornando-se assim um ambiente rico para análise de temas contemporâneos, como política, cultura, sociedade, entre outros.

A partir disso, a proposta foi categorizar os *tweets* em cinco grupos, conforme o seguinte: *Reação ao ato racista*; *Relação do fato como contexto político brasileiro*; *Relação com o posicionamento do repórter ao vivo frente ao ato do apresentador*, *Defesa do apresentador frente ao ato racista* e *Reações com palavrões e agressões*.

Essa classificação atende os principais tipos, relevância e importância dos *tweets*. Existem alguns *tweets* na página do Alterosa Alerta, além dos 323 que não vão se enquadrar em nenhuma dessas categorias. Foram *tweets* apenas repetindo o assunto. É importante dizer que alguma coisa pode ter ficado fora das categorias, mas elas se alinham às principais reações observadas no episódio.

5.2.1 Reação ao ato racista

A primeira categoria é a *Reação ao ato racista*. Aqui aparecem 233 *tweets*. Nesta classificação, serão englobadas as pessoas que reverberaram suas falas de várias maneiras, mas reagiram com veemência a atitude criminosa do apresentador. Pessoas questionam se o ato racista estaria liberado na TV aberta, uma vez que o apresentador praticou um ato racista sem parecer se preocupar com as consequências e de forma tranquila até mesmo nas suas feições. Vale lembrar que Stanley riu e brincou tanto com o ato do crime em si, quanto com as explicações que foi dar após ser advertido pela direção no ponto que usava no ouvido.

Nem mesmo ao ser advertido, Gusman expressou qualquer preocupação. Ele, após ser racista, voltou para explicar o que queria dizer, reafirmando ainda mais a posição de discriminação.

“Aparentemente o racismo foi liberado na TV aberta.

Stanley Gusman, apresentador de programa da TV Alterosa, afiliada ao @SBTonline de Minas Gerais, 10 de Julho de 2019. Tweet.

Pessoas que questionaram o fato do racismo ser praticado tranquilamente em uma emissora de TV aberta, sem aparente punição. Indagaram no *Twitter* ainda sobre a qualidade do programa e ainda a idoneidade e competência do apresentador.

“Programelhos desclassificados com apresentadores sem preparo. Dá nisso. Lamentável! “. 10 de Julho de 2019. Tweet.

Famosos como a jovem apresentadora do SBT, Maisa, colega de emissora de Stanley Gusman, também foram para a rede social condenar a atitude de Stanley.

“Q absurdo esse negócio do Montenegro e montebranco. Q atitude deplorável " .10 de Julho de 2019. Tweet.

Djamila Ribeiro (2019), já referenciada em capítulos anteriores, ressalta que o racismo é muitas vezes praticado de forma sutil e tranquila na sociedade brasileira. E ao analisarmos os *tweets* que aqui classificamos como reação ao ato racista, podemos perceber que muitas pessoas se indignaram de fato com a tranquilidade como o apresentador comete o crime. Para Djamila (2019), o racismo é muitas vezes invisibilizado e minimizado no Brasil, o que dificulta o combate ao preconceito racial. Ela argumenta que a negação do racismo e a falta de conscientização sobre o tema levam a uma naturalização das desigualdades raciais, que são tratadas como algo normal e inevitável. Segundo a autora, é importante reconhecer que o racismo não é apenas um problema individual, mas também estrutural, que afeta as instituições e políticas públicas. Ela defende que é preciso trabalhar para desnaturalizar o racismo e criar políticas públicas que promovam a igualdade racial. Djamila (2019) também destaca a importância da educação antirracista, que deve ser implementada desde a infância e trabalhar para desconstruir os estereótipos raciais e promover a valorização da diversidade

étnica e cultural. E não é um programa de TV Aberta, tendo uma postura discriminatória, que a luta de combate ao preconceito vai conseguir bons frutos.

“Sem novidades, né! Estou num país onde o racista tem sempre uma chance para trabalhar nos meios de comunicação”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

Continuando a análise dos *tweets* que reagiram ao ato racista, algumas pessoas lamentam e fazem comentários questionando o absurdo do racismo praticado, mas acreditando ser esse um ato tristemente comum. E, com isso, pareciam nem se espantarem mais com tamanho absurdo. Parecem nem se inquietarem tanto mais, porque atos racistas como esse, estudado neste trabalho, estão cada vez mais comuns em nossa sociedade racista. A imparcialidade é um princípio fundamental do jornalismo e espera-se que os jornalistas busquem ser imparciais ao relatar os fatos. Embora seja desejável que os jornalistas se esforcem para apresentar informações de forma objetiva, é importante reconhecer que a completa neutralidade absoluta pode ser difícil de alcançar, já que todos têm suas próprias perspectivas e visões de mundo.

“Isso é crime, meu querido! Não sabia?” 10 de Julho de 2019. Tweet.

Algumas pessoas também indagaram sobre quem seria o apresentador e porque ele teria legitimidade para apresentar um programa na TV Alterosa. O apresentador não era jornalista e muitas pessoas não davam legitimidade à função por ele não ser do meio, principalmente os colegas de profissão não respeitavam Gusman como um apresentador. Aí, nesse caso, ele se valia da função de comerciante, já que vendia comerciais para o Alterosa Alerta. E, por falar em TV Alterosa, houve também aquelas pessoas que questionaram a TV, alegando ser ela sem credibilidade. Vale lembrar o que foi dito sobre a teoria de Andrew Keen, abordado no livro de Luís Mauro Sá Martino, (2015), relacionada com o episódio de racismo envolvendo Gusman no Alterosa Alerta. O absurdo de 9 de julho de 2019 estava fadado a acontecer, pois Stanley não era jornalista e ocupava uma posição e um lugar de um profissional da área da comunicação.

De acordo com os manuais internos de jornalismo de emissoras de televisão, como o SBT, no caso específico da apresentação de telejornais, os jornalistas devem evitar expressões faciais que possam transmitir emoções pessoais, como surpresa, espanto ou alegria. Isso ocorre porque expressões faciais podem influenciar a percepção do público sobre a notícia,

levando a uma interpretação tendenciosa.

No entanto, é importante observar que a expressão facial não é o único fator que pode influenciar a imparcialidade. A seleção de notícias, a escolha de palavras e a ênfase em determinados aspectos também podem afetar a objetividade da reportagem. Os jornalistas devem fazer o possível para apresentar os fatos de maneira precisa, equilibrada e contextualizada, evitando a promoção de pontos de vista pessoais ou ideológicos. É importante ressaltar que a imparcialidade não significa ausência de análise ou contexto. Os jornalistas podem fornecer análises baseadas em fatos e contexto para ajudar o público a entender melhor os eventos. Entretanto, essas análises devem ser claramente distinguidas das informações objetivas e serem apresentadas de forma equilibrada e fundamentada.

“Novidade nenhuma. "SBT". 10 de Julho de 2019. Tweet.

Por mais diferentes que esses *tweets* possam ser, todos tinham o mesmo tom: indignação e raiva. As pessoas reagiam com palavras de raiva, parecendo estar cansadas de viver em um meio racista onde cada vez mais parecia certo e comum ser racista.

“Quando eu falo “fogo nos racistas” me criticam. ”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

Entre as pessoas que comentaram no *Twitter* e que pareciam não acreditar no que viam, tamanho absurdo, dentro ainda desta categoria de pessoas que de alguma maneira reagiram ao ato racista, há aquelas pessoas que reafirmaram o racismo como crime, o que parecia estar esquecido pela sociedade.

Volta-se nesse caso a citar a feminista e ativista brasileira, conhecida por seu trabalho na luta contra o racismo e o machismo, Djamila Ribeiro (2019). Ela aborda o racismo em diversas esferas, como na sociedade, na política, na educação e nas relações interpessoais. Ela discute e critica a estrutura racista da sociedade brasileira, destacando a persistência de desigualdades e injustiças que afetam principalmente a população negra. Argumenta que o racismo é estrutural e está enraizado nas instituições e práticas cotidianas, levando à exclusão e à marginalização dos negros. Em seus livros, como "Quem Tem Medo do Feminismo Negro?" e "Pequeno Manual Antirracista", Djamila Ribeiro (2019) explora conceitos-chave relacionados ao racismo, como branquitude, privilégio branco e interseccionalidade. Ela destaca a importância de reconhecer e combater os estereótipos, preconceitos e

discriminações raciais, buscando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

É fundamental reconhecer a existência do racismo em suas diversas formas, incluindo racismo institucional, estrutural e individual. Isso envolve a compreensão de que o racismo não se limita apenas a atos explícitos de discriminação, mas também inclui desigualdades sistêmicas e preconceitos enraizados. Educar-se e conscientizar-se sobre as questões raciais, incluindo a história do racismo, suas manifestações contemporâneas e as experiências de grupos racialmente marginalizados. A educação pode ajudar a desafiar estereótipos, preconceitos e noções falsas sobre diferentes raças e etnias.

O racismo está enraizado nas estruturas e instituições da sociedade. Portanto, é necessário enfrentar e combater as desigualdades estruturais que perpetuam a marginalização e a discriminação racial. Isso envolve a implementação de políticas e práticas que promovam a igualdade de oportunidades em áreas como educação, emprego, justiça criminal e acesso a recursos básicos. Essa é uma das lutas de Djamila Ribeiro (2009).

É fundamental que as pessoas se envolvam ativamente no combate ao racismo, não apenas as pessoas racialmente marginalizadas, mas também aqueles que são privilegiados pela sociedade. Os aliados desempenham um papel importante em amplificar vozes marginalizadas, desafiar o *status quo* e trabalhar em conjunto para construir uma sociedade mais justa e igualitária. As leis e políticas antidiscriminatórias são essenciais para combater o racismo.

Governos e instituições devem adotar medidas efetivas para prevenir a discriminação racial e promover a igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de sua raça ou etnia. O diálogo aberto e a empatia são fundamentais para o combate ao racismo. É importante criar espaços seguros onde as pessoas possam compartilhar suas experiências, ouvir umas às outras e trabalhar em conjunto para promover a compreensão e a mudança.

“Aparentemente o racismo foi liberado na TV aberta. Stanley Gusman, apresentador de programa da TV Alterosa, afiliada ao @SBTonline de Minas Gerais”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

As pessoas reagiram xingando o apresentador com palavras como apresentador imbecil, babaca, e se referindo a Stanley com nojo, frente ao crime por ele praticado. Outras pessoas se diziam envergonhadas por estar diante dos olhos delas em rede estadual, já que o Alterosa Alerta era exibido na época para pelo menos 813 municípios mineiros, tamanha barbaridade, agressividade e atitude criminosa. Outras pessoas foram irônicas alegando que já que existem atitudes como essa não existiria racismo no Brasil.

“Vivemos tempos difíceis Mauro. A sensação que tenho é que esses babacas sempre existiram. Mas parece que agora é cool externar esse lado doente. É como se os preconceituosos tivessem ganhado voz. A sociedade brasileira está doente.” 10 de Julho de 2019. Tweet.

Observa-se aqui a reação aos atos racistas sem medo, como fizeram por longos anos. A reação aos atos racistas é uma forma de buscar justiça e igualdade para todos os indivíduos, independentemente de sua raça ou origem étnica. O racismo é uma violação dos direitos humanos básicos e não deve ser tolerado em nenhuma sociedade que aspira à igualdade e dignidade para todos. Ao reagir ao racismo, estamos protegendo os direitos individuais das pessoas que estão sendo alvo desses atos discriminatórios.

Isso inclui a proteção do direito à igualdade, liberdade e segurança de todos os cidadãos, independentemente da cor da sua pele. A reação contribui para desafiar e combater a discriminação estrutural que está enraizada em várias instituições e sistemas sociais. O racismo não se limita apenas a atos individuais, mas também está presente em políticas, práticas e normas que perpetuam desigualdades sistemáticas. Podemos, assim, educar e conscientizar as pessoas sobre os danos e impactos negativos do racismo. Destacar a importância da diversidade, promover a tolerância e incentivar a compreensão entre diferentes grupos étnicos e raciais. Dessa maneira, estamos contribuindo para uma mudança social mais ampla. A conscientização e a ação coletiva podem pressionar por mudanças nas políticas, leis e atitudes, ajudando a criar uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária.

Vale lembrar que a Constituição de 1988 no Art. 3, inciso XLI, deixa claro o combate ao racismo: "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação"(BRASIL, 1988). Recentemente, foi sancionada em nível Federal, a Lei 14.532 de 2023 que equipara a injúria racial ao crime de racismo.

"Criem seus filhos para não serem racistas, porque estamos criando os nossos para reagir." 10 de Julho de 2019. Tweet.

E o estudo de Braga (2006) pode ser mencionado aqui na medida em que as reverberações ocorridas no *Twitter* são espaços de crítica, deixando os ambientes comuns, como salas de aula e vindo para espaços de convívio público para que, assim, seja dada a possibilidade de que a sociedade interaja sobre a mídia ainda mais de modo a termos efeitos sociais, como já foi dito no começo do estudo.

Para Braga (2006), a convergência midiática é um fenômeno que tem implicações profundas para a sociedade, a cultura e a política. Ela cria novas formas de interação e participação social, bem como novas possibilidades para a produção e distribuição de conteúdos. O autor defende a ideia de que a convergência midiática é uma das principais características da cultura contemporânea e que essa convergência está mudando radicalmente a forma como produzimos e consumimos informações e entretenimento.

Podemos ver claramente ao analisarmos as reverberações, que a sociedade não está mais passiva frente à mídia. Ela reage e interage. Ele argumenta que as novas tecnologias estão ampliando as possibilidades de participação e expressão da sociedade, permitindo que as pessoas se organizem e se mobilizem em torno de questões de interesse público. Entre as pessoas que reagiram ao ato racista ainda há aquelas que perderam a esperança no Brasil e aquelas que questionaram a legitimidade do apresentador e a qualidade da emissora. Por ser o SBT uma emissora que explicitamente tomou partido e ficou ao lado do então presidente da República Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral, algumas pessoas questionaram que a emissora privilegia debates em torno de questões antidemocráticas como a que Bolsonaro fazia.

Mas, principalmente, pessoas que no *Twitter* pediram alguma punição para o absurdo racista, seja em nível jurídico seja por meio de demissão do apresentador. Isso não aconteceu. Gusman foi apenas afastado por dias da apresentação da emissora sob a alegação de que estaria de férias, voltando depois ao posto de apresentador como se nada tivesse acontecido.

"Cadeia nesse vagabundo, racista!!". 10 de Julho de 2019. Tweet.

"Horroroso! Demissão sumária!". 10

Há ainda reverberações que sugerem a morte do apresentador, "fogo nos racistas", e outras que lembraram episódios de racismo cometidos por outros apresentadores de TV e que não sofreram nenhuma penalidade. Pelo contrário, eles foram promovidos. Como mencionado nos *tweets*, o caso do jornalista da TV Globo William Waack que após o comentário racista vazarem em vídeo pelas redes sociais, foi demitido da emissora, mas contratado por outra.

Entre as reverberações contra o ato racista surgiram comentários de pessoas que reagiram entre si tornando o *Twitter* naquele momento um campo de batalha. Pessoas que por um momento deixaram de lado o assunto principal, o racismo, e focaram em brigar e a reagir frente a opinião do outro.

“O que tem haver preconceito com política ??? Me ajuda aí”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

“O atual presidente do Brasil por inúmeras vezes ja foi flagrado em comentários ofensivos, racistas, homofóbicos, ...e esse não pode ser o pensamento de um presidente. Nem de um ser humano. Ja passou e muito o tempo dessa herança maldita acabar. Você não acha?”. 11 de Julho de 2019. Tweet.

Nessa análise, foram 223 pessoas que pareciam estar cansadas de viver e assistir a atos racistas como o de Gusman. Pessoas que querem ganhar voz no *Twitter* e combater a discriminação. Pessoas que não quiseram se calar frente ao indefensável ato racista. Elas lutam para criar um ambiente *online*, por meio das redes sociais, mais justo e igualitário.

O racismo é uma forma de discriminação que pode causar danos emocionais, psicológicos e físicos para os alvos, além de perpetuar desigualdades sistêmicas. É importante que as pessoas sejam capazes de reconhecer o racismo e se opor a ele, tanto *online* nas redes sociais, principalmente, quanto *offline* na "vida real". Quando as pessoas combatem o racismo no *Twitter*, elas estão ajudando a criar uma cultura mais inclusiva e consciente, que pode ter um impacto positivo em toda a sociedade. No entanto, é importante que essa luta seja conduzida de maneira respeitosa e pacífica, evitando-se a difamação e o ódio, e buscando o diálogo e o entendimento.

5.2.2 Relação do fato com o contexto político brasileiro

O episódio de racismo cometido por Gusman, como já foi dito, ocorreu em 2019. Aqui vamos fazer um parêntese para explicar como a oposição entendia ser o governo Bolsonaro. O Brasil passava por situação política não vivida desde a redemocratização. O então presidente Jair Bolsonaro, era visto como uma ameaça à democracia e aos direitos sociais, com sua retórica divisiva, seu histórico de apologia à ditadura militar e suas políticas que favoreciam as elites econômicas. Na visão da esquerda, principalmente, o governo Bolsonaro promoveu um retrocesso nos direitos trabalhistas, sociais e ambientais, além de atacar a educação e a cultura.

Além disso, o governo era acusado de ter uma política externa subserviente aos Estados Unidos e de promover um alinhamento com líderes autoritários ao redor do mundo. A gestão da pandemia de Covid-19 foi a gota d'água nos fracassos do governo e outro ponto de crítica que se acentuou ao governo Bolsonaro ao minimizar a gravidade da doença, promover o uso de medicamentos sem eficácia comprovada e demorar para adquirir vacinas.

Nesse período, são mencionadas diversas declarações consideradas racistas resgatadas ao longo da carreira política de Bolsonaro. O governo era acusado de não ter políticas públicas adequadas para combater a discriminação racial e promover a igualdade de oportunidades para todos os brasileiros.

Além disso, em 2017, em um evento no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro afirmou que visitou outra comunidade quilombola e "o afrodescendente mais leve lá pesava uns 100 quilos. Ele não fazia nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais". Essa declaração também foi criticada por grupos que lutam pelos direitos dos negros.

Em uma transmissão ao vivo nas redes sociais em 2020, Bolsonaro se referiu a um antigo ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, como "aquele cara que não é médico, né? O Mandetta, ele é médico, mas ele não tem aquela formação de médico como um todo, porque ele é um médico que foi doutrinado em Cuba. Não vou culpar ele por isso, mas ele foi doutrinado lá e depois voltou para cá".

De acordo com reportagem do Jornal Correio Braziliense de 08/07/2021, mais uma situação deixou o presidente Jair Bolsonaro nas manchetes mas não por questões econômicas ou de alguma outra questão política, mas por mais um ato racista e discriminatório. O presidente Jair Bolsonaro voltou a comentar sobre o estilo de cabelo *black power* de um apoiador. ele questionou o estilo do cabelo do homem rindo: "Como é que tá a criação de barata, aí?", disse, rindo. E continuou: "Olha o criador de baratas aqui. Você não pode tomar

ivermectina que vai matar todos os seus piolhos". O remédio indicado para combater vermes e piolhos era na época defendido pelo presidente no tratamento contra a Covid-19, apesar de não ter comprovação científica de eficácia contra o vírus. O apoiador vítima dos ataques não se chateou e disse que tinha intimidade com o presidente da república para que brincassem assim.

E, por fim, apenas para exemplificar brevemente e superficialmente o país em que vivíamos em 2019, no ano de 2020 Bolsonaro se referiu ao novo coronavírus como "vírus chinês", o que gerou críticas de entidades que combatem o racismo, que afirmam que a expressão é preconceituosa e pode incentivar atos de violência contra a comunidade chinesa.

Esse era o Brasil de 2019. De uma forma bem simplista e superficial, podemos dizer que a posse do presidente Jair Bolsonaro levou o Brasil a um tempo de muitas polêmicas políticas. Ele frequentemente fazia declarações controversas e polêmicas. Muitas vezes gerava repercussões negativas tanto dentro quanto fora do Brasil. As declarações dele sobre questões ambientais, direitos humanos, minorias e outros temas levantaram preocupações e críticas. O governo foi alvo de críticas por sua abordagem em relação ao meio ambiente.

A diplomacia do governo Bolsonaro também enfrentou alguns desafios em 2019. As posições polêmicas em questões internacionais, como a crise na Venezuela, causaram tensões com outros países e organismos multilaterais. Nesse período, era natural que as relações com o governo e o pensamento dominante do governo Bolsonaro fossem mencionadas.

Precisamos abrir esse parêntese para explicar o País e assim entendermos porque se tornava tão importante e necessário os comentários, as reverberações que faziam relação por meio dos *tweets* com o cenário político nacional. Tentar entender pelo momento do Brasil que crimes racistas praticados em outras situações até mesmo em emissoras de televisão que passaram despercebidos, não eram mais aceitos e agora combatidos nas redes sociais. Aqui foram 30 *tweets* mencionando a política com o fato ocorrido, 9,5% do total reverberados em 9 de julho de 2019. O *tweet* a seguir pode exemplificar bem o assunto.

“Infelizmente, a eleição de 2018 abriu caminho para uma era do retrocesso nunca visto antes. Racismo, fanatismo religioso, radicalismo político, misoginia, etc, etc, etc. Isso em qualquer mídia, Internet, etc. Abrimos a caixa de Pandora.” 11 de Julho de 2019. Tweet.

Era a reação contra o racismo, claro, mas uma reação aqui política também. Um momento para reagir contra a discriminação e também reforçar o inconformismo com a política brasileira. Em março desse ano, um manifesto coletivo formado por um grupo de ativistas, professores, artistas e militantes realizou a entrega de mais de cem mil assinaturas a

favor da instauração de um tribunal popular par julgar crimes de Estado cometidos pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. O professor Vladimir Safatle (2015) é quem organiza esse protesto e ele garante a importância do movimento para garantir que não haja um esquecimento desses crimes, o que seria um atentado contra a possibilidade de dar um mínimo de "realidade da latência de democracia do Brasil". Para ele, não responsabilizar Bolsonaro seria uma carta branca para os funcionários do Estado "fazerem práticas destrutivas e violentas em relação aos interesses do bem comum nacional".

“A ascensão do Bolsonaro libertou toda essa gente que tinha esse preconceito guardado. PSL elegeu muita gente com discurso de ódio, racismo e tudo. Muitos falam em nome de Deus, falam em defesa da família e bons costumes. Acho que é um caminho sem volta.” 10 de Julho de 2019. Tweet.

Fica claro aqui ao analisarmos os *tweets* dessa categoria que a população estava cansada do racismo tanto quanto estava cansada do governo Bolsonaro. Aqui as pessoas associavam o crime praticado por Gusman, por ele ser apoiador explícito de Bolsonaro. Em várias falas durante o programa Gusman se dizia "Bolsominion" e que era sim apoiador do presidente militar e que o Brasil estava em plena ascensão. Várias vezes durante o Alterosa Alerta, Stanley, que era filho de militar, fazia continências e menções a situações vividas durante a ditadura. Na época da pandemia de Covid-19, Stanley dizia que fazia uso de medicamentos que eram sugeridos por Bolsonaro que de maneira alguma seria vacinado quando as doses já estivessem disponíveis (o apresentador faleceu sem ser vacinado).

Pessoas diziam ter nojo de Gusman e que ele participava de uma corja racista que estava presente em todos os espaços de poder do nosso país. Outros fizeram uma associação ao nome da emissora Sistema Brasileiro de Televisão à política como sendo Sistema Bolsonaro de Televisão, tendo, então, a mesma sigla. Por isso, não teria credibilidade e defenderia a posição racista do apresentador. Outras pessoas participavam mencionando que vivíamos esse absurdo no campo da discriminação porque o presidente liberou os abusos. Pessoas que pareciam estar cansadas do retrocesso em relação aos direitos conquistados nos últimos anos, passaram a exigir mais respeito e igualdade por parte do governo.

“A ascensão do Bolsonaro libertou toda essa gente que tinha esse preconceito guardado. O PSL elegeu muita gente com discurso de ódio, racismo e tudo. Muitos falam em nome de Deus, falam em defesa da família e bons costumes. Acho que é um caminho sem volta.” 10 de Julho de 2019. Tweet.

Segundo Vladimir Safatle (2015), a luta pelo reconhecimento é uma luta por igualdade e respeito, que envolve tanto questões políticas quanto culturais. Ele afirma que as identidades individuais e coletivas são formadas a partir de relações sociais que envolvem tanto a afirmação quanto a negação do reconhecimento por parte dos outros.

Como vimos no começo deste trabalho, Safatle destaca a importância da política do reconhecimento na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ele defende que essa política deve estar baseada na valorização e respeito às diferenças, e que deve levar em consideração as desigualdades históricas que existem entre grupos sociais. O autor defende que o racismo é um produto das relações sociais e históricas, e que, portanto, sua superação exige uma mudança nas estruturas políticas e econômicas que perpetuam a desigualdade.

Diariamente, durante o programa, Stanley contava com a participação do repórter Rafael Martins em reportagens e também com participações ao vivo, como foi dito. Apenas a título de curiosidade, Rafael Martins tinha um contrato de trabalho diretamente com Gusman, não sendo funcionário e nem tendo vínculo com a TV Alterosa. E no momento do ato racista, Rafael estava na tela junto com o apresentador e reagiu quando o fato ocorreu. No tópico a seguir, se verá como foram as reverberações frente a essa reação do repórter no "ao vivo".

5.2.3 Relação com o posicionamento do repórter ao vivo frente ao ato racista cometido pelo apresentador

Diariamente, o programa era apresentado por Stanley Gusman em parceria com o repórter Rafael Martins. Juntos, os dois conduziam o programa sendo inclusive o repórter o substituto de Gusman em situação de viagem ou quando o titular estava impossibilitado de apresentar. A parceria entre os dois era umbilical. Eles se completavam e tinham uma excelente sintonia. Rafael Martins é jornalista por formação, mas decidiu deixar a carreira da comunicação em segundo plano, para se dedicar à política. Eleito como deputado estadual, Martins continuou participando mas de forma menos intensa, das atividades como repórter.

Não mais na TV aberta, Rafael Martins atua como deputado reeleito para o segundo mandato em 2022. No ano de 2019, quando o episódio aconteceu, ele estava em seu segundo ano do primeiro pleito. Rafael fazia "vivos" em favelas, *shopping centers*, praças e até mesmo em um *link* montado usualmente na porta da emissora que então ficava localizada na Av Assis Chateaubriand, no bairro Floresta. Era o local do vivo no dia 9 de julho de 2019, na porta da emissora. A participação de Rafael e a escolha dos assuntos a serem abordados em suas entradas ao vivo, eram aqueles para os quais não havia muitas imagens e, por isso, não eram transformados em reportagens. Mas ainda assim eram relevantes. Havia também interações em forma de brincadeiras para dar mais agilidade ao programa, lembrando que o Alterosa Alerta é um programa que mescla entretenimento com conteúdo jornalístico.

Os dois, apresentador e repórter, comentavam a reportagem que havia acabado de ser exibida, quando Gusman recebeu em seu celular a situação de momento do Ibope. Stanley foi informado de que estava caindo a audiência do programa, perdendo telespectadores naquele momento para o concorrente direto, o “Balanço Geral”, apresentado pelo também deputado estadual Mauro Tramonte. Gusman viu os pontos despencarem enquanto os do concorrente aumentaram. Stanley ficou nervoso e foi quando começou a colocar em voga a confiabilidade dos números fornecidos.

Quando o assunto foi para o questionamento sobre o Ibope é que Stanley praticou o racismo com o "Montenegro e Montebranco". Rafael Martins ficou calado, mas quando escutou a advertência feita ao apresentador pela direção do programa sobre o crime, Rafael também ouviu a repreensão, se manifestou rapidamente e de forma meio atônita. O repórter parecia meio sem entender o que estava acontecendo.

A reação de uma pessoa quando é pega de surpresa sobre algum assunto pode variar muito, dependendo da personalidade, contexto e do próprio assunto em questão. Algumas pessoas podem ficar confusas, outras podem ficar surpresas ou chocadas, e outras ainda podem demonstrar curiosidade ou interesse. Rafael ficou atônito (justo ele que era sempre muito falante), espantou-se com a atitude de Gusman e falou apenas um "nossa".

“Da pra ver o rosto de desconforto e desaprovação dele... constrangido! Nem sempre quando somos tomados de “assalto” com uma atitude inesperada, conseguimos dar uma resposta na hora! Muitas vezes simplesmente ficamos mudos...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

Nossa, que vergonha. Até o repórter ficou constrangido. 10 de julho de 2019.

O pior é ver como ele fica confortável com o que disse, tanto que repete, como se fosse uma máxima, enquanto o repórter está visivelmente constrangido. Criatura desprezível que se acha superior. Cadeia nele. - 10 de Julho de 2019.

Repórter sabe nem o que fazer, véi. Coitado - 10 de Julho de 2019.

Essa categorização muito importante, porque foi a partir de um telefonema no meio da tarde do dia 9 de julho de 2019 que a direção do programa tomou conhecimento das reverberações no *Twitter*. Muito ativo nas redes sociais, Rafael Martins, por volta das 17 horas do mesmo dia, viu a primeira reação no *Twitter* também de uma colega de pleito, uma deputada estadual, condenando a atitude de Gusman. E foi ele quem deu o alerta à equipe.

Rafael disse à edição do programa que os comentários estavam começando a "respingar nele" e que todos tivessem ciência do que estava acontecendo porque ele precisava agir, comentar e repudiar o que havia acontecido. Até aquele momento estavam todos tranquilamente seguindo suas vidas, sem acreditar que tal fato teria uma repercussão como a que ganhou. Como o programa era independente, a diretora imediata de Stanley tentou contato, mas ele estava incomunicável. E foi só horas depois, por volta das 20 horas, que ele tomou ciência da repercussão do ato racista que havia praticado horas antes na TV.

Apesar das várias reverberações, Stanley acreditava que o assunto não ganharia tamanha proporção. Pediu à equipe que ficassem todos calmos. No dia seguinte tudo estaria resolvido e as pessoas teriam esquecido. Ele acreditava que seriam apenas comentários de redes sociais. Como a equipe ficou acompanhando o desdobramento dos fatos, foi visto que, ao contrário do que Gusman acreditava, além dos comentários não perderem força, a luta contra a discriminação e contra o racismo ganhou ainda mais força.

Uma reunião geral aconteceu nas primeiras horas do dia 10 de julho, com as diretrizes a serem traçadas para o dia, como a leitura do editorial por parte de Stanley e ainda o desligamento por parte do repórter Rafael Martins e sua carta de repúdio ao fato. Era,

claro, incompatível para qualquer pessoa, inclusive para o deputado e jornalista Rafael Martins, continuar a dividir um programa com o apresentador racista. E foi o que ele fez. Além de romper com o programa, Rafael e Stanley colocaram fim no relacionamento profissional e pessoal naquele mesmo instante. Por isso, se fez tão importante uma categorização para se abordar a reação do repórter ao vivo.

5.2.4 Defesa do apresentador frente ao crime de racismo

Neste tópico, se verá como se deu a defesa do apresentador no *Twitter*. Será que algumas pessoas foram defender aquilo que é indefensável? Como justificar ou minimizar um ato racista? E isso não seria um outro crime?

Stanley, no dia 10 de julho, levava o dia normalmente até que foi chamado pela direção da TV Alterosa para uma reunião. Ele tentou, mas não teve como superar, como já mencionamos, a leitura de um editorial escrito pela diretoria da emissora. O apresentador ficou indignado, nervoso e achando um absurdo ter que pedir desculpas. Ele ainda não estava convencido de que tinha feito algo errado, mesmo com tudo às claras pra ele. Ou seja, mesmo com as reverberações no *Twitter*, mesmo com a direção da TV e do programa reafirmando a ele sobre o erro, Stanley não se convenceu e insistia que não era racista e não havia praticado nenhum crime. Ele acreditava ter feito uma brincadeira que foi mal interpretada.

Gusman tentava ganhar uma sobrevida para insistir que não havia cometido nenhum erro com as pessoas que foram para o *Twitter*, a mesma rede em que ele estava sendo execrado, e saíram em sua defesa. Foram 14 pessoas. Entre 323 *tweets* totalizados, a porcentagem de pessoas que defenderam o apresentador não chegou a 5%, apenas 4,5%.

Um dos internautas que o defenderam chamou a denúncia contra o crime de racismo de "patrulhar".

“Deixa de ser chato! Pára de ficar patrulhando tudo&todos! Vai se tratar! Vai ser feliz! Sai dessa fossa tóxica!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

Há ainda os que justificaram como sendo ato falho e não crime, brincadeira, e ainda tentando comparar e explicar o ato. Um ato falho refere-se a um erro não intencional que ocorre na fala, na escrita ou nas ações de uma pessoa, revelando pensamentos inconscientes ou desejos reprimidos. Por exemplo, trocar palavras ou nomes sem querer durante uma

conversa. De modo geral, um ato falho é considerado um erro comum e não tem implicações legais.

Uma brincadeira é uma ação intencional realizada com o propósito de divertir ou entreter outras pessoas. As brincadeiras podem variar em intensidade e natureza, mas, geralmente, não são consideradas crimes, a menos que ultrapassem certos limites e causem danos sérios ou violem a lei de alguma forma.

Um crime, por outro lado, refere-se a uma conduta ilegal, proibida por lei. Os crimes podem variar de acordo com a legislação de cada país, mas geralmente envolvem atividades que causam danos, prejudicam outros indivíduos ou violam direitos legais.

Um ato falho não é nem uma brincadeira nem um crime, pois não envolve uma intenção deliberada de causar dano ou violar a lei. É apenas um erro inconsciente. A interpretação de um ato falho pode depender do contexto e da reação das pessoas envolvidas. No caso de Gusman, não há dúvidas, o crime de racismo existiu, mesmo ele alegando não ser racista.

O racismo é crime e afeta a vida de muitas pessoas ao redor do mundo. Ele se baseia na discriminação e na crença de que certas raças são superiores a outras, resultando em preconceito, estereótipos e tratamento desigual. Brincadeiras envolvendo racismo são prejudiciais e ofensivas, pois perpetuam estereótipos negativos, reforçam desigualdades e causam danos emocionais às pessoas afetadas. Essas brincadeiras podem ser extremamente dolorosas para aqueles que são alvos de discriminação racial e podem contribuir para a marginalização e exclusão de grupos específicos.

Felizmente, a sociedade está evoluindo e buscando mais conscientização sobre a importância da igualdade e do respeito pelos direitos humanos. Consequentemente, brincadeiras racistas são cada vez menos toleradas e são consideradas socialmente inaceitáveis. Promover a igualdade racial e combater o racismo é um objetivo fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso implica em evitar qualquer forma de discriminação racial, incluindo brincadeiras que possam perpetuar estereótipos ou causar danos a outras pessoas.

Essas brincadeiras desencadeiam sentimentos de humilhação, dor, exclusão e baixa autoestima. Elas contribuem para a criação de um ambiente hostil e prejudicam a saúde mental e o bem-estar das vítimas. As piadas racistas contribuem para a promoção da discriminação racial. Elas normalizam atitudes e comportamentos preconceituosos, o que pode levar a uma marginalização mais ampla e à perpetuação de desigualdades sociais. Ao permitir essas "brincadeiras", estaríamos tolerando e perpetuando um ciclo de discriminação. Para construir uma sociedade mais justa e harmoniosa, é necessário abolir brincadeiras que promovam a intolerância e o preconceito. Muitos países têm leis e políticas que proíbem a discriminação racial e promovem a igualdade. Isso inclui ações contra brincadeiras racistas. As pessoas são responsabilizadas legalmente por comportamentos discriminatórios e as brincadeiras racistas podem ser consideradas como assédio racial ou incitação ao ódio, levando a consequências legais para os responsáveis.

Pessoas que usam o argumento de estarem brincando para se esconderem e praticarem livremente atos racistas estão cada vez mais banidas de nossa sociedade, seja por cancelamento em redes sociais, seja porque têm cada dia mais sido denunciadas criminalmente. E porque crimes na década de 1980 passaram como brincadeiras e hoje não mais?

As percepções e atitudes em relação às questões sociais, como o fascismo, podem mudar ao longo do tempo devido a uma série de fatores, como avanços na compreensão dos direitos humanos, evolução da consciência social e mudanças nas normas culturais. Na década de 1980, as atitudes em relação a certos temas podem ter sido diferentes das atuais.

No contexto específico da década de 1980, é importante considerar que houve uma variedade de perspectivas e abordagens em relação a diferentes questões. Algumas sociedades podem ter sido mais tolerantes ou menos conscientes das implicações negativas das brincadeiras fascistas na época. É essencial destacar que o fascismo é uma ideologia que promove a supremacia de um grupo étnico ou nacional em detrimento dos outros, e é associado a violações graves dos direitos humanos, opressão e discriminação. O fascismo é amplamente condenado como uma ideologia perigosa e prejudicial que resultou em enormes sofrimentos humanos ao longo da história.

Com o passar das décadas, houve um aumento da conscientização sobre a importância da igualdade, dos direitos humanos e da promoção de uma sociedade inclusiva.

Essa conscientização levou a uma mudança nas atitudes em relação a brincadeiras fascistas, tornando-as atualmente amplamente inaceitáveis e socialmente condenadas. É importante reconhecer que a sociedade está em constante evolução, e nossos valores e normas também mudam ao longo do tempo. O que pode ter sido considerado aceitável ou tolerado em décadas anteriores pode não ser mais aceito nos dias de hoje, à medida que aprendemos e progredimos como sociedade.

“vamos processar todos os produtores de Star Wars!. O lado negro da Força é racismo, pq se referem ao que há de ruim, inimigo. puta lacração !!! interpretam da forma que querem”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

O então presidente Jair Bolsonaro usava a expressão "mimimi" para falar sobre lutas sociais ou como forma pejorativa para se referir a críticas, reclamações ou demandas de grupos considerados minoritários ou populares que, segundo ele, estariam sendo excessivamente sensíveis ou politicamente corretos. Era uma forma de desqualificar e minimizar as preocupações e lutas desses grupos, deslegitimando suas reivindicações e desconsiderando suas perspectivas e experiências. Muitos críticos acusam Bolsonaro de utilizar essa expressão de forma discriminatória e preconceituosa. E assim também foi nas reverberações.

“Cara, isso é tão óbvio. Mas essa gente só pensa em lacrar, mesmo que seja assassinando a reputação de um pai de família”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

Defender Stanley era impossível. E a cada *tweet* em defesa eram vários os xingamentos àquela pessoa que saía em defesa do apresentador. Aqui, podemos fazer uma associação à espiral do silêncio. Na teoria da cientista política alemã Elisabeth Noelle-Neumann, as pessoas têm uma tendência a se calar quando percebem que sua opinião não é a mais popular ou dominante naquele contexto social. De acordo com essa teoria, as pessoas têm um medo instintivo de serem isoladas ou rejeitadas pelo grupo ao qual pertencem, e, portanto, evitam expressar opiniões que possam ser consideradas impopulares. Isso leva a uma espiral de silêncio, em que as opiniões dominantes se tornam cada vez mais proeminentes e as opiniões minoritárias são cada vez mais silenciadas. Podemos analisar isso sobre duas situações.

Uma delas foi quando a grande mídia influenciava as pessoas sem que elas pudessem se manifestar e ir contra o que lhes era imposto, conforme o que já foi exposto com a citação

de Braga (2006). Mas, com o advento das redes sociais, o que acontece agora é o oposto. As pessoas que eram discriminadas e que tinham que ficar à margem agora têm voz e espaço para interagirem, ganham força e desenvolvem mecanismos para reagir às opressões.

Acredita-se ainda que as pessoas atualmente estão mais conscientes de crimes raciais que deixaram de ser tratados como brincadeiras e mau gosto, por causa de uma série de fatores que têm vindo à tona nos últimos anos. Um desses fatores é o surgimento de movimentos sociais, tanto os movimentos brasileiros, como o *Black Lives Matter*, que têm chamado a atenção para a injustiça racial. Os movimentos sociais têm permitido que as pessoas compartilhem informações e histórias sobre experiências de racismo e discriminação de forma mais ampla e rápida do que nunca. Isso tem feito com que mais pessoas se conscientizem sobre a existência desses problemas e sua gravidade.

Também houve mais cobertura da mídia sobre casos de crimes raciais, especialmente nos Estados Unidos, onde vários casos de violência policial contra negros e outras minorias têm recebido ampla atenção da imprensa. Essa cobertura tem ajudado a destacar a gravidade e a urgência desses problemas, aumentando a conscientização do público em geral. Tem a cada dia mais aumentado o diálogo sobre a diversidade e a inclusão em vários setores da sociedade, incluindo empresas, escolas e organizações. Isso tem ajudado a criar um ambiente mais favorável para as pessoas discutirem e confrontarem questões de racismo e discriminação.

Vale lembrar que, aqui no Brasil, existem leis que proíbem a discriminação racial e punem quem incita, induz ou faz apologia ao racismo. Assim, se alguém expressar um comentário racista e outra pessoa concordar, apoiar ou amplificar essa mensagem, essa pessoa pode ser considerada cúmplice ou coautora do crime de racismo. Além disso, em muitos casos, a lei também considera a responsabilidade de quem compartilha conteúdo racista na internet. Por exemplo, se alguém compartilha um meme ou post que contenha conteúdo racista ou discriminatório, essa pessoa também pode ser considerada cúmplice ou coautora do crime de violência policial contra pessoas negras e outras minorias étnicas.

O Ministério Público Federal (MPF) ingressou com ação civil pública pedindo indenização por danos morais coletivos pelo crime de racismo. A ação pedia a condenação do apresentador de afiliada do SBT ao pagamento de indenização no valor de R\$200 mil. Para o MPF, o fato extrapolou a esfera da legítima e constitucionalmente protegida liberdade de expressão, incorrendo na prática de discurso do ódio. Stanley firmou um Acordo de Não Persecução Penal com o Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG), no qual reconheceu a prática do crime de racismo e assumiu o compromisso de produzir uma reportagem abordando as causas e efeitos de microagressões contra os negros. O presidente

do Ibope não recorreu à Justiça, apenas se manifestou nas redes sociais na época e tempos depois não se via mais a publicação.

Muitos questionaram se essa seria uma pena branda para o crime cometido. Vale lembrar que o crime de racismo é a prática de discriminação e preconceito contra uma pessoa ou grupo por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero, orientação sexual, ou outras formas de discriminação que ferem a dignidade humana. No Brasil, o crime de racismo é tipificado como crime inafiançável e imprescritível pela Constituição Federal de 1988, sendo considerado um crime contra a honra e a dignidade da pessoa humana. A Lei nº 7.716/1989 prevê penas que podem chegar a cinco anos de reclusão e multa para quem praticar o crime de racismo, incluindo a incitação à discriminação ou preconceito.

Do outro lado, estaria o então presidente do instituto de pesquisa que foi atacado por Stanley e que no dia seguinte às agressões, se manifestou para um jornal de Belo Horizonte.

Por meio de sua assessoria, o presidente do IBOPE se manifestou dizendo: "O apresentador é uma pessoa racista, pequena e com pouquíssimo Ibope. Obviamente fazendo papel de palhaço". Poucas, mas duras foram as palavras de Carlos Augusto Montenegro, ex-presidente do Instituto. Também informou ainda no dia seguinte ao fato que não entraria na justiça contra o jornalista e lamentou "profundamente comentário de tamanho mau gosto e bastante idiota". "Ele é desinformado. Não sabe meu nome e que não estou na direção do Ibope há quatro anos. Essa parte foi vendida para uma empresa inglesa. Agora sou responsável pela pesquisa de mercado e opinião pública eleitoral. Isso é um tipo de gracinha, uma ofensa ao país", afirmou Montenegro em conversa com a reportagem de um jornal mineiro. (CAETANO, 2021).

5.2.5 Reações com palavrões e agressões

Por fim, a categoria de pessoas que reverberaram com palavrões, termos considerados vulgarmente ofensivos, geralmente associados a expressões de raiva, indignação, frustração ou ênfase. Ao analisarmos esses *tweets*, fica clara a insatisfação das pessoas com o ato e também como o momento em que o Brasil se encontrava política e economicamente. O uso de palavrões pode variar de acordo com o contexto e a cultura, sendo mais comum em situações informais e entre amigos, por exemplo. O *Twitter* é uma plataforma, como já foi dito, extremamente informal. Embora não sejam necessariamente considerados crimes, os palavrões podem ser considerados impróprios e ofensivos em determinados contextos, como em locais de trabalho, instituições de ensino, espaços públicos ou em convívio social. Mas, no caso em questão, é difícil condenar pessoas que reagem a um crime com palavrões. Vale ressaltar que a liberdade de expressão é um direito fundamental garantido pela Constituição,

mas deve ser exercida com responsabilidade e respeito aos demais direitos fundamentais, como a dignidade da pessoa humana e o direito à privacidade.

Ao analisarmos essa categoria de reverberações, 24 *tweets* se encaixam nela. Podemos mencionar que o número é maior do que as pessoas que defenderam Gusman ou comentaram a reação do repórter frente ao crime e ainda quase o mesmo número de pessoas que fazem um paralelo com o cenário político vivido no momento. E o que esse conjunto representa? Possivelmente, um cansaço, um asco e um momento e espaço para dar um basta em atos discriminatórios de uma elite privilegiada.

Racista fdp! –10 de julho de 2019

Um grande fdp - 10 de Julho de 2019.

Não é possível cara! Puta que pariu - 10 de Julho de 2019

OLHA QUE ESCROTO LIXO - 10 de Julho de 2019

O palavrão é uma palavra obscena, grosseira ou pornográfica, cujo uso pode ofender a quem é alvo dela. E isso foi perceptível em alguns *tweets*. Segundo Emma Byrne, a autora do livro "Dizer palavrões faz bem. A incrível ciência do calão" 2018, após ter feito uma grande pesquisa com cientistas, descobriu que palavrões podem ser distinguidos entre palavrões proposicionais e não proposicionais. Os palavrões proposicionais são escolhidos deliberadamente pelo seu efeito e processados essencialmente no hemisfério esquerdo do cérebro para obterem estrutura, som e significado. O palavrão não proposicional é a explosão não planeada, não intencional, que surge quando somos surpreendidos ou nos magoamos, mais presente nas partes do cérebro que processam as emoções. Ela concluiu que pessoas submetidas a uma hemisferectomia, a remoção de um lado do cérebro devido a um dano irreparável, podem perder a capacidade de falar, mas não completamente. A pessoa perde a maior parte da linguagem, mas ela ainda terá a capacidade de falar palavrão. Parece que estabelecemos conexões emocionais muito fortes com certos tipos de linguagem e isso é armazenado separadamente do resto da nossa linguagem. Você pode retirar parte do cérebro e anular completamente a capacidade de alguém de usar a linguagem de forma deliberativa e planejada como estou fazendo agora. Mas elas ainda podem falar palavrões espontaneamente. Percebeu-se que isso está ligado ao prazer.

Em certas situações, palavrões podem ser usados para expressar emoções fortes, como raiva, frustração, surpresa ou dor. Eles podem ser vistos como uma forma de liberar emoções negativas e aliviar a tensão. Algumas pessoas crescem em ambientes em que palavrões são comuns e são expostas a eles desde cedo. Elas podem ter aprendido a utilizá-los como parte de sua linguagem cotidiana e, conseqüentemente, utilizam palavrões sem pensar muito sobre isso. Podem ainda ser usados para enfatizar uma mensagem ou dar ênfase a algo. Quando se quer chamar a atenção para algo de forma intensa, algumas pessoas recorrem a palavras consideradas mais fortes ou vulgares. O uso de palavrões também pode estar relacionado ao contexto cultural e social. Em certos grupos ou comunidades, o uso de palavras consideradas obscenas pode ser mais aceito e até mesmo uma forma de demonstrar pertencimento ou intimidade.

Pqp que racista filho da puta! – 10 de julho de 2019

Outras pessoas usaram o trocadilho de Gusman contra ele mesmo e fizeram alusão a Montenegro, Montebranco, nomeando o apresentador como sendo um Montebosta.

Olha só o que disse o - 10 de Julho de 2019

Outros internautas que reverberaram no *Twitter* o ato racista cometido por Gusman na TV perceberam que o crime viralizaria nas redes sociais. Pode-se perceber que quando as pessoas percebem que algo é relevante para elas ou para a cultura em geral, tendem a compartilhar e interagir com o conteúdo, contribuindo para sua viralização.

Babaca racista, se fu, pq essa merda q ele falou vai viralizar. - 10 de Julho de 2019.

De acordo com vários estudos do psicólogo britânico Richard Stephens, falar palavrões pode levar à liberação de endorfinas no cérebro. São substâncias químicas relacionadas ao prazer e ao alívio do estresse. Essa liberação pode gerar uma sensação momentânea de satisfação ou alívio. O uso de palavrões pode chamar a atenção para a mensagem que está sendo transmitida. O cérebro tende a prestar mais atenção a palavras e expressões emocionalmente carregadas e os palavrões, por serem considerados socialmente tabus, podem ter um impacto maior na atenção e no foco. Pode envolver a ativação da

memória e das associações pessoais. Certos palavrões podem estar relacionados a experiências passadas ou a situações específicas que causaram emoções intensas. Isso pode levar o cérebro a recuperar essas memórias e associações durante o uso de palavrões.

Filho da puta! Racista de merda! Continuo com a minha tese nada científica da "Síndrome do Julho de 2019.

É muito comum percebermos ataques quando somos atacados. Reverberar a um ato racista não tinha como ser diferente e muitas pessoas agrediram o apresentador racista. Os motivos podem ter sido vários. Raiva e frustração, por exemplo. Em situações de conflito, algumas pessoas podem recorrer a ataques verbais como uma forma de expressar sua raiva, frustração ou irritação. Elas podem usar palavras ofensivas ou agressivas para tentar ferir emocionalmente a outra pessoa. A insegurança e baixa autoestima podem levar algumas pessoas que se sentem inseguras ou têm baixa autoestima a recorrerem a ataques verbais como uma maneira de se sentirem superiores ou mais poderosas. Ao diminuir ou humilhar os outros, elas buscam compensar suas próprias inseguranças.

Em certos casos, os ataques verbais são usados como uma estratégia de controle ou dominação sobre os outros. Ao intimidar, insultar ou menosprezar alguém verbalmente, a pessoa agressora pode tentar estabelecer seu poder ou obter vantagens sobre a outra pessoa é o que se pode chamar de desejo de controle ou dominação. Em algumas situações, a pressão social ou a influência do grupo podem levar as pessoas a atacar verbalmente outras. Em determinados contextos, pode haver uma cultura de agressão verbal, em que insultos ou ofensas são considerados aceitáveis ou até mesmo encorajados por influência de normas sociais ou grupais.

Algumas pessoas podem ter dificuldade em se colocar no lugar dos outros e entender o impacto emocional de seus ataques verbais. Elas podem não reconhecer o sofrimento causado por suas palavras ou simplesmente não se importar com isso. Entretanto, após analisar os 323 *tweets*, pode-se perceber que os motivos foram combate ao ato racista, reverberações contrárias à atitude do apresentador.

olha essa desgraça -10 de Julho de 2019

Entre as pessoas que reverberaram com agressões, há aquelas que desejaram a morte do apresentador e pediram para que ele fosse queimado. A incitação à violência envolve incentivar, instigar ou promover atos violentos, seja por meio de palavras, gestos, escritos ou qualquer forma de comunicação. É considerada uma ameaça à ordem pública e à segurança das pessoas. Ela pode levar à prática de atos violentos e prejudicar a integridade física e psicológica das pessoas envolvidas. Além disso, a incitação à violência também pode criar um clima de medo e insegurança na sociedade. Stanley garantiu a todos da equipe que não se abatia com as reverberações em tons de ameaça.

As leis variam de acordo com cada país, mas, em geral, a incitação à violência é punida como um crime. No Brasil, o Código Penal prevê sanções para esse tipo de conduta, podendo resultar em prisão e multa, dependendo da gravidade do caso. O Código Penal, em seu artigo 286, descreve o delito de incitação ao crime, que consiste em incentivar, estimular, publicamente, que alguém cometa um crime e prevê pena de detenção de três a seis meses e multa.

É importante lembrar que a liberdade de expressão tem limites legais. Embora seja importante proteger a liberdade de expressão e o direito à opinião, esses direitos não podem ser usados para promover a violência ou prejudicar outras pessoas. Stanley Gusman não seguiu a conduta e infringiu a liberdade de expressão, ultrapassou todos os limites e cometeu um crime. Algumas reverberações foram no mesmo tom.

#fognosracista - 10 de Julho de 2019

-FOGO NO RACISTA - 10 de Julho de 2019

E há aqueles ainda que cometeram um crime de racismo para serem contra o ato de racismo. O conceito de racismo envolve a opressão sistemática e estrutural baseada na raça, na qual grupos racialmente dominantes exercem poder e privilégios sobre grupos racialmente marginalizados. Historicamente, o racismo tem sido direcionado principalmente a pessoas não brancas, perpetuando desigualdades estruturais em várias sociedades.

No entanto, é importante destacar que qualquer forma de discriminação ou preconceito com base na raça é indesejável e problemática. Embora não seja comum usar o termo "racismo" para descrever a discriminação contra pessoas brancas, pode haver casos em que pessoas brancas enfrentem preconceito, estereótipos negativos ou discriminação com base na

sua cor de pele. Esses casos são geralmente considerados como manifestações de preconceito racial.

É crucial reconhecer que o racismo sistêmico e institucionalizado tem um impacto muito maior e mais prejudicial em grupos historicamente marginalizados. O racismo contra pessoas brancas, quando ocorre, geralmente não é apoiado por sistemas de poder e privilégios estruturais, o que diferencia as experiências de discriminação enfrentadas por diferentes grupos raciais. Esse debate não é fácil.

No combate ao racismo, é importante se concentrar nas desigualdades sistêmicas e na luta contra a opressão racial enfrentada pelas minorias raciais historicamente marginalizadas, ao mesmo tempo em que se trabalha para promover a igualdade e a justiça para todos, independentemente de sua raça ou etnia.

As pessoas brancas me dão nojoo - 10 de Julho de 2019

Após analisarmos 323 *tweets* reverberando um caso que começou em uma mídia e foi parar em outra, saiu da TV para a internet na rede social *Twitter*, é possível mencionar a deputada estadual Andrea de Jesus, a primeira a reverberar no *Twitter* o episódio de racista praticado por Stanley Gusman. A parlamentar tem uma luta contra esses abusos. Presidente da Comissão de Direitos Humanos na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, a deputada negra, mãe solo, nascida na cidade de Ribeirão das Neves, se intitula advogada popular e acompanha a luta dos sem terra, sem teto, e das mães de filhos presos.

Exemplo de luta pela necessidade de conscientização e educação sobre o racismo, defende a importância de uma educação antirracista para dismantelar preconceitos e promover uma sociedade mais igualitária, valorização da história e da cultura afro-brasileira, bem como da ampliação da presença de pessoas negras em posições de poder e influência. O exemplo dado neste trabalho ressalta a importância do ativismo e da organização coletiva na luta contra o racismo e valorizam a voz e a resistência da comunidade negra, destacando a importância de se unir para combater as injustiças e promover a igualdade racial. No *Twitter*, isso é e foi possível contra o ato de racismo praticado pelo apresentador Stanley Gusman.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram dois anos de pesquisa até chegarmos a conclusão deste trabalho. Entretanto, o assunto não se esgota aqui. Há muito ainda a ser aprofundado em uma nova pesquisa. Stanley Ramos Gusman, um apresentador polêmico que amava o trabalho, cometeu um ato racista, um crime. Mesmo que tenha dito a todos e tentado provar que não era racista, o dissenso estava feito e foi reverberado inclusive no *Twitter*.

O que nos motivou a pesquisarmos sobre as reverberações no *Twitter* foram a rapidez das repercussões bem como a perda de controle delas. Em minutos, as redes sociais do programa Alterosa Alerta explodiram e não se tinha nenhum controle sobre o que era postado nela. Um pedido de desculpas na TV não adiantou. A penalidade imposta pelo Ministério Público de Minas Gerais não adiantou. Gusman foi julgado e condenado pelo *Twitter* com mais veemência e rigor do que em outros fóruns.

Um programa de televisão que faturava milhões de reais por ano, que tinha um público fiel e em crescimento, uma audiência consolidada e que fazia a concorrência se desdobrar para tentar alcançar o mesmo padrão, perdeu tudo em uma tarde, após uma atitude racista e seus desdobramentos. Gusman foi observado e submetido a todas as sanções possíveis no *Twitter*, exemplo claro de uma reverberação transmidiática, em que um assunto acontece em um local e reverbera em outro.

No percorrer deste trabalho vimos, a partir de Braga (2006), como as reverberações podem ser encaixadas no sistema de resposta social, a partir da emissão e recepção referindo-se à interação entre as pessoas. Um processo de comunicação e a troca de informações. Uma atitude de racismo na TV e o sistema de resposta social na sociedade midiaticizada foi rapidamente acionado. Observamos que o dualismo entre mídia e sociedade pode ser criticado, pois por ele a sociedade é vista como passiva – mesmo enfrentando as interferências, é sempre na posição de receptora. Nesse modelo, a mídia é percebida como ativa, na medida em que é ela quem produz estímulos por meio das mensagens. Esses processos bidirecionais não acontecem apenas agora com os aparatos e meios tecnológicos. Para o autor, eles estão presentes antes do advento dos fluxos comunicacionais digitais.

A crítica é percebida de forma natural e intrínseca ao ser humano, segundo Ciro Marcondes Filho (2002). Uma sociedade sem crítica é uma sociedade morta. Ela desempenha um papel importante no debate público e no desenvolvimento do pensamento crítico. A crítica envolve a formulação de juízos de valor sobre diferentes aspectos de uma obra ou fenômeno cultural. Na crítica se busca ir além da simples expressão de opiniões pessoais, analisando e interpretando as obras ou fenômenos culturais em um contexto mais amplo. Também pode

funcionar como um ponto de partida para o diálogo e o debate público. Ao expressar diferentes pontos de vista e perspectivas, a crítica estimula a reflexão crítica e o engajamento com obras culturais, incentivando a troca de ideias e a ampliação do conhecimento.

Passamos neste trabalho também sobre a liberdade de expressão que Stanley Gusman acreditava ter usado de forma livre e sem julgamentos. Vale lembrar que a liberdade de expressão é um princípio fundamental que garante o direito das pessoas de expressar livremente suas opiniões, ideias, crenças e informações, sem interferência ou restrições governamentais ou de outras instituições. É um direito protegido em muitas constituições e declarações de direitos ao redor do mundo, incluindo a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Além de proteger a expressão individual, a liberdade de expressão também é essencial para a democracia e o pluralismo. Ela permite que as pessoas participem do debate público, expressem críticas, compartilhem informações e ideias, e exerçam influência sobre as decisões políticas, sociais e culturais.

Entretanto, a liberdade de expressão não permite suprimir a liberdade e o direito de ser dos outros. Por ela, não se autoriza a discriminação racial, a misoginia e a violência contra as diferenças. A liberdade de expressão não é absoluta e pode ser limitada em certas circunstâncias. Restrições podem ser impostas para proteger direitos fundamentais, a honra, a reputação, a segurança nacional, a incitação à violência, a incitação ao ódio ou a privacidade pessoal.

Embora a liberdade de expressão seja um direito fundamental, reconhecido e protegido em muitos países, existem certas circunstâncias em que ela pode ser limitada ou considerada crime. Algumas situações em que a liberdade de expressão pode ser considerada crime incluem o discurso de ódio, difamação, calúnia e injúria e ameaças e incitação à violência. Ela pode ser limitada quando está relacionada a atividades que representam uma ameaça à segurança nacional, como divulgação de segredos de Estado e conspiração para cometer atos terroristas. Stanley não estava isento e nem ileso no respaldado que pretendia ter ao evocar seu direito à liberdade de expressão.

As reverberações no *Twitter* passam ainda pela luta pelo reconhecimento. Sobre a luta pelo reconhecimento vamos ressaltar o conceito desenvolvido pelo filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth (2003). Por essa discussão, entendemos que o reconhecimento social é um elemento fundamental para a formação da identidade e da autoestima dos indivíduos. Refere-se aos esforços das pessoas e grupos para obterem reconhecimento e respeito por parte da sociedade em que estão inseridos. Aqui se trabalhou o conceito de reconhecimento, mostrando como grupos desvalorizados ou excluídos, que tiveram sua condição de ser

depreciada no programa de televisão, reagiram de forma contundente. Ao buscar o reconhecimento, os indivíduos e grupos visam não apenas à igualdade de direitos e oportunidades, mas também ao respeito e à valorização de suas identidades e contribuições na sociedade.

O racismo não só é um modo injusto de negar os direitos de uma pessoa com base em raça, como é um ato contra a coletividade e não contra uma pessoa específica, mas contra um grupo. O Inciso 42 do Artigo 5º da Constituição Federal diz que racismo é crime inafiançável e imprescritível. “Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa.” (BRASIL, 1988).

Passando por referências e conceitos, chegamos em nosso trabalho no que nos trouxe até aqui, os *tweets*, o fato em si. O programa Alterosa Alerta apresentado pela afiliada do SBT em Minas, a TV Alterosa, é um programa de entretenimento. Para classificá-lo dessa maneira, abordamos a diferença entre um programa jornalístico e um de entretenimento até chegarmos a classificação de infotenimento. Como programa jornalístico, a função é de informar e entretenimento é divertir. Os programas jornalísticos desempenham um papel fundamental na sociedade, pois são responsáveis por investigar, relatar e analisar os acontecimentos atuais, buscando fornecer ao público uma compreensão mais completa e contextualizada dos fatos.

Já os programas de entretenimento têm a função de proporcionar diversão e escapismo para o público. Ao contrário dos programas jornalísticos, com um enfoque informativo, os programas de entretenimento são criados para entreter e cativar os telespectadores.

Depois de estudarmos os conceitos de jornalismo e entretenimento e, neste caso, aplicado em programas de TV, podemos estudar em uma terceira classificação, um terceiro tipo de programa, o infotenimento. É o jornalismo em que ocorre a mistura de informação e entretenimento. Um programa de infotenimento é um formato de programa de televisão ou mídia que combina elementos de informação e entretenimento.

No trabalho, mostramos que esse tipo de programa busca fornecer ao público informações e conhecimentos relevantes de uma maneira atraente e envolvente, misturando elementos informativos com elementos de entretenimento. É uma combinação das palavras "informação" e "entretenimento". Os programas desse tipo têm como objetivo principal educar e informar o público sobre uma variedade de tópicos, ao mesmo tempo em que os mantêm entretidos e interessados.

Eles costumam abordar assuntos atuais, eventos sociais, questões culturais, ciência, tecnologia, saúde, estilo de vida, entre outros temas. Eles podem utilizar diferentes formatos,

como *talk shows*, documentários, *reality shows*, *game shows*, programas de variedades e revistas eletrônicas. Esses programas muitas vezes incluem entrevistas com especialistas, demonstrações práticas, histórias inspiradoras, experimentos, desafios, segmentos de humor e interações com o público. Eles buscam envolver o público de forma ativa, educando e informando ao mesmo tempo em que entretém. E o Alterosa Alerta era fielmente um programa de infotenimento.

Chegamos a uma observação de que tudo que ocorreu na TV teve forte reverberação no *Twitter*. Ou seja, o fato que ocorreu em uma mídia, a TV e foi parar em outra mídia, o *Twitter*, apresentando-nos um fenômeno transmidiático. Esse termo se refere à prática de contar uma história ou transmitir conteúdo por meio de múltiplas plataformas e mídias. É a estratégia de expandir a narrativa ou o universo de uma história em diferentes formatos, como filmes, séries de televisão, livros, quadrinhos, jogos de vídeo, *websites*, mídias sociais e outros meios de comunicação.

A abordagem transmídia visa envolver o público de maneira mais profunda e imersiva, permitindo que ele explore diferentes aspectos da história ou do conteúdo através de diferentes plataformas. Cada mídia ou plataforma contribui com elementos complementares e amplia a experiência do público, fornecendo novos *insights*, detalhes ou perspectivas da narrativa.

Depois desses estudos, chegamos a análise de 323 *tweets*. Como foi dito, essas mensagens começaram a ser publicadas na página do *Twitter* do Alterosa Alerta, minutos depois do ato racista no programa TV. Quase que imediatamente as reações começaram no *Twitter*. A partir desse material, o que motivou a pesquisa foi querer conhecer os tipos de *tweets* que em fração de segundos ganharam uma proporção que não era mais controlada nem pelo apresentador, nem pela direção do programa e nem pela coordenação da emissora. A partir da reunião dos *tweets*, observamos, classificamos, categorizamos e analisamos o fenômeno de comunicação em torno do acontecimento racista. O propósito era entender e ver quais eram essas reverberações, de que maneira elas apareceram, com qual frequência, e por fim, como foi o comportamento no *Twitter*. Essa foi a rede escolhida para a análise das reverberações, por ser um espaço público onde as pessoas podem se expressar livremente e discutir diversos assuntos, tornando-se assim um ambiente rico para análise de temas contemporâneos, como política, cultura, sociedade, entre outros.

A partir disso, categorizamos os *tweets* em cinco grupos: *Reação ao ato racista*; *Relação do fato como contexto político brasileiro*; *Relação com o posicionamento do repórter ao vivo frente ao ato do apresentador*, *Defesa do apresentador frente ao ato racista*

e *Reações com palavras e agressões*. Essa classificação atendeu aos principais tipos, relevância e importância dos *tweets*. Após a análise, podemos concluir que as pessoas reverberaram nas redes sociais no caso do racismo, em um momento em que existe uma crescente conscientização e mobilização em torno das questões raciais. Considerado crime, o racismo é um histórico problema social brasileiro. De consequências profundas na vida de quem sofre essas práticas sistematicamente, afetando negativamente a vida e o bem-estar de milhões de pessoas num país de maioria não branca.

Nos últimos anos, tem havido um aumento na visibilidade e discussão sobre as desigualdades raciais, as injustiças e os preconceitos enfrentados por pessoas racializadas em várias sociedades. Isso tem sido impulsionado eventos, movimentos e campanhas significativas, como o movimento como o *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), protestos contra a violência policial, divulgação de casos de discriminação racial e amplificação de vozes de ativistas e defensores dos direitos civis. Neste trabalho, podemos perceber a luta contra esses atos no episódio do apresentador Stanley Gusman, que em tempos passados eram considerados brincadeiras, mas agora não são mais permitidos e nem tolerados.

As redes sociais desempenham um papel crucial nessa amplificação de vozes e na disseminação de informações. Elas permitem que as pessoas compartilhem experiências pessoais, relatem casos de racismo, debatam questões raciais e apoiem uns aos outros. Além disso, as redes sociais também podem desafiar narrativas prejudiciais e oferecer uma plataforma para que sejam compartilhados conhecimentos, recursos e iniciativas de combate ao racismo.

As pessoas estão usando as redes sociais para expressar sua indignação e frustração em relação ao racismo, além de buscar justiça e mudanças sociais. A disseminação de informações e histórias sobre racismo contribui para conscientizar um público mais amplo e gerar discussões sobre o tema. Também pode incentivar ações individuais e coletivas para combater o racismo em diferentes esferas da sociedade, incluindo o campo político, institucional e pessoal.

As redes sociais têm a capacidade de amplificar as vozes marginalizadas, permitindo que as pessoas compartilhem suas experiências e perspectivas sobre o racismo. Isso ajuda a criar empatia, solidariedade e a formação de alianças entre diferentes grupos e comunidades.

Vimos que pessoas que não se conheciam se uniram para combater o racismo independentemente de se conhecerem ou não, pois elas tinham e têm a mesma luta. Além disso, as redes sociais também têm o potencial de pressionar as instituições e líderes a enfrentarem o racismo e adotarem medidas efetivas para combater a discriminação racial. Isso

funcionou no caso de Gusman. Tanto no que se refere à direção da emissora quanto nas questões legais em ações nos Ministérios Públicos Federal e Estadual, o apresentador foi condenado.

No entanto, é importante lembrar que a luta contra o racismo não se limita apenas às redes sociais. Ações tangíveis, como educar-se sobre questões raciais, apoiar organizações antirracistas, participar de protestos, votar em candidatos comprometidos com a igualdade racial e promover mudanças estruturais são igualmente cruciais. As redes sociais podem ser um meio poderoso de conscientização e mobilização, mas é fundamental que essas ações sejam traduzidas em esforços concretos no mundo real.

A luta contra o preconceito é vista como um esforço necessário e legítimo para combater a discriminação, a desigualdade e a injustiça presentes na sociedade. Acredita-se que todas as formas de preconceito, como o racismo, a misoginia, a homofobia, a xenofobia e outras formas de discriminação, devem ser enfrentadas e superadas.

Defensores da luta contra o preconceito frequentemente argumentam que a discriminação e o preconceito são prejudiciais não apenas para os indivíduos diretamente afetados, mas também para a sociedade como um todo. Eles destacam a importância de criar um ambiente inclusivo e igualitário, onde todos tenham oportunidades justas e sejam tratados com dignidade e respeito. E, nesse caso, podemos entender que essa luta envolve conscientização, educação, mobilização social e ações políticas. Busca-se promover a igualdade de direitos, eliminar estereótipos prejudiciais e construir uma cultura que valorize e respeite a diversidade. Além disso, é fundamental combater as estruturas e sistemas que perpetuam o preconceito e a discriminação. O combate ao racismo é uma causa importante e necessária para promover a igualdade e a justiça. Aqueles que se posicionam contra o racismo e confrontam aqueles que o praticam estão agindo em defesa dos direitos humanos e da dignidade de todas as pessoas. É crucial desafiar e expor atitudes racistas, pois isso contribui para a conscientização, educação e mudança social.

No entanto, é importante lembrar que a abordagem para confrontar o racismo deve ser baseada em princípios de diálogo, educação e transformação. Responder à violência com violência ou ao ódio com ódio pode perpetuar um ciclo prejudicial e não contribuir para a solução do problema.

É fundamental promover o diálogo construtivo, educar as pessoas sobre a importância da igualdade e do respeito, além de encorajar a empatia e a compreensão mútua. Essas abordagens podem ajudar a desafiar as crenças racistas e a promover a tolerância e a aceitação em nossa sociedade.

É importante lembrar que o combate ao racismo é responsabilidade de todos. Cada um pode contribuir para criar um ambiente mais inclusivo e equitativo. Isso pode ser feito através da conscientização, da promoção da diversidade e da igualdade de oportunidades, e do apoio a organizações e iniciativas que trabalham em prol da justiça racial. Muitas reações foram violentas no caso do Alterosa Alerta. Aquelas que atacaram o apresentador, sugeriram que ele fosse queimado vivo e ainda morto. Essa é uma luta importante e necessária, pois o apresentador foi racista e sofreu as consequências do seu ato. Poderia até ter tido uma pena mais rigorosa do que a que teve na época. Ao meu ver, foi leve e branda. Entretanto, para enfrentar esse diálogo convoco o pensamento de Francisco Bosco (2017) que nos propõe:

As bombas do linchamento devem ser desarmadas. Para isso, é preciso compreender as dinâmicas de grupos inorganizados nas redes sociais digitais; instaurar uma reflexão sobre as razões políticas para indivíduos estarem sendo expostos, bem como sobre a legitimidade dessas razões e de seus métodos; e ainda criticar os ideários de fundo na origem da percepção subjetiva que leva a muitas denúncias que, por sua vez, conduzem a esses linchamentos. (BOSCO, 2017, p14)

Depois de meses analisando os *tweets*, o que podemos perceber é que o anonimato relativo na internet, incluindo o *Twitter*, pode levar as pessoas a se sentirem mais seguras para expressar opiniões extremas ou agressivas. A distância física também pode diminuir a empatia e a consideração pelas consequências de suas palavras. O racismo é uma questão que desperta emoções fortes e legítimas nas pessoas, especialmente nas comunidades marginalizadas. A raiva, a frustração e a indignação podem levar a respostas agressivas como uma forma de expressar essas emoções.

O *Twitter* é conhecido por suas dinâmicas de polarização, em que as pessoas se alinham em lados opostos de um debate e se engajam em confrontos verbais. Essa polarização pode levar a respostas agressivas no combate ao racismo, com pessoas atacando e deslegitimando as opiniões dos outros. O formato curto das postagens no *Twitter* pode levar a mal-entendidos e comunicação limitada. A falta de contexto e nuances pode aumentar a probabilidade de respostas agressivas, pois as pessoas podem interpretar erroneamente as intenções ou o significado das mensagens.

Assim, finalizamos o trabalho, identificando o importante desafio de pensar a comunicação e suas variadas possibilidades de produzir sentidos. O caso Gusman suscitou muitas reflexões e descaminhos, ainda que ele insistisse em uma retratação impossível depois que suas palavras circularam além do lugar habitual de sua audiência cativa. Esperamos que nosso esforço contribua com outras indagações em torno desses fenômenos, cada vez mais frequentes, nos conflitos que proliferam e se atualizam na sociedade midiaticizada.

REFERÊNCIAS

- ARBEX JR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BELTRÃO, David K. **O processo de comunicação – Introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BELTRÃO, Luiz Folkcomunicação. **Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e pressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BOLTANSKI, Luc. **On critique: A Sociology of emancipation**. Cambridge, United Kingdom: Polity Press, 2011.
- BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro**. Todavia. 2017.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da comunicação**. Verso e Reverso, XXV, janeiro-abril 2011.
- BRAGA, José Luiz. **Das interações sociais aos processos críticos. A sociedade enfrenta sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: Uma política do performativo**. São Paulo: Unesp, 2021.
- BUTLER, Judith. **O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault**. Tradução de Gustavo Hessmann Dalaqua. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 22, p. 159-179, recuperado de <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/59447>, 2013.
- BYRNE, Emma. **Dizer palavrões faz bem. A incrível ciência do calão**. São Paulo: Planeta, 2018.
- CABRAL, Fernanda Alves Ramos. **Pensando o fã e o consumo: dinâmicas e relações em franquias transmidiáticas**. Signos do consumo, 2019.
- CAREGNATO, Rita; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. *Texto Contexto Enferm*, v. 15, n. 4. out-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- COSTA, Caio Túlio. **Ética, Jornalismo e Nova Mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COSTA, Maria Cristina Castilho; SOUZA JUNIOR, Walter de. **Censura e pós-censura: uma síntese sobre as formas clássicas e atuais de controle da produção artística nacional.** Políticas Culturais em Revista, v. 11, n. 1, p. 19-36, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/pcr.v11i1.28154>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

COSTA, Maria Cristina Castilho; SOUZA JUNIOR, Walter de. **Censura e pós-censura: uma síntese sobre as formas clássicas e atuais de controle da produção artística nacional.** Políticas Culturais em Revista, v.11, n.1, p.19-36, 2018.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornalismo.** São Paulo: Summus Editorial, 1996.

DUARTE&BARROS, **Metodos-e-Tecnicas-de-PesquisaEm Comunicacao,** Atlas, 2005.

FENAJ. **Manual de Ética e Legislação em Jornalismo.** Brasília. 2020.

FERNANDES, G.M.; WOITOWICZ, K.J. **A mentalidade censória de Rogério Nunes tematizada no jornalismo impresso dos anos 1970.** Galáxia, n.46, 2021, pp. 1-18.<http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202148462>

FERNANDES, Guilherme Moreira; WOITOWICZ, Karina Janz. **A mentalidade censória de Rogério Nunes tematizada no jornalismo impresso dos anos 1970.** Galáxia, v. 46, n. 46, 2021, p. 1-18, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202148462>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. **“Prezada Censura”: cartas ao regime militar.** Topoi, Rio de Janeiro, p. 251-286, dez. de 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X003005011>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica? Crítica e Aufklärung.** Espaço Michel Foucault. Brasília, Universidade de Brasília, 1990. Disponível em: <www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

FRANÇA, Vera. **Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação.** MATRIZES, v. 8, n. 2, jan/jun, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p101-116>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

GLOBO, História da. Disponível em: (<https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/empresas/noticia/tv-globo.ghtml>). Acessado em 20 de dezembro de 2022.

HOHLFELDT, Antônio MARTINO, Luiz C et FRANÇA, Vera Veiga (org). **Teorias da comunicação.** Conceitos, escolas e tendências: Vozes, 2001.
<https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/empresas/noticia/tv-globo.ghtml>

JAGATIA, Anand, e Cathy Edwards. **"Por que falar palavrão nos dá uma sensação tão boa?"** BBC World Service, 8 de junho de 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

LASSWELL, Harold et KAPLAN, Abrahan. **Poder e sociedade**. Brasília, UnB, 1979.

LERY, Júlia. **Não é só uma piada**. Ed. PUC Minas, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. Mediaticriticism ou o dilema do espetáculo de massas. In: PRADO, Aidar. **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARTIN-BARBEIRO, J. **De los médios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador: Edufba, 2007.

MATTOS, Maria Ângela. **Voltar à comunicação: perspectivas etimológicas e epistemológicas do termo**. Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos. COMPÓS, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. **O pensamento e a imaginação no banco dos réus: ameaças à liberdade de expressão em contexto de golpe e guerras culturais**. Políticas Culturais em Revista, v. 11, n. 1, p. 37-59, jan/jun, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/pcr.v11i1.26804>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. O pensamento e a imaginação no banco dos réus: ameaças à liberdade de expressão em contexto de golpe e guerras culturais. Políticas Culturais em Revista11(1): 37–59, 2018.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A Espiral do Silêncio: Opinião Pública - nosso tecido social**. Estudos Nacionais, 2017.

PAGANOTTI, Ivan; SOARES, Rosana. **A meta para a crítica da/na mídia em abordagens metacríticas**. MATRIZES, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-153, set. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i2p131-153>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

RIBEIRO, Djamila, **O Pequeno manual anti racista**. Companhia das Letras, 2019.

RONSON, Jon. **Humilhado** - Como a era da internet mudou o julgamento público. Best Seller Ltda. 2015.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da Comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998.

SAFATLE, Wladimir. **Por uma ética do reconhecimento**", "Máquina de guerra: Nietzsche e a política". Três Estrelas. 2009.

SANGLARD, Fernanda Nalon et al. Imprensa e ditadura. In: **Memórias da repressão: relatório da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: MAMM, p. 132-163, 2016.

SANGLARD et al. **Arte que critica, política que censura: episódios de patrulhamento da crítica política**. Anais XXX Encontro Anual da Compós, 2021.

Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2021/trabalhos/arte-que-critica--politica-que-censura--e-pisodios-de-patrulhamento-da-critica-politica>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SANTAELLA, Lucia e Renata Lemos. **Redes Sociais digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.

SENA, Ercio; GUSMAN, Juliana. **Embates e repercussões midiáticas de uma crítica radical: desafios da esquerda marxista na Internet**. In: Anais do 30º encontro anual da COMPÓS, 2021, São Paulo. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/embates-e-repercussoes-midiaticas-de-uma-critica-radical--desafios-da-esquerda-marxista-na-internet>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SILVA, Juremir Machado. **A morte do interlocutor: por uma crítica irônica da mídia**. In: PRADO, Aidar. **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

TÁRCIA, Lorena, **Brazilian Journalism Research, Convergência e Transmídia, galáxias semântica e narrativa emergentes em jornalismo**, 8 - N 1 - 2012.

Links tweets: <https://bit.ly/3pYrsp>

Fala racista: <https://bit.ly/3Mn7YjM>

Nota de repúdio: <https://bit.ly/3oo52eO> Stanley pede desculpas: <https://bit.ly/3Wg1PKZ>

APÊNDICE A – TWEETS TRANSCRITOS

Seguem abaixo os 323 *tweets* transcritos na íntegra:

- Pedro. (hmcpedro). “Aparentemente o racismo foi liberado na TV aberta. Stanley Gusman, apresentador de programa da TV Alterosa, afiliada ao @SBTonline de Minas Gerais”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Raul. (r4uld). “@SBTonline racismo em plena tv aberta”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Marcelo. (marcelo10pegado). “Programelhos desclassificados com apresentadores sem preparo. Dá nisso. Lamentável!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (va_olliver). “Meu Deus é demais pedir pra ser surda nessas horas?? Não é só ignorância saindo da boca desse homem que é assustador, o caráter e a forma que ele expõe de modo tão pejorativo as idéias racistas dele é apavorante”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
- Orion, Andre. (eusouorion). “Infelizmente, a eleição de 2018 abriu caminho para uma era do retrocesso nunca visto antes. Racismo, fanatismo religioso, radicalismo político, misoginia, etc, etc, etc. Isso em qualquer mídia, Internet, etc. Abrimos a caixa de Pandora”. 11 de Julho de 2019. Tweet
- Ninja, Midia. (MidiaNINJA). “RACISMO NA TV! Alguém avisa pra ele que é crime? “O nome do cara é Montenegro! Se ele fosse do bem, seria Montebranco”, Stanley Gusman, apresentador de programa da TV Alterosa, afiliada ao SBT de Minas Gerais”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Silva, Maisa. (maisa). “Q absurdo esse negócio do Montenegro e montebranco. Q atitude deplorável”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Jonas. (MJonas2407). “Sem novidades, né! Estou num país onde o racista tem sempre uma chance para trabalhar nos meios de comunicação”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ferreira, Ana. (Ana_do_Shiatsu). “montedemerda cagando pela boca com o seu quáquejar sinistro”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Costa, Fabio. (Fabio_CostaRJ). “Racismo aonde??? É muito drama”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Fatima. (Fatima42324330). “Ato falho , o Cara não é racista só ignorante . Parem de atacar seu COVARDES”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (pirukey). “#fogonosracista”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
- (otaldebochado). “O nome do dono do Ibope é Montenegro, se ele fosse do bem,

seria Montebranco” QUEM É ESSE RACISTA QUE APRESENTA O “ALTEROSA ALERTA”?”. 9 de Julho de 2019. Tweet.

- Santos, Geisi. (geisivaniasantos). “Qndo falo que temos que tacar fogo nos racistas me chamam de extremista, que estou incitando a violência”. 9 de Julho de 2019. Tweet.
- Elbbya. (elbbya). “Pütz, está difícil respirar nesse país. Estou cada dia mais desesperançosa”. 9 de Julho de 2019. Tweet.
- Paschoa, Ricardo. (ricardopaschoa). “Racismo típico do "cidadão de bem"”. 9 de Julho de 2019. Tweet.
- Teodósio. (teodosiorr). “FOGO NO RACISTA”. 9 de Julho de 2019. Tweet.
- Graciane, Paula. (paulagraciane). “Não tenho nem adjetivos pra qualificar esse ser!! Mais fica explícito que ele não merece ser chamado de ser humano!”. 10 de Julho de 2019. Tweet
- Rosa, Liliane. (LilianeRosa). “Tenho asco desse canalha. Ele tem influência sobre os mais simplórios. Tem um programa na TV. Que nojo!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Nefertari, Tati. (TatiNefertari). ““O nome do cara é Montenegro, se ele fosse bom seria MonteBRANCO" essa foi a fala de Stanley Gusman, apresentador do SBT em MG. Acho q Gusman quer ganhar uma promoção como o William Waack e se tornar ancora da CNN né, pq racista por aqui ganha recompensa quando devia ganhar fogo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ferreira, Cássia. (Cassia_FAndrade). “Stanley Gusman é a maior desgraça do jornalismo mineiro”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pereira, Thais. (thaispereira). “Racista! Stanley Gusman é um típico cidadão de bem. Racismo é crime!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (expectlaurenn). “que vergonha”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Badenes, Vinicius. (ViniciusBadenes). “Ja foi demitido?”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Wolgrand, Warley. (warley_wolgrand). “Manda embora”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (Paneba). “É um nojento esse apresentador”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Tycia. (Tycia45213138). “As pessoas brancas me dão nojoo”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (nisakata). “Racista fdp!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Lima, Edna. (ednalimaenf). “Imbecilidade é o nome?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- (artegeerais). “São os formadores de opinião dos Bolsomion, meu Deus que país é esse que o Senhor me colocou”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ramos, Fabricio. (fabricioramoss). “Crime e ponto final.”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Alex. (BixaRevolts). “Cadeia nele”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Oliveira, Camilo. (CamiloOliveir14). “Deixa de ser chato! Pára de ficar patrulhando tudo&todos! Vai se tratar! Vai ser feliz! Sai dessa fossa tóxica!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Luciane. (LucianeFss). “E o senador da República Carlos Viana, amigo de emissora vai defendê-lo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (helcamba). “Um grande fdp”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pimentel, Lucineide. (LucineidePimen2). “Que horror, meu Deus!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (elsflamengo). “Esse aí já deve tá mandando currículo kkkk”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Simão, Ronaldo. (SimaoRonaldo2). “Cara babaca.”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (ttprabrana). “Nojoooo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Abreu, Omero. (Omerodeabreu). “Olha só o que disse o "MontedeBosta". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (teen_bruno). “Isso é crime, meu querido! Não sabia?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pasqua, Priscila. (pasquapriscula). “Nojo dessa corja racista que está em todos os espaços de poder em nosso país”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Lincoln, David. (licolndavid13). “Novidade nenhuma. "SBT"”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Didona, Maria. (didonamaria). “pro RH do SBT ser racista eh fundamental”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Palermi, Raquel. (rpalermi). “Péssimo. Babaca. Escroto”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Loureiro, Luciano. (H1st2r34). “Racismo NÃO é crime?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Enilton, Lucio. (eniltonlucio). “Tremendo babaca esse apresentador!!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (RickyWill0309). “PQP!”. 10 de Julho de 2019. Tweet
- Paiva, Jessica. (JesiicaPaiiva). “Um imbecil”. 10 de Julho de

2019. Tweet.
- Paloma. (badgallomaa). “Escroto do caralho”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (hacker_aqui). “@SBTonline @No_SBT aguardando uma posição!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Cirilo, Lucas. (lucascirilonews). “E agora começa o assassinato de reputação”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Felipe, Marcos. (malataken). “Vamos denunciar?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Marcela, Janice. (JaniceMarcela). “Nossa, que vergonha. Até o reporte ficou constrangido”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - Leite, Beatriz. (beatrizlleite). “Que nojo!”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - Negreiros, Fernanda. (nandanegreiros). “E o meu q tem Negreiros... aposto q ela ia dizer q sou de uma seita satanica! Quanta ignorância em plena tb aberta”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - (MaschioRS). “Vergonha?”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - Catarine, Pamela. (pamelacatarin3). “Eita caralho”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - Clarice. (Clarice58440484). “Q horror”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - (JADNAXuamae). “Babaca racista, se fu, pq essa merda q ele falou vai viralizar”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
 - Iara. (adestemidaiara). “Esse apresentador é podre!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Daniela. (PraTaDaniela1). “Putz! Que vergonha!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Campos, Marcio. (MARCIOCAMPOS56). “Sistema Bolsonaro de televisão, tá explicado”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (janiojfer). “A palavra negro é usada erroneamente no Brasil, basta ver as traduções do inglês: Dark significa obscuro e não negro. Obscuro, por sua vez, quer dizer aquilo que é suspeito ou não é bem explicado. Esse apresentador é um Dark Man”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Ortega, Lucas. (LukinhaOrtega). “Que babaca!”. 10 de Julho de 2019.
 - Tweet. Cardoso, Uener. (UenerBhenois). “Vergonha”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Conceição, Karla. (karelima13). “Absurdo! Racista!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Santos, Renê. (ReneSouzaSant1). “É cada absurdo nesse país !!!!! Ainda se tem que mudar muita coisa!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Neves, MR. (mrneves). “Este Stanley entra com o programa dele logo após o Alterosa Esporte, um programa, diga-se, até divertido, que sempre tem Dadá Maravilha e Jair Bala. ícones. Há uma chamada de transição entre os programas, e, sempre senti desconforto nas chamadas. Cara nojento este Stanley”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Silva, Eliabe. (EliabeSilvaLa). “<ironic>NÃO EXISTE RACISMO NO BRASIL</ironic>”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (dhewsamar). “Nada mais me impressiona nesse País! "Decadência pura em todos os aspectos"”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (t_LeaLL). “Montenegro, montebranco e esse é o montedebosta”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Luan. (luandogueto). “Que vergonha”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (DUH DU32775549). “se o racismo realmente eh crime,...amanha quero abrir os TTs e ler que esse apresentador foi preso por injuria racial ,...senao amiguinhos troquemos o nome de Brasilia para Auschwitz... pq a ideologia de hoje soh perde pros alemaes da segunda grande guerra mundial...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Homens11hdc). “Filho da puta”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pontes, Andrew. (andrewpontes01). “Sem dúvida um ser humano píffio. Espero q o @SBTonline tome providências”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Silva, Victor. (silvaphvictor). “O SBT contratou aquele Marcão do Povo quando ele ficou famoso por cometer racismo. Mais fácil esse aí ganhar uma promoção”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Fernando. (fernando_gabiru). “Depois a gente fica se perguntando como o Bolsonaro chegou ao poder. Olha a nossa imprensa. É deplorável! Os fascistas saíram do armário. Não têm mais pudor algum em externar os seus preconceitos!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Atrio. Nildo. (nildoatrio). “Engano seu... totalmente diferente ! Bolsonaro ganhou porque o país foi pilhado por uma quadrilha disfarçada de partido político”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Marinho, Jonathan. (JMarinho). “Um dia comum na vida de um "cidadão de bem". 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Drumond, Ed. (ed_drumond). “Rumos que tomam a nossa sociedade? Isso é deplorável, porém não estão rumando de agora, isso vem uma longa data, eu sofri racismo em 2006, 2008, 2010 e 2019!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Drumond, Ed. (ed_drumond). “Mauro, eu vejo uma grande constância de racismo na sociedade e, infelizmente, não vejo nada mudando para existir uma melhora a curta, médio e até mesmo longo prazo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Sindra, Raphael. (RaphaelSindra). “Parece que o racismo, agressão a mulher entre outras coisas começaram no Brasil após a eleição do presidente o Brasil vive isso a décadas! Não há retrocesso é nem mudança. só continua ano após ano!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (CCPJ2018). “Pronto> vamos processar todos os produtores de Star Wars!. O lado negro da Força é racismo, pq se referem ao que há de ruim, inimigo. puta lacração !!! interpretam da forma que querem”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Barauna, Renato. (barauna_renato). “Caralho... você é burro mesmo heim... não há interpretação que ajude o idiota racista que cometeu esse disparate. não tem mas”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Kleber. (Kleber1952). “Existia o lado branco da força? Fazendo contraponto ao lado negro(ou lado sombrio) caracterizando um como bom ou mal por causa das cores, como o racismo do apresentador? Você não pode ser tão burro pra achar essa sua comparação séria”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Silva, Riva. (rivadavillan1). “O que tem haver preconceito com política ??? Me ajuda aí”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Maggie57240106). “O atual presidente do Brasil por inúmeras vezes ja foi flagrado em comentários ofensivos, racistas, homofóbicos, ...e esse não pode ser o pensamento de um presidente. Nem de um ser humano. Ja passou e muito o tempo dessa herança maldita acabar. Você não acha?”. 11 de Julho de 2019. Tweet.
- Cavalcante, Leonardo. (tabletdanajila). “Meu Deus. É um retardado”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Alves, Frederico. (FredAlvees). “Quando um político é claramente preconceituoso e racista, tem sim!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (MAT_MENGO). “a palavra "negra" nao se atribui a só cor e raça, existem coisas como "magia branca" e "magia negra" energia negra, a escuridao é algo negativo em diversos sentidos, nao to defendendo nao, mas ficar apontando o dedo é foda”. 10 de

Julho de 2019. Tweet.

- Mendes, Victor. (VictorMendeseM1). “ta aí o exemplo do racismo, branco é alegria, paz, esperança, negro smp foi o mal, o ruim de tudo e coisas do tipo...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (tatto_dom). “Desde que o mundo eh mundo lado sombrio, obscuro e etc... eh igual as trevas Mas o mimimi impera”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Dgua, Jefferson. (jeffersondgua). “Nossa cultura e formada por Caucasianos, Asiáticos e Afrodescendentes. Pela sua fala fica claro mesmo o rumo que país está tomando”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (MarceloThuagg). “Vou tentar explicar uma coisa, negro foi um termo dado a pessoa de pele PRETA ou seja um termo pejorativo. Nossa cultura é racista. As raças humanas são formadas por Brancos, Amarelos e Pretos. Negro por si só é negativo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Gustavo, Luis. (gustavoraiz). “Pqp mano....certíssimo !!um comentário sensato !!! Como essas pessoas de hj se deixam influenciar ...qualquer coisa é ser racista...eu também enxerguei por esse lado...e não sou nenhum racista e tenho ctz q vc tbm não”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ferreira, Eduardo. (edufila07). “Cara, isso é tão óbvio. Mas essa gente só pensa em lacrar, mesmo que seja assassinando a reputação de um pai de família”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (alissoncuicui). “Vai tomar no cu”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Almeida, Marcelo. (Marcelo73656494). “Ser preconceituoso é algo individual, não tem nada a ver se for eleitor de A ou B. Só te falo uma coisa: Estereótipos são características de preconceituosos, então pare com essa coisa de "eleitores do Bozo". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Campos, Thales. (Thales_campos). “Quando eu falo “fogo nos racistas” me criticam. ”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Franca, Renato. (renatofrancaweb). “Amigo, não vim ao mundo para fazer média ou conta mentira. Há muitos negros preconceituosos. O que quero dizer é: A sociedade se respeita menos a cada dia. E quanto ao episódio do video: Puta deselegância! Sem graça e ofensivo...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Marcio. (m9egito). “Este @maurocezar é um verdadeiro babaca . Se ficasse na postagem seria excelente , mas teve que comentar e colocar culpa no governo que está apenas iniciando um trabalho . Apresentador de merda e jornalista que gosta de

- aparecer sem fazer um jornalismo honesto”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Teixeira, Maria Jose. (MariaJosRTeixeir). “Babaca é uma pessoa q tem acesso a internet não constatar que o racismo, a homofobia e o feminicídio aumentaram muito nesse ano”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Guilherme, Paulo. (PauloGu70030190). “O presidente do Brasil disse que não existe racismo por aqui, no programa da Luciana Gimenez”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Reis, Daniel. (artemis_dr). “E o pior de tudo foi ela concordando”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Badaui, Fernando. (fbadaui). “Mais um racista lixo botando pra fora aquilo que milhares de pessoas nesse país injusto pensam, cagando para as consequências, claro”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Silva, Rafael. (Rafaelgonca87). “Já diz o @CesarMc027 o ser humano é o câncer do planeta...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Barros, Denatiel. (Denatiel). “O Brasil tá retrocedendo é em tudo amigo, não só na questão social. Vc está vivendo onde? Nos Estados Unidos?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Ricaldoni, Caio. (caioricaldoni). “Adivinha de quem esse cidadão de “bem” é fã e idolatra no Twitter?! Um doce pra quem acertar...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Dias, Wellington. “Bom dia Mauro, não vi o programa é nunca ouvi falar do apresentador. Será que ele não se referiu ao " negro" no mesmo sentido de " humor negro , caixa preta, magia negra ...””. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 -
 - Spínola, Olga. (Olgaspinola). “O pior é ver como ele fica confortável com o que disse, tanto que repete, como se fosse uma máxima, enquanto o repórter está visivelmente constrangido. Criatura desprezível que se acha superior. Cadeia nele”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Torres, João Paulo. (JooPauloTorres5). “Em quem será que ele votou?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Andrade, Lucas. (LucaseThalita). “Ainn agora a culpa é do presidente??? A so faltava essa”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Mellper, Gustavo. (GustavoMellper). “Que absurdo!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Jullian, Olivaz. (julianodso). “Até o próprio repórter ficou sem graça”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (F_prud). “É quando falo que a imprensa tem de ser totalmente imparcial, comentar

como faz @andrizek @maurocezar e outros, vendo os fatos como o são....”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Moraes, Julio. (j_mmoraes). “Repórter tem q ter opinião, @andrizek tem a dele, respeito e compactuo de muitas coisas q ele diz, agora o chamar de imparcial, vc ta demais, nem ele se acha imparcial”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Tavares, Dirceu. (DirceuTavares16). “É sempre assim irmão! Às pessoas kerem sempre relativizar e vão levando o povo na lábia d q foi mal interpretado! Tnc... um Lixo um cara desse! Lixo!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Teixeira, Rafael. (RfTeixeira). “A ascensão do Bolsonaro, libertou toda essa gente que tinha esse preconceito guardado. PSL elegeu muita gente com o discurso de ódio, com racismo e tudo. Muitos falam em nome de Deus, falam em defesa da família e bons costumes. Acho que é um caminho sem volta”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pain, Marcelo. (MarceloPain). “Perguntaria meu avô: o que tem a ver o c* com as calças?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Falcão, Osvaldo. (Osvaldofalcao). “@vitoroliveirapb”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Oliveira, Vitor. (vitoroliveirapb). “Repórter sabe nem o que fazer, véi. Coitado”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Araújo, Renato. (araujors). “@adeboramarianoveja!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Mariano, Debora. (adeboramariano). “O velho racismo velado, aquele racismo que é transvestido de brincadeira, o que ninguém vê ... Um câncer em metástase na sociedade brasileira”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ribeiro, Jose Luiz. (joseluizribeir2). “@MiguelitoE5”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (MiguelitoE5). “Kkkkkkkkkkkkkkk o melhor é a cara do repórter na hora do “Nossa””. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Paulo, Anderson. (AndersonPaulo87). “Que bosta”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Guerra, Alisson. (Alissonguerra). “Mano, entendi a piada, Penso eu que ele nao disse por causa da cor, Mais sim Negro relacionado a lado escudo das coisas!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Cafundó, Rodrigo. (rp_cafundo). “Triste demais, Maurão. Estão legitimando comportamentos que a sociedade já havia extinguido. Retrocesso absurdo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Schappo, Aurelio. (aurelio_schappo). “Nojo de uma cara desses. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Lima, Andre. (andrelima77). “Filho da puta! Racista de merda! Continuo com a

minha tese nada científica da "Síndrome do Pau Pequeno". Só isso justifica racismo hoje em dia". 10 de Julho de 2019. Tweet.

- (MeDaUmaLaranja). "Tbm penso a mesma coisa". 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (nmespqtoperdido). "caraí borracha @eae_cabs". 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Lucas. (eae_cabs). "ao vivaaassooooo kkk". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Sá, Francisco. (xicosa). "q horror, amigo". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Oliveira, Saulo. (Saulo993) "@leomarques008 o processo já tá rolando?". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Marques, Leonardo. (leomarques008). "@MPMG_Oficial". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Lucena, Lucas. (lucasdlucena). "@luccareiss@KalaniSoriano@davisfgomes". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Reis, Lucca. (luccareiss). "Krlh kkkkkkkkkkkkkk". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Mxguilx_B13). "Mas e ai, ele foi demitido? Claramente teve uma atitude racista onde o repórter se sentiu envergonhado com o ato. Ja diz Djonga: "parece que liberaram o preconceito, pelo menos antigamente esses cuzao eram discreto" "fogo nos racistas"". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Brandt, Miguel. (MiguelBrandt22). "E esse tal de Jesus q n volta? Tá difícil aguentar mais tempo nesse mundo". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (EScherer1988). "Eu sou ateu, mas é aquele comentário que vc vê e fala "meu deus" hahahaha. Gente que pessoa bizarra". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Vinicius, Marcos. (vinny_2k). "Pqp que racista filho da puta!". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Denicol, Lucas. (LDenicol). "Que caminho sombrio estamos trilhando. O preconceituoso não tem mais medo de nada, virou terra sem lei. Cadeia para esse infeliz!". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (hkfreestyle). "@stanforindie olha essa desgraça". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (shelryyy). "eu vi e minha reação foi a mesma do repórter: sem noção". 10 de Julho de 2019.
- Santos, Ilton (itonsants). "adianta falar que foi uma piada?"c10 de Julho de 2019, Tweet

- Gomes, Edison. (EdisonGomes19). “Adianta falar que não tem graça?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Gonçalves, Thiago. (tgpereira1). “Essa é a treta @alpoimrodri”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Romulo. (Alpoimluiz). “O tt está indisponível!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (UrubuUnited). “Magia negra é vista como coisa boa ou má? Quanta hipocrisia...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Andrade, Lucas (LucaseThalita0. "Mundo tá chato pra caralho. Ainn nao pode isso nao pode aquilo"" 10 de julo de 2019. Tweet
- Matheus. (math_moskito). “Que ridículo, racismo na cara dura”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (jhowNasciment). “Não é possível cara! Puta que pariu”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (batigol_07). “@PauloDelMenezzi”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- D’el Menezzi, Paulo. (PauloDelMenezzi). “Tô blokiado por esse cara não vejo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Barbosa, Italo. (ItaloBarbosa_A). “@isabellycorreia OLHA QUE ESCROTO LIXO”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Correia, Isabelly. (isabellycorreia). “QUE IMBECIL DO CARALHO”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (kubanocrf). “Que imbecil”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pereira, Germano. (Germanopereira). “Bizarro...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Mafra, Gabriel. (GabsMafra). “Racista DE MERDA”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (_chandee). “Tremendo de um idiota”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Almeida, Maria. (_AlmeidaMaria_). Olha isso @Maxsody”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (f4pzz). “Lastro conservador no Brasil é isso aí, voltou a ser legal e engraçado ter preconceitos”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Turma_da_Meota). “Volta que deu merda!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Santos, Lúcio Flávio. (lucio_fisio). “Cadeia nesse vagabundo, racista!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- (vones15). “Quando vejo isso ... menos vontade tenho de voltar para o Brasil”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Lucato, Guilherme. (GuiLucato). “Uma rápida passada no perfil e já se tem noção dos “ideais” que o mesmo defende”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Sertão, Thiago. (ThiagoSertao197). “Aí você vai ler os comentários e sonha tem quem defenda uma atitude cretina dessas. Esse país tá muito na merda, regredindo, na civilidade, a velocidade da luz”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Catunda, Riginauro. (Regiscatunda). “No Brasil o último que fez isso virou presidente, né. Tá fazendo escola!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Souza, Rodolfo. (RodolfoSouza_). “Fui olhar o perfil do RACISTA, nunca falha... mais um "cidadão de bem" e cristão”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Oliveira, Leticia. (leticiaoliveira). “Vivemos tempos difíceis Mauro. A sensação que tenho é que esses babacas sempre existiram. Mas parece que agora é cool externar esse lado doente. É como se os preconceituosos tivessem ganhado voz. A sociedade brasileira está doente”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ciniro, Eduardo. (Eduardo_Ciniro). “O repórter só conseguiu soltar um nossa”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (OrlandoMacOlive). “Horroroso! Demissão sumária!”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (ThiagoSdeO). “que fdp. retardado é pouco”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Silva, Fernando. (frnando_slva). “E ainda dizem q não existe "esse negócio de racismo" no Brasil. Esse cara aí é um sem noção...a cara do Brasil atual. Lamentavelmente”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Wesley. (Wesley_Ley). “Cidadão de bem, que se fala?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Reginaldo. (reginaldo2511). "Criem seus filhos para não serem racistas, porque estamos criando os nossos para reagir”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Barbosa, Júnior (chicobir). "Bandeira do Brasil , cidadão de bem...pacote completo!. 10 de julho e 2019. Tweet.
- Luciano. (luciano_charme). “De onde saiu esse lixo? Tomara que tome um processo. Canalha!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (gulo 0). "o twitter dele tem o selo de qualidade"" 10 de julho de 2019. Tweet.
- Tweet. (zegugu1:6). "Tem q pegar é na porrada. Fogo nos racistas"" 10 de julho de 2019.

- Tweet. (xandespider). “Que ser mais desprezível”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (subplanet). “E nesta Tv alrerosa ele não é o único. Tem é varios exemplos...”. 10 de Julho de 2019. Tweet
- Nadim, Eduardo. (eduardo_nadim). “O repórter ficou extremamente sem jeito...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Cardoso, Anderson. (anderson6730). “Cadeia pra ele!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Domingos, Marcelo. (MCGOS). “A emissora que mantém esse cidadão no ar é tão igual a ele!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Abreu, Valeria. (AbreuBaa11). “Triste.abominavel”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Cunha, Daniel. (danielcunha81). “Que isso????”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ferreira, Leo. (FisioLeo1). “Mauro, o esgoto está transbordando...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Fiuza, Paulo Cezar. (PauloCezarFiuza). “Lamentável...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Eckartpld). “ele é rico, no máximo vai pedir desculpas e tudo bem, a justiça não pune os riscos”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (GalinhoQuintino). “É um verdadeiro show de horrores!”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (Izhaias). “Mais um imbecil”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Almeida, Jucimara Claudia. (JucimaraClaudia). “Quanta ignorância!!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Farias, Alberto. (Alberto42456937). “Essa é a mídia brasileira”. 10 de Julho de 2019. Tweet. (Eckartpld). “olha aí @djongadorge o que a gente faz?”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (rezemblit_jorge). “Isso ai é um ze buceta”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Gleidson, Victor. (victor_gleidson). “Que idiota. Ainda tá no ar?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Barbara_jc). “Nojo 🤢!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Vasconcellos, José Bento. (zbento). “o interlocutor é o jornalista e deputado Estadual Rafael Martins”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Bárbara. (Barbara_jc). “Que vergonha pra @tvalterosajf @tvalterosabh e pro

- @SBTonline @sbtjornalismo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Lima, Elvis. (ElvisLi83361408). “Infelizmente a Terra ainda está cheia de homens e mulheres desprezíveis como este cara!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (LacyrToto). “Sem comentários”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Pedralino, Marcia. (MarcioPedralino). “A expressão da vergonha alheia na cara do repórter "Nossa!". 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (theMarquinhos). “Racismo escancarado! FOGO NOS RACISTAS!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (Tchelosc). “Que ser desprezível... O repórter ficou contrangido...sem reação... poderia ter soltado um: olha o racismo!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (topdasnovelas). “Isso não é aceitável. Aliás, isso em qualquer país decente deveria implicar em algum tipo de punição, ou pelo menos um pronunciamento. Mas estamos nesse Apocalipse Zumbi”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Murari, Márcio. (subplanet). “Obrigado Mauro. Assim como no caso que tem acontecido no Cruzeiro, tem que vim alguém fora do estado para expor o que acontece aqui em MG. Muito obrigado”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Nadim, Eduardo. (eduardo_nadim). “O repórter ficou extremamente sem jeito...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (tmaaraujo). “Pta esse tipo de trabalho, quanto mais tosco, melhor. E o pior de tudo é que tem audiência”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Romano, Gustavo. (GuRomano1). “Lamentável”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Neves, Vitor. (vitonevez). “@aMoreiraSabino olha ai”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (88Landin). “O mais bizarro, q criticar gente assim virou "coisa de Esquerdista/Comunista" . Como combater o Racismo ou qualquer forma de preconceito virou algo negativo para alguns?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Luciana. (luciana21391289). “Surreal, mas real”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Bezerra, Franck. (franckbezerra). Triste. A sociedade brasileira está involuindo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Elfa, Cristina. (CristinaElfa). “Monstro!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Murteira, Glauco. (GlaucoMurteira). “Ta difícil!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Ramelo, Andre. (andreramelov). “Nossa, que absurdo!”. 10 de Julho de 2019.
 - Tweet. Gabriel. (GabrielPLGUN). “Pqp”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Cavalcante, Will. (7well). “O que estão fazendo que ainda não prenderam esse

- idiota?!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Silva, Riva. (rivadavillan1). “E um kra desse tem um emprego , difícil viu !!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Costa, Vitor. (vcosta_95). “O SBT já está acostumado a ter e contratar profissionais racistas, nada mais me impressiona nesse país”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Sandrin, Fatima. (FatimaSandrin). “Se é negro não é do bem. Racismo puro!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (Leopold92745120). “Ele não se referia a cor da pele do sujeito. Mimimim”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - (carvalhalya). “Esse país sempre esteve no fundo do poço, só que agora perdeu a vergonha disso!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Martins, Luiz. (LouizMcMartins). “o que mais me admira é que quem esta do outro lado é o deputado Rafael Martins”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Rissoli, Gabriel. (gabrielrissoli). “Da pra ver o rosto de desconforto e desaprovação dele... constrangido! Nem sempre quando somos tomados de “assalto” com uma atitude inesperada, conseguimos dar uma resposta na hora! Muitas vezes simplesmente ficamos mudos...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Rianila, Paloma. (PalomaRianila). “Ainda existe esse programa?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Costa, Fabio. (Fabio_CostaRJ). “Racismo aonde??? É muito drama”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Fatima. (Fatima42324330). “Ato falho , o Cara não é racista só ignorante . Parem de atacar seu COVARDES”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Martins, Samuel. (SamuelTMartins). “O repórter no telão, com o microfone, Rafael Martins, é meu primo. Ele acabou de pedir demissão do programa. Esse comentário racista do outro apresentador foi o motivo. Incrível como alguém tem a coragem de falar alguma coisa dessas na TV. Chocado”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Pedrazoli, Lucas. (lucaspedralozi). “fogo nos racistas”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Felix, Andre. (andrephco). “Ufaaaa, achei q eu ia sair desse tweet sem nenhum exemplo de "ódio do bem"”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Carvalha, Lya. (carvalhalya). “Esse país sempre esteve no fundo do poço, só que agora perdeu a vergonha disso!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
 - Marilis, Lenir. (LenirMarilis). “E você seria Montepardo????”. 10 de Julho de 2019. Tweet. (digdigjoyyy). “Montebosta”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Pais, Bruno. (brunopaiss). “acabei de ver isso aaaaa q nojoooooi”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (esdracarlos). “Adivinha em quem ele votou para presidente?” 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Delrage, Illana. (illanadelrage). “sbt? os caras que colocaram slogan da ditadura em 2019? chocada!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pinheiro, Iara. (IaraDalfolo). “Sinto muito mas vou parar de seguir quem retwita ou responde essa corja... Isso serve apenas pra dar visibilidade a eles. Sinto muito mas vou bloquear tbm. Não sou obrigada a ver essas irracionalidades e maldades”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Santacruz, Fernando. (nando_santacruz). “Depois q elegeram Bolsobosta... eh normal defecar pela boca!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Sandra. (sandra98231). “E esse apresentador racista chama se Montedemerda”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- José, Francisco. (fransciscopato). “Falou sem raciocinar, lógico, trocadilho sem graça e que pode virar crime, se a justiça olhar sem dó”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Leonardo. (LBP_81). “É incrível como o SBT se tornou um para-raio que atrai tanta porcarias que se denomina jornalista”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Gabriela. (autoragabriela). “Já é o segundo jornalista racista”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. França, Daniel. (Dann_francaa). “Meu deus do céu”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Cristina, Bela. (bell_a_solis). “Acho q nem Deus na causa viu...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Luna, Suzana. (SuzanaLuna). “É crime. E aí? Dá nada né?! Afff”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Terrão, Vladimir. (vladimirterrao). “Foi preso? Não! Será que faltam provas e testemunhas?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Gabriela. (HGabrielaRM). “Os governantes de hoje pensam exatamente como esse imbecil”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (meiadeptinhos). “Essas coisas me deixam bem triste”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Azevedo, Andre. (andreazevedo). “Gente... Credo”. 10 de Julho de 2019.

- Tweet. (swtexplicit). “SBT sendo SBT”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (_evamota). ““Nossa mãe” o repórter ouvindo a merda que o cara soltou”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Vinicius. (viniciusufrij). “Cidadão de bem”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (AninhaEsperanca). “Racista! Criminoso”. 10 de Julho de 2019.
- Santana, Monique. (Monique21494688). “Até o repórter ficou sem graça. Pena que não teve coragem pra chamar a atitude do apresentador, pelo verdadeiro nome:racista”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (evamota). “Nem sei o q é pior, pq quero comparar com aquelas coisinhas lesas q a gnt tem criança de que tal coisa é do bem e tal coisa é do mal, mas não quero fazer a sanacanagem de comparar esse babaca com crianças” 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (MrtnsLuh). “SBT como sempre com dedo podre pra apresentador”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Máximus, Julio. (juliomaximus). “Vivemos em tempos em que o discurso de ódio, a propagação de todo preconceito, crueldade, se transformaram em liberdade de expressão!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Leite, Luciano. (lucianocslite). “Após a eleição do inominável esse tipo de gente saiu do armário sem o menor pudor ... muito triste”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Coe, Fabiano. (FabianoCoe). “A cara do SBT e suas filiais, com seus bizarros funcionários”> 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (CalabocaGalvo2). “E ainda acha que está sendo engraçado...”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (marcefeitosa). “Canalhice está se transformando em prática jornalística!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Gabriel. (Gabriel6828). “Esse cara é um pilantra de quinta categoria...racista desgraçados”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (Cfranci59840708). “O que um ser ignóbil faz por uns trocos e alguma audiência!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (SaraComenta_). “O repórter e deputado Rafael pediu demissão!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Amaz, Alex. (aaxan). “No SBT este escroto vai receber promoção...”. 10 de Julho de 2019.

- Spagnol, Ení. (EniSpagnol). “Que babaca”.
- Siena, Kino. (ksiena). “Esses imundiças falam essas merdas pq tem quem assiste”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Henrique, Luis. (luishenrique). “@rafaelmartinstv não teve nem coragem de retrucar o cara. Deve ser conivente com o pensamento desse inútil”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (SaabVal). “Nojo!!! Se ele fosse do bem, não veria diferença!”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Lucca. (lucadtc). “Fogo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (sos_plan_et). “Crime inafiançável- jaula pra essa besta”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Elen. (quicckyy). “Sem noção”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Costa, Luciana. (lucianacostade). “Quero q demissão dele agora”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (LeonelFantasma). "nossa, mano". 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Andrezza. (_euAndrezza_). “As afiliadas (e o próprio SBT) são podres, cada estado sofree com estados porcarias”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (TransRenatinha). “Sbesteira!!!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Carlos. (Acarlos87). “Esse é típico ‘cidadão de bem’, branco, elitista e q usa da mídia para expôr seus preconceitos. E depois dizem q preconceito racial é mimimi. Canalhas!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Larissa. (larissa1925). “Ele tentou implacar uma piada mais é tão ruim quanto apresentador!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Romero, Jorge. (JorgeRomeroGM2). “Coitado de quem faz distinção das cores preto e branco, escuro e claro, negro e alvo, e por aí vai. Acho melhor jogar um ctrl+F no Google e buscar um a um. O que tem de gente que faz isso. Que iniciem os processos. ”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (rcmt_). “cheirinho de processo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Pampam, Simone. (simonepampam). “Esses são os "cidadãos de bem" que o governante mor tanto proclama.. Saíram todos das cavernas onde habitavam e agora sentem-se bem representados.. Muito ruim viver num tempo desse”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (xuliafh). “nossa mãe mesmo, pode denunciar ao vivo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (joao_do_pneu). “O "nossa" já diz muito, os tempos mudaram e é isso, como um app

ou aparelho, todos nós temos que nos atualizar, mas mudar dá trabalho e é doloroso, ainda no caminho ainda tem que engolir um baita orgulho, por isso essa glr tem resistência a mudança pro respeito”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Paraventi, Lucas. (lucasparaventi). “Mano q porra é essa?”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. (ZeNovelli). “Idiota racista!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (chewbaccamarada). “Deve ficar feliz em dizer isso e em poder dizer isso de peito aberto”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Correa, Wesley. (wesleycorreass). “Isso é coisa de jornal sensacionalista . Aqui em Belem tem alguns igualzinhos”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Carolina. (fcarol_f). “Que lixo esse sujeito! Deveria sair da emissora algemado. Tenho nojo desse tipo de gente!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (mineirinhaAV). “Esse babaca tem que ser preso”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Marques, José Roberto. (zeromarq). “Tenho certeza que alguém teve ânsia de vômito nesse estúdio!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (LuarteRosa). “Na mesma praça, no mesmo banco...”. 10 de Julho de 2019.
- Tweet. Faria, Camila. (camisll). “Racismo!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Trindade, Emerson. (EMERSONTRINDAD2). “Do SBT? Ah, pode deixar, depois dessa receberá uma promoção da emissora em nome do presidente, também racista”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- alco, Luã. (LuaMuitoMau). “Que escória”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (landooliveira2). “Um cara desses, se a emissora fosse decente, deveria ser demitido sumariamente”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Soares, Paulo. (PauloHSoares). “Que horror! O Brasil virou a casa da mãe Joana! Esse telejornalismo de merda! Não há justiça pra isso! Não há condenação veemente da sociedade ! Lamentável!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (AldaLafeta). “Nojento esse apresentador.Tinha que ser demitido”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (chez_ersina). “Chernobyl”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Patrícia. (patriciacoments). “SBT e suas coleções de esterco”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Prates, Luciano. (LucianoPrates17). “Aí os brancos ricos bolsominions dizem que racismo é assunto que enche o saco. affs”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- (kaka_shark). “Quem é o patrão dele??? Tirem suas conclusões”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Nicácio, Josué. (historiajosue). “Já processaram o racista?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (eusoulud). “@alterosaalerta_ qual o posicionamento de vcs sobre isso??? Vai continuar assim?”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Bastos, Bianca. (eubiancabastoss). “nossss”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Neres, Kaio. (kaio_nr). “Ridículo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (gro5zjan). “espero que tenha saído algemado do programa”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Moreira, Maria. (mariaermoreira). “Que absurdo!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Amorim, Renato. (RenatoAmorim65). “Formadores de opinião deveriam ser melhor preparados e repreendidos de forma mais rigorosa”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (jmaagalhaes). “É muito arromado mesmo né, desculpa, mas esse é o nome certo pra um cara desse”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (LaariiMag). “Ridículo”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Ferreira, Liz. (AlineMacdoAssi1). “Um absurdo é crime grave”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Morelli, Celso. (Ce_Go_Mo). “Sbt? Não precisa falar mais nada”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Macost, Lizandra. (LizandraMacost). “Nojo dessas coisas...isso não é piada!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Saba, Fabiana. (FabiSaba). “O repórter do telão solta até um “nossa” e faz cara de quem não está crendo naquilo. E qual a postura da rede? Espero que tenha tirado do ar esse apresentador racista!”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (messiaspe). “Você acha mesmo que ele não sabe que racismo é crime? Vai ver taça atrás de uma promoção es tipo Waack”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (livredeboylixo). “No dia q esses racistas forem presos, aí sim nossa sociedade avança”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- (nielqew). “ESCROTOOOOOO”. 10 de Julho de 2019. Tweet.
- Canuto, Alberto. (alberto_canuto). “Tem que cassar a concessão do SBT. Essa

emissora tem que ser responsabilizada junto com esse lixo de apresentador”. 10 de Julho de 2019. Tweet.

- Os *tweets* acima foram retirados do Twitter e transcritos exatamente como foram escritos